This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

A 858,796

PROPERTY OF
University of Michigan Libraries
1817
ARTES SCIENTIA VERITAS

CANTOS POPULARES PORTUGUEZES

RECOLHIDOS DA TRADIÇÃO ORAL

E COORDENADOS

POR

A. Thomaz Pires

VOLUME II

ELVAS

TYPOGRAPHIA PROGRESSO

14—Rua Pereira de Miranda—14

1905

2

63-275359

CANTOS POPULARES PORTUGUEZES

(Volume II)

CANTOS POPULARES PORTUGUEZES

II

A Natureza

b) Os vegetaes

2562 De Hespanha nos vem o trigo,
De Santarem o azeite,
Do Algarve nos vem o figo,
A castanha de Alegrete.

(A.)

2563 O Algarve é pae do figo,
E a Beira é mãe da couve;
Eu hei de falar comtigo,
Teu pae é mouco, não ouve.

(A.)

2564 Do Algarve nos vem a palma,
De Portalegre a castanha;
Dizes que tenho outra amada,
Oh que mentira tamanha!

(A.)

2565 Dá o *pulegão* nas vinhas,
A raiva nos gravançaes,
O burgo nas azinheiras,
A mela nos meloaes.

2566 As solteiras são de trigo,
As casadas de cevada,
As viuvas de centeio,
As velhas não valem nada.

2567 Semeei no meu quintal
Cevada, trigo e centeio;
Que lhe importam a qualque
Moitas em *alquéve* alheio.

2568 Tudo o que é verde se sécca
Em vindo o pino do v'rão;
Só meu amor reverdece
Dentro do meu coração.

2569 Tudo que é verde renasce
Lá na entrada do verão,
Tudo torna a renascer,
Só a mocidade não.

2570 Tudo que é verde se sécca
Lá no estio do verão,
Tudo torna ao que é seu,
Só a mocidade não.

2571 Já a aldeia cria herva,
Já não tem passeadores,
Ai de mim! que eu vivo ausente
Dos meus tão lindos amores.

(A.)

2572 Já o adro está de relva,
Já não ha passeadores,
Já não ha quem venha ver
A' janella os seus amores.

(A.)

2573 Já no adro nascem silvas,
Já não ha passeadores,
Já n'esta terra não vejo
Passear os meus amores.

(A.)

2574 Já por aqui não passeias,
Já o caminho tem hervas,
O bem que tu me querias
Diz-me se ainda o conservas.

(D.)

2575 Ao tempo que te não vi
Já o caminho tem hervas;
O bem que tu me querias
Tu diz-me se inda o conservas.

(D.)

2576 Quando Antonio vae á missa
A egreja resplandece,
A herva que Antonio pisa,
Se está secca, reverdece.

(A.)

2577 Amor vario, amor louco,
Amor das hervas do campo,
Eu já me ia admirando
Do teu amor durar tanto.

(T. M.

2578 Eu escrevi na alabaça
Com a penna do meimendro;
Quando á vista me és tão falsa,
Que será em me não vendo.

(A

2579 Degredaram a alabaça,
Ao poejo deram fim,
Degredaram meu amor,
Degredem-me agora a mim.

(A

2580 Linda toalha de Medina,
Estendida na alfazema;
Amei-te com todo o gosto,
Deixei-te com tanta pena.

(A

2581 Na rua de Santo Antonio
'Stá uma verde nabiça,
Que é regada co' os meus olhos
Cada vez que vou á missa.

(T. M

2582 Tendes os olhos pisqueiros,
Como a folha da nabiça,
Trazeis a prisão comvosco,
Não vos faz ninguem justiça.

33 Fui a um nabal aos grêlos
E o nabal por semear;
Ainda tenho unto velho
Do porco que hei de matar.

(T. M.)

34 As cantadeiras da herva
Vão aos grêlos ao nabal,
Já não ha santo nem santa
Que as deixe ficar mal.

(D.)

35 A folha do poêjo é fina,
Nascida na terra fria;
'Stavas tão firme p'ra mim,
Eu não sei quem te desvia.

(E.)

36 Delicado é o poêjo,
Até a folha faz cruz,
Delicados são teus olhos,
Que até á noite dão luz.

(A.)

87 Delicado é o poêjo
Para a açorda dos ganhões;
E' a primeira que vejo
Berrar chibos em funcções.

(A.)

88 Boa herva é o poêjo,
Que se deita na açorda;
Racha-me a cara com beijos,
Tem cautela, não me mordas.

(A.)

2589 A folha da espadana,
Armou combate ao poêjo;
Já dormi na tua cama,
Já matei o meu desejo.

(A.)

2590 Hei de fazer um relogio
De folhinhas de poêjo,
Para contar os minutos
Das horas que te não vejo.

(A.)

2591 Ailé,
Folha do poêjo,
Que faz hoje um mez
Que o meu bem não vejo.

(A.)

2592 Terra de tanto sargaço
Não lhe sei dar os valores;
E' fructa de que eu não gasto,
Dar *terela* a dois amores.

(A.)

2593 O primeiro amor que eu tive
Mandei-o ao *saragaço*,
A este que agora tenho
Depressa o mesmo lhe faço.

(A.)

2594 *Dêtê-me* a dormir um somno
O' pé de um *saragaço*,
Acordê, *ôvi* dizer:
Bem padece quem é falso.

(A.

)5 Eu sou como a *s'ragacinha,*
Que nasce p'los *s'ragaçaes;*
O' minha branca pombinha,
Cada vez te quero mais.

(A,)

)6 Herva das sete sangrias,
Boa para os crescimentos;
Meu amor, eu não sabia
Que demudavam os tempos.

(A.)

)7 P'ra curar constipações,
Herva das sete sangrias;
Essa tua opinião
Tiro-t'a eu em dois dias.

(A.)

)8 Não é a ceifa que mata,
Nem são as calmas do v'rão,
E' a herva *unha gata,*
Mais o cardo *beija-mão.*

(A.)

99 Olha a *unha gata,*
Mais o cizirão,
A maldita herva
Que nasce no pão.

(A.)

)o Já hoje bebi um caldo
Da verdura da urtiga;
Ninguem falará de mim,
S'não quem tem que se lhe diga.

(A.)

2601 Hortelão da horta nova,
Que rega o pé á urtiga;
Anda agora muito em moda:
'Stás pedida, rapariga.

(

2602 Os 'studantes de Coimbra
Não comem senão urtigas,
Andam a poupar dinheiro
Para dar ás raparigas.

(

2603 Lindos campos de Coimbra,
Semeados d'açafrão;
Essa tua aria tão linda
Foi a minha perdição.

(

2604 Já lá vae, já se acabou
O tempo dos agriões,
Alabaças tambem servem
Em certas occasiões.

2605 O alecrim é encontro,
Eu morro por te encontrar,
Se tu morres por me vêr,
Eu morro por te falar.

(B.

2606 O' alecrim, rei das hervas,
Retiro dos passarinhos;
A quem *destes* os abraços,
Vae tambem dar os beijinhc

2607 Das *felores* que ha no campo
O alecrim é o *rê;*
Disseste que me deixaste,
Mas *ê* é que te *dêxê.*

(A.)

2608 O alecrim do deserto
E' rei de todas as flores;
Eu hei-de saber ao certo
Se tu tens outros amores.

(A.)

2609 O alecrim da Italia
Tem folha que nunca vi;
Não me percas o amor,
Que eu inda t'o não perdi.

(A.)

2610 O alecrim da muralha
Quando reverdece chora;
Sempre ha de haver quem se metta
Na vida de quem namora.

(A.)

2611 O alecrim da varanda
Dá-lhe o vento, cáe-lhe a flôr;
Hei-de vencer 'ma demanda
Que tenho com meu amor.

(A.)

2612 O alecrim d'esta terra
Não é como o da minha,
Este tem a folha larga,
O meu tem-n'a miudinha.

(A.)

2613 Alecrim pega d'estaca,
Mangerona de raiz;
Não te gabes que me deixas,
Fui eu a que te não quiz.

(A.)

2614 Déste-me alecrim por prenda,
Por ter a folha miuda,
Nem o alecrim é prenda,
Nem o meu amor se muda.

(D.)

2615 Déste-me alecrim por prenda,
Por ter a folha miuda,
Quizeste me esp'rimentar:
Quem é firme não se muda.

(A.)

2616 Ao alecrim na chapada
Dão A altura que elle q'ria;
Os olhos da minha amada
São pedras de cantaria.

(A.)

2617 Puz-me a chorar saudades
Ao pé do verde alecrim,
As folhas me responderam:
Tudo co' o tempo tem fim.

(A.)

2618 Entrei pelo jardim dentro,
E do alecrim fiz encosto;
Não me importa andar em fama
Com amor que é do meu gosto.

(A

2619 A' porta da minha sogra
Bate o alecrim na areia;
Tu és a minha prisão,
Eu sou a tua cadeia.

(A.)

2620 Considera, amor, que eu durmo
N'uma cama d'alecrim,
Se dormira nos teus braços
Seria um dormir sem fim.

(A.)

2621 Hei-de-te assentar o nome
Na folha do alecrim bento,
Para te lembrar's de mim,
Meu castello cheio de vento.

(A.)

2622 O' alecrim de Castella,
Alfazema da Galliza;
Diga lá, minha menina,
Se quem ama paga siza.

(A.)

2623 O amor do alveneu
E' com' *ó* talo da *alfaça,*
Em se acabando a obra,
Menina, o que quer que eu faça?

(A.)

2624 Déste-me a comer alface,
Logo me déste verdura,
Logo o meu coração disse:
E's amor de pouca dura.

(A.)

2625 Alfazema é que é de cá,
O alecrim vem de fóra;
Anda agora muito em moda
As calças á portinhola.

(A.)

2626 Eu bem sei a quem tu déste
Um raminho d'alfazema:
Deixaste-me a mim por outra,
Algum dia terás pena.

(A.)

2627 Eu queria cantar alto,
Mas a voz já não me ajuda,
Vou esfregar a garganta
Com um raminho de arruda.

(M.)

2628 Dizeis que a *ruda* que amarga,
Quem vol-a deu a *buber?*
Segredos d'este meu peito
Quem vol-os deu a saber?

(B. A.)

2629 Não sabes que significa
A arruda pelos valados?
Significa durar pouco
Arrufos dos namorados.

(E.)

2630 Cuidas que eu não conheço
A arruda pela toada?
Faça-me eu desentendida,
Que a mim não me escapa nada.

(D.)

2631 Adeus ó lameira verde
Onde nasce o *aṣêdem;*
Só te divertes commigo
Quando não tens mais ninguem.

(T. M.)

2632 Amor, já lá vae o tempo
Da folha da batateira;
Eu gosto da moça varia,
Dá tudo quanto se queira.

(A.)

2633 Passarinho, arr'bita o bico,
Vae cantar ao meu quintal,
Põe o pé na batateira,
Estremece o batatal.

(A.)

2634 Quem te disse, beldroéga,
Que o queijo tira a memoria?
Quem t'o disse, não mentiu,
Que o cantar tambem tem hora.

(B. B.)

2635 O queijo é p'r'ás beldroégas,
Os ovos para as ervilhas;
Que Deus faça as velhas cegas,
P'ra eu conversar co'as filhas.

(A.)

2636 O queijo com beldroégas,
O bacalhau com ervilhas,
No tempo da minha avó,
E' o que ella dava ás filhas.

(A.)

2637 Chamaste-me belladona,
Por me ver's tão descórada,
Se eu amar teu coração
Serei bella e encarnada.

(A.)

2638 Mal o haja a cabaceira,
Tanto cabaço tem dado,
Deus permitta, a Virgem queira,
Que me tenha algum guardado.

(A.)

2639 Ai, minha verde canninha,
Verde canna em botão;
Hei-de seguir o intento
Que me diz meu coração.

(D.)

2640 O' minha canninha verde,
Verde canna, agora, agora;
Ausente d'esse teu corpo,
Meu coração logo chora.

(D.)

2641 O' minha canninha verde,
O' minha verde canninha,
Salpicadinha d'amores,
D'amores salpicadinha.

(D.)

2642 O' minha canninha verde,
O' minha verde canninha,
Se eu soubera que eras tu,
Inda mais depressa vinha.

(D.)

2643 O' minha canninha verde,
O' minha verde canninha,
Não faças *la* tua cama,
Anda-te dormir á minha.

(D.)

2644 O' minha canninha verde,
O' verde minha canninha,
Meu amor quem te atirara
C' uma laranja da China.

(D.)

2645 O' minha canninha verde,
O' minha salta p'r'ó ar,
Hei-de-te dar uma saia
Que te dure *té* acabar.

(D.)

2646 O' minha canninha verde,
O' minha salta paredes,
Hei-de-te dar uma saia
Que te dure nove mezes.

(D.)

2647 O' minha canninha verde,
Verde canna, rocócó,
Fala p'ra quem tu quizeres,
Que eu falo para ti só.

(M.)

2648 O' minha canninha verde
Verde *canna* d'encannar;
Não q'rias casar commigo
P'ra que me andaste á enganar.

(T. M.)

2649 O' minha canninha verde,
Verde canna de encannar,
As meninas dos meus olhos
Se arrasaram com chorar.

(D.)

2650 O' minha canninha verde
Tornemos a começar,
Tornemos á vacca-fria,
Que me cresceu do jantar.

(D.)

2651 O' minha canninha verde,
O' minha S. Joanneira,
Não ha dinheiro que pague
A mocidade solteira.

(D.)

2652 O' minha canninha verde,
O' minha São Joanneira,
Se quer's atirar, atira,
Eu não te arreio bandeira.

(D.)

2653 O' minha canninha verde,
Verde canna, tanto monta,
Vieste por muito esperta,
Agora tapei-te a bocca.

(D.)

2654 O' minha canninha verde,
O' bella canna sem lei,
Dá-me a tua liberdade
Que a minha já te a dei.

(D.)

2655 O' minha canninha verde,
O' meu panninho de armar,
Inda te agora virei,
Já te tornas a virar.

(A.)

2656 O' minha canninha verde,
Verde canna, *fuge, fuge,*
Se vens p'ra cantar comigo,
Pega nos sóccos e *fuge.*

(D.)

2657 O' minha canninha verde,
Verde canna, *fuge, fuge,*
Os olhos do meu amor
São brancos como a *ferruge.*

(D.)

2658 Deixa-te estar canna verde
Ao pé do cannavial;
Quem dá filhas a viuvos
E' um peccado mortal.

(A.)

2659 Deixa-te estar canna verde
Lá no teu cannavial;
Deixa-te estar meu amor,
O' pé de mim não 'stás mal.

(D.)

2660 Deixa-te estar canna verde
Dentro do cannavial;
Ainda não vejo ao mundo
Quem te a ti ha de lograr.

(A.)

2661 Quem achar a canna verde
Faça favor de m'a dar,
Que eu trazia-a no meu peito,
Não dei fé de me faltar.

(M

2662 Quem achar a canna verde
Queira-m'a restituir,
Eu trazia-a no meu peito,
Não dei fé d'ella cahir.

(M

2663 Encostei-me a verde canna,
Fiquei todo atormentado;
Só os teus olhos, amor,
Me trazem hoje encantado.

(A

2664 Encostei-me á canna verde,
Cuidando que não quebrasse,
A canna verde eraôca,
Faltou como tu faltaste.

(A

2665 Canna verde, verde canna,
Trago eu no meu collete,
Que m'a deu o meu amor,
Que é um lindo ramalhete.

(E

2666 Eu pintei a canna verde
Na egreja de Roriz,
Eu pintei-a, bem pintada,
Na ponta do teu nariz.

2667 A canna verde no ar,
E a canna verde na areia,
Quem as fôr desenterrar
Tem cem annos de cadeia.

(A.)

2668 Os meus olhos não são pretos,
São da côr da verde canna,
Ainda que são pequenos,
São leaes a quem os ama.

(T. M.)

2669 Desterrado, meu amor,
Verde canna na raiz;
Hei-de seguir o intento
Que o meu coração diz.

(D.)

2670 O' canna real das cannas,
Quem te mandou aqui vir?
Se te eu agora matara
Quem te havia de acudir?

(D.)

2671 Sêdes alta como a canna,
Delegada com'á linha,
Tendes o andar de rola,
E *manear* de pombinha.

(B. A.)

2672 Esta noite, por meu gosto,
Fui dormir ao teu quintal,
Cobri-me com duas cannas
Lá do teu cannavial.

(A.)

2673 Abre-te, canna da India,
Toma tabaco, Thereza,
Navega, não vás ao fundo,
Minha maçã camoeza.

(A.)

2674 Abre-te, canna da India,
Que me quero metter dentro;
Estou mal com meu amor,
Quero mostrar sentimento.

(A.)

2675 Abre-te, canna da India,
Que te quero ver o meio;
Se tu me quizeras bem
Não andavas ó passeio.

(D.)

2676 Abre-te ó canna da India,
Que te quero ver o meio;
Que me tragas enganada
E' o que eu mais arreceio.

(M.)

2677 O' canna verde da India,
Coberta de nó em nó;
Uma ausencia custa muito,
Eu por mim me julgo só.

(A.)

2678 Os primeir's amor's que eu tive
Foram ao matto, á carqueja,
E estes que agora tenho
Hão de ir comigo á igreja.

79 Eu fui ao campo á carqueja,
Empecei n'um *saragaço;*
Estes rapazes d'agora
São bons p'ra comer bagaço.

(A.)

80 O carrasco é desterro,
Desterrada seja a murta;
Se eu te logro a ti, menina,
Teu pae é que tem a culpa.

(A.)

81 O carrasco é distancias,
Que nasce pelas campinas;
Bem distanciadas que andam
As tuas falas das minhas.

(A.)

82 Não ha lenha como o carrasco,
Nem pau como o de azinho,
Nem rapaz como um bom frasco,
Cheio de aguardente ou vinho.

(A.)

83 Já cortei o bico á rôla,
Que me comia o centeio;
Quem tem o amor bonito
Zomba de quem o tem feio.

(A.)

84 Já cortei o bico á rôla,
Que me comia o centeio;
Quem me dera ter guarida
Ahi dentro do teu seio.

(A.)

2685 Lá em junho é que se cortam
As palhinhas ao centeio;
Cá a mim pouco me importam
Moitas em *alquéve* alheio.

(A.)

2686 A horta do meu amor
No meio tem um cipó;
Quero-te bem, já t'o disse,
Quero-te bem a ti só.

(A.)

2687 Nasce o cizirão na terra,
Cresce, enleia-se no trigo;
Oh! quem fôra cizirão,
Que me enleiara comtigo.

(A.)

2688 Ailé,
Lá no cizirão;
Falo-te a verdade,
Não é mangação.

(A.)

2689 Semeei no meu quintal
Os coentros ás mãos cheias;
Tanto custaram a Deus
As bonitas, como as feias.

(A.)

2690 Fui m'á praça a comprar *côve,*
Nan comprê senam repolho;
Raparigas *nam* se fiem
Em rapaz que pisca o ôlho.

(A.)

2691 O amor do alveneu
E' como o talo da couve,
Depois da obra acabada,
Adeus menina, que eu vou-me.

(A.)

2692 O meu amor é de longe,
Indas que eu cante não me ouve,
Hei-de-lhe mandar 'screver
Na pontinha d'uma couve.

(D.)

2693 O meu lindo amado
Faz que me não ouve,
Cata caracóes
Na folha da couve.

(A.)

2694 Encontrei a douradinha,
No adro de uma egreja;
Não ha mulher com ventura,
Nem homem que leal seja.

(A.)

2695 Encontrei a douradinha,
Nas escadas da igreja;
Quem me tirar o meu bem
Em ferros d'El-Rei se veja.

(A.)

2696 Encontrei a douradinha
Nas escadas da egreja;
Anda o mundo bem mudado,
Ninguem logra o que deseja.

(A.)

2697 Hei de deixar-te sósinha,
Bem como o espargo no monte,
P'ra te ver andar chorando
Lagrimas, de monte em monte.

(A.)

2698 Quem me déra estar tão alto,
Como a esteveira na serra;
Que avistára o meu amor
Onde quer que elle estivera.

(A.)

2699 Quem subir a serra d'Ossa,
Tem que ir devagarinho,
Apartando as esteveiras,
Que lá ha pelo caminho.

(A.)

2700 Já cahiu a folha ao féto,
Já lá vae a liberdade;
Hei de casar a meu gosto,
Inda que seja mais tarde.

(A)

2701 O' altos montes, ouvi-me,
Fiétos verdes, falae-me;
Se vos fiz algum delicto,
Aqui me tendes, matae-me.

(B. A.)

2702 Não cortes a folha ao féto,
Nem a raiz á serralha,
Que é o sustento dos homens
No annõ em que não ha palha.

(A.

2703 Não córtes a videirinha,
Nem a raiz á serralha,
Que é o sustento dos homens
Nos annos de pouca palha.

(D.)

2704 O' folhinha da *sarralha*,
O' raiz do *almêrão*,
E' o sustento dos homens,
No anno que não ha pão.

(A)

2705 Minha fala, minha fala,
Minha fala já não presta,
'Stá agreste, retorcida,
Como a folha da giesta.

(A)

2706 Côr de rosa, côr de rosa,
Giesteira côr de limão,
No Cercal um arco d'ouro,
Onde as moças lindas são.

(D)

2707 Desafio, desafio,
Desafio á giésta,
A culpa tive-a eu
Desafiar quem não presta.

(M.)

2708 Quem me déra ser como a hera,
Pela parede a subir,
Para chegar á janella,
Do teu quarto de dormir.

(A.)

2709 Ailé,
Na folha da hera;
Quem não tem amores
Não os considera.

(A.)

2710 Herva cidreira no monte,
Vós porque não daes fructo?
O anno foi muito secco,
Ficou o verde, foi muito.

(A)

2711 Herva cidreira no monte
E' regalo do pastor,
Deita o gado a comer,
Vae falar ao seu amor.

(A.)

2712 A hortelã é crueza,
Menina não seja crua,
Seu pae não *na* mette freira,
Aceite quem *na* procura.

(B. A)

2713 Hortelã é herva bôa,
Mas amarga lhe a raiz;
Você diz que me não quer,
Fui eu a que te não quiz.

(A.)

2714 —Diz amor, que significa
A hortelã verde-louca?
—Significa lealdade.
—Eu em ti vejo bem pouca.

(A.)

5 A hortelã verde louca,
Colhida na madrugada,
Para a dôr do cotovêllo
E' medicina approvada.

(M.)

16 A hortelã é me falsa,
Fallemos com o *serpom*,
Quem não quer que o mundo falle
Não lhe dê *occasion*.

(M.)

17 O jasmineiro é verde,
As flôres que dá são brancas;
Como hei-de mostrar carinhos
A quem me mostra carrancas.

(A.)

18 Venha junça e tres a atar,
Não faltará nósaria,
Quem este nó desatar,
Ha de ter sabedoria.

(A.)

19 Puz o pé no junco verde,
Fil-o andar ao redor;
Não ha cousa que mais custe
Do que o apartar do amor.

(M.)

20 Menina, aperte-se bem,
Como o junco na junqueira;
Quanto mais apertadinha,
Mais encontra quem a queira.

(A.)

2721 Lindos campos de Coimbra,
Rodeados de linhaça;
Tanto te hei de dar na vista,
Que te hei de cair em graça.

(D.)

2722 Maria, *munda* o teu linho,
Não te ponhas á janella,
Que passei hontem por elle,
Não sei se é linho, se é herva.

(M)

2723 Maria, *munda* o teu linho,
Não te ponhas á janella,
Munda-o e bem *mundado,*
Que todo o linho tem herva.

(M)

2724 Eu perdi o meu amor
Entre as arestas do linho,
Agora ando gritando
Pelo meu agasalhinho.

(D.)

2725 Quem me déra ser tão fino
Como o linho que fiaes,
Que vos déra tantos beijos
Como vós no linho daes.

(D.)

2726 —O' madresilva cheirosa,
Aonde deixaste o cheiro?
—Deixei-o na tua cama,
Nos folhos do travesseiro.

(A

2727 O' madresilva cheirosa,
Felor do mangericão;
Quem te disse, ó madresilva,
Que o meu amor é João.

(A)

2728 A madresilva cheirosa
Anda no seu limoeiro,
Anda de ramo em raminho,
Se cáe no chão perde o cheiro.

(A.)

2729 A *felor* da madresilva,
Tenho-a eu no meu quintal;
Para dar *ó* meu amor,
Se comigo estiver mal.

(A.)

2730 Tu dizes, eu acredito,
Que a folha da malva é verde;
Faz as div'das que quizeres,
Que eu pagal-as não hei de.

(E.)

2731 Tu dizes, eu acredito
Que a *felor* da malva é roxa;
Todas fazem o delicto,
Só eu carrego co'a trouxa.

(A.)

2732 A *felor* da malva é roxa,
Tu o dizes, acredito,
Assim 'stá meu coração,
Quando me vejo *affelicto*.

(A.)

2733 A *felor* da malva é roxa,
De roxa mette terror;
Se me tens sido fiel
Inda me has de crer, amor.

(A.)

2734 A *felor* da malva é roxa,
De roxa mette terror:
Quem me quiz bem n'algum tempo
Inda me ha de ter amor.

(A.)

2735 Debaixo da malva roxa,
'Stá meu amor a chorar;
Mais vale um bom desengano,
Que prometter e faltar.

(A.)

2736 Lá detraz da malva roxa,
Vem o girasol nascendo;
Eu bem sei quem anda triste,
E quem se alegra em me vendo.

(A.)

2737 Na folha da malva roxa
Tenho o amor encoberto;
Todos dizem que namoro,
Ninguem o sabe decerto.

(A.)

2738 O' meu amor, meu amor,
Flôr da malva regadia;
Já não ha amor's leaes,
Como havia algum dia.

(E.)

2739 Malva roxa regadia
Tenho eu para jantar;
Ainda ha de ter bom olho
Quem me a mim ha de lograr.

(A.)

2740 O mundo tambem se engana,
Na folha do malvaisco;
Ai, ai, que me estou a rir
Do meu amor, que é Francisco.

(E.)

2741 Mangericão da janella,
Todo bordado aos ramos;
Os dias que te não vejo
Todos me parecem annos.

(D.)

2742 Mangericão da janella,
Já te podes ir seccando,
Já morreu quem te regava,
Eu já me vou enfadando.

(B. A.)

2743 Mangericão da janella,
Dá-me a mão, que quer' subir,
Eu tenho muita vergonha,
Pela porta não hei de ir.

(B. A.)

2744 Mangericão miudinho,
Tosquiado pelo meio,
Estes rapazes d'agora
O que querem é palcio.

(B. B.)

2745 Mangericão miudinho,
Recortado até á ponta;
Se eu quizer dizer, bem sei,
O amor que me faz conta.

(E.)

2746 Mangericão miudinho,
A' janella do abbade;
Nunca vi homem mentir,
Nem mulher falar verdade.

(D.)

2747 *Manjaricão* orvalhado,
Mal haja quem te orvalhou;
Inda me hei de ver vingado
De quem de mim se vingou.

(A.)

2748 Mangericão *felorido*
E' coisa que nunca vi;
Não me percas o amor,
Que eu ainda t'o não perdi.

(D.)

2749 Mangerico á janella
Menina não o tenhaes,
Dá-lhe o vento, bole, bole,
Cuido que vós me acenaes.

(A.)

2750 Mangerico á janella
E' arv're que não dá fructo,
Dá-lhe o vento na folhinha,
Fica a janella de lucto.

(A.)

1 Não me aperte a mão,
Que eu não sou quem cuida,
Sou mangericão
De folha miuda.

(A.)

52 Mangerico recortado,
Dá-lhe o vento, cae-lhe a flôr;
O' quem quer comprar em praça
O c'ração do meu amor.

(A.)

53 Mangerico recortado,
Dá-lhe o vento, abana, abana;
Não ha balas que atravessem
Aquella Rosa tyranna.

(A.)

4 Mangerico recortado,
Dá-lhe o vento, abana, abana;
Quem me déra já chamar
À tua irmã minha mana.

(A.)

5 Mangerico redondinho,
O teu verde é de encantar;
A donzella que é honesta
Sempre tem com quem casar.

(A.)

5 D'aqui onde estou bem vejo
O mangerico orvalhado,
Tambem vejo uns lindos olhos
N'um corpinho delicado.

(A.)

2757 Mangerico orvalhado,
Mangerico, meu desvelo;
Se eu sirvo nas faltas d'outrem,
Te digo amor que não quero.

(A.)

2758 Mangerona é prisão,
Eu com ella me prendi;
O' meu amor da minh'alma,
Eu não posso estar sem ti.

(A.)

2759 Sois baixa, sois redondinha,
Sois bem como a mangerona;
Tendes olhos feiticeiros,
Quem t'os roubara, ladrona.

(E.)

2760 Fui ao campo colher flôres,
Colhi mangerona aos molhos;
Amar a quem nos não ama
E' forte cegueira d'olhos.

(A.)

2761 Mangerona bate á porta,
Alecrim vae vêr quem é,
São os olhos de Maria,
Que vem ver os de José.

(A.)

2762 *Passê pola* mangerona,
Corri a mão p'la semente;
Passê por esses têS olhos,
Fiquê presa para sempre.

2763 Rouxinol, que tão bem cantas,
Vae cantar ao meu jardim,
Põe o pé na mangerona,
E o bico no alecrim.

(A.)

2764 Rouxinol, que tão bem cantas,
Vae cantar á minha horta,
Põe o pé na mangerona,
O bico na cepa torta.

(A.)

2765 O sabbado é mangerona,
Domingo cheiro excellente;
Meu amor é um encanto,
Pois encanta a toda a gente.

(A.)

2766 Mangerona aborrecida,
Eu tenho p'ra te abor'cer,
Diz-me os defeitos que tenho,
P'ra me poder conhecer.

(A.)

2767 Que bella herva é o mentastro,
E' herva que o boi não come;
O meu amor é boieiro,
Elle é um bizarro *home*.

(A.)

2768 O *mantrasto* é cuidado,
Vós com elle me trataes,
Eu pensei, minha menina,
Que vós que me q'rias mais.

(M.)

2769 O *mandrasto* é desterro,
Não o *desponhas* na horta;
Eu bem desterrado ando,
Meu amor, da tua porta.

(A.)

2770 Dizeis que viva Ramalde,
Não sei que graça lhe achaes,
Terra do milho miudo,
Alimento dos pardaes.

(D.)

2771 Minha mãe case-me cedo,
Emquanto sou rapariga,
Que o milho sachado tarde
Não dá palha, nem dá espiga.

(E.)

2772 Casae-me, meu pae, casae-me,
Em quanto sou rapariga;
O milho sachado tarde
Pucha a palha, não dá espiga.

(M.)

2773 Minha mãe, casae-me cedo,
Em quanto sou rapariga;
O milho sachado tarde
Nunca dará boa espiga.

(D.)

2774 Os olhos d'Anna parecem
Milho miudo na eira,
Inda não está semeado,
Já *verdenga* na ribeira.

(C

75 Menina, vamos á murta,
Se bem a sabe apanhar,
Debaixo da verde murta
Mil abraços lhe hei de dar.

(T. M.)

76 Meu amor, vamos á murta,
Que eu bem *na* sei apanhar,
Debaixo da *martinheira*
Mil abraços te hei de dar.

(A.)

77 Menina da poupa alta,
Ponha-lhe um ramo de murta,
Que anda agora muito em moda
Meia branca e saia curta.

(A.)

78 Raminho de murta verde,
Inda te hei de convencer,
A murta dá-se a quem morre,
Eu por ti hei de morrer.

(A.)

79 Ailé,
Eu quero-te tanto
Como á flôr da murta
Criada no campo.

(A.)

80 Já te disse murtinheira,
Que não désses mais murtinhos,
Anda a justiça na terra
Prendendo quem faz carinhos.

(D.)

2781 A *murtinhêra quebrô-se,*
Já não póde dar murtinhos;
Já *nan* ha quem *quêra* dar
Abraços, tambem *bêjinhos.*

(A.)

2782 A murtinheira é de vidro,
Apertada na mão *esgaça,*
Tambem tu, minha menina,
E's como a pêra cabaça.

(D.)

2783 A murtinheira me disse
Que eu que havia de ir á lenha,
Vae-te embora, murtinheira,
Que eu tenho quem me mantenha.

(D.)

2784 A murtinheira me disse
Que eu que havia de ir com ella,
Vae-te embora, murtinheira,
Que eu não vou á tua terra.

(D.)

2785 O' povo de S. Vicente,
Cercado de piornaes,
Onde vae o meu amor
Dar os seus sentidos ais.

(A.)

2786 Muito bem parece a pita
Lá ao pé da minha aldeia;
Já tenho uma mais bonita
Não te quero a ti, que és feia.

(A.)

2787 Algum dia, n'esta rua,
Havia aqui 'ma roseira,
Onde os meus olhos paravam,
Agora vão de carreira.

(A.)

2788 Minha bella rapariga,
Já por lá eu não dou voltas,
Já cortaram a roseira
Que tinhas ás tuas portas.

(A.)

2789 Ai, Jesus! que eu já não vou
Ao castello dar a volta,
Já cortaram *na* roseira
Que o meu amor tinha á porta.

(A.)

2790 Chamaes-me trigueirinha,
Isto é do pó da eira,
Has de me vêr ao domingo
Como a rosa na roseira.

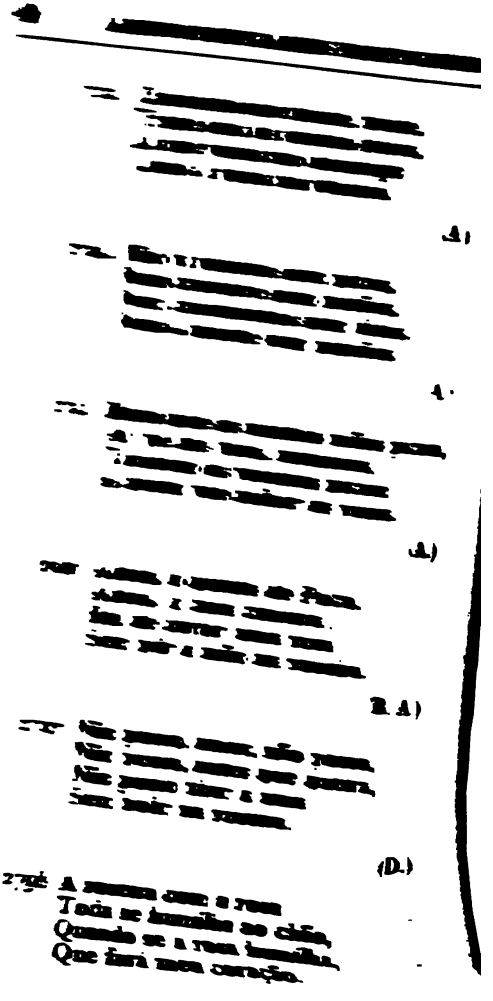
(T. M.)

2791 Chamaste-me trigueirinha,
Isto é do pó do pão,
Tu me verás no domingo
Como a rosa em botão.

(A.)

2792 Chamaste-me trigueirinha,
Isto é do pó da estrada,
Lá me verás no domingo
Como a rosa encarnada.

(A.)



2799 Bella rua da Cadeia,
E' rua como as demais,
Tem no centro uma roseira
Com quatro rosas eguaes.

(A.)

2800 Das plantas do meu quintal
A mais linda é a roseira;
Por muitas m'ninas que eu ame,
Nunca me esquece a primeira.

(A.)

2801 Que lindo botão de rosa
Aquella roseira tem,
Quem me déra possuil-a
P'ra off'recer ao meu bem.

(A.)

2802 Eu tenho no *mê* quintal
Sete vasos com *rosêras,*
Que teem sido invejados
P'las raparigas *soltéras.*

(A.)

2803 Foi-se a rosa da roseira,
Fechou-se a porta ao jardim;
Raparigas d'este tempo
Já se não lembram de mim.

(A.)

2804 *Nan* me chegues á roseira,
Nan me colhas os botões,
Nan me précures riqueza,
Précura me gerações.

(A.)

2805 Hei-de-me ir a esconder
N'uma roseira d'armar;
Se me não levas ao geito,
A' força não sei amar.

(A.)

2806 Hei-de-me ir a esconder
N'uma roseira d'armar;
De todos me hei-de esquecer,
Só de ti me hei-de lembrar.

(A.)

2807 Quando a roseira dér cravos,
E a craveira dér rosinhas,
Só então se encontrarão
As tuas penas co'as minhas.

(A.)

2808 Se o rosmaninho é somno,
Quem tem somno vae dormir,
Eu tenho somno e não durmo,
Meu amor, p'ra te assistir.

(A.)

2809 Fui ao campo colher flôres,
Colhi rosmaninho aos molhos;
Ao amor fóra da terra
Não se lhe póde pôr olhos.

(A.)

2810 Os primeir's amor's que eu tive,
Mandei-os ó rosmaninho,
Estes que eu agora tenho
Levam o mesmo caminho.

(A.)

2811 O rosmano no outeiro
Mesmo parece um jardim;
Eu a ti não te aborreço,
Tu aborreces-me a mim.

(A.)

2812 Lá a salsa brava tem
Repartimento na folha;
Tenho dito ao meu amor:
Emquanto ha duas ha escolha.

(A.)

2813 Salsa da beira do rio
Quem te comer morrerá;
Quem falar p'r'o meu amor
Pouca vergonha terá.

(D.)

2814 Salsa da beira do rio,
De mimosa, cae-lhe a folha;
Tenho um amor bem bonito,
Se não houver quem m'o tolha.

(D.)

2815 A salsa d'alem do rio
Grande conselho me deu:
Que não tivesse amor firme
Sem o sujeito ser meu.

(T. M.)

2816 Semeei salsa no rio,
Hortelã na outra banda;
Não se pódem ter amores
Da sorte em que o mundo anda.

(ALG.)

2817 Salsa verde é lealdade,
Bem leal te tenho sido,
Hei-de sel-o até á morte,
Meu amor, para comtigo.

(A.)

2818 Semeei a salsa verde
Entre as portas da egreja;
Não ha mulher com ventura,
Nem homem que leal seja.

(A.)

2819 Semeei a salsa verde
Nos escuros pinheiraes;
Cuidando que me esquecias,
Cada vez me lembras mais.

(B. A.)

2820 Semeei salsa no campo,
Logo m'a foram tirar;
Mais vale um bom desengano,
Que prometter e faltar.

(A.)

2821 A salsa vende-se aos molhos,
O alecrim ás mãos cheias;
Tanto custaram a Deus
As bonitas, como as feias.

(A.)

2822 A salsa subiu ao muro,
Por ser a mais diligente;
Menina que anda d'amores
Quanto mais jura mais mente.

(A.)

2823 Salsa verde melindrosa,
Tem os bicos como a renda;
Estes mocinhos d'agora
Já não ha quem os entenda.

(A.)

2824 Tiraram-me o meu rapaz
Visinhas *d'ó* pé da porta,
Queira Deus lhe dure tanto
Como a salsinha na horta.

(A)

2825 A salsa verde é gostosa,
Eu muito gosto de ti,
Quando eu deixar de te amar
Dize amor que eu morri.

(D.)

2826 A' salsa da minha horta
Hei-de-lhe cortar os bicos;
Assim eu picasse os olhos
A quem anda com mex'ricos.

(A.)

2827 A salsa subiu ao alto,
A hortelã vem de volta;
Tomar amores não custa,
Deixal-os pouco me importa.

(A.)

2828 Salsa verde é melindrosa,
E nasce pelas paredes,
Tambem eu tenho melindres
Com o meu amor, ás vezes.

(A.)

2829 Salsa verde na parede,
Tem a folha retorcida;
Retorcida tenha a lingua
Quem falar na minha vida.

(A.)

2830 Salsa verde na parede,
Tem uma grande apparencia;
Muita amizade se perde
Por falta de diligencia.

(A.)

2831 Salsa verde na parede,
Murta fica ao desengano;
Mais prende o amor n'um dia,
Que a justiça em todo o anno.

(A.)

2832 Salsa verde na parede,
Dá-lhe o vento, torce, torce;
Quem espera o seu amor,
Ou lhe escarra, ou lhe tosse.

(A.)

2833 Dizei o que significa,
Que vem a significar,
A salsa pelas paredes
Sem a ninguem semear.

(D.)

2834 O gosto que tem a salsa,
Meus olhos tem em te vêr,
Trago-te no centro d'alma,
Não me pódes esquecer.

(D.)

2835 Tenho uns sapatos de couve
E com solinhas *d'alfaça,*
Debruados de coentros,
E os cordõesinhos de salsa.

(A.)

2836 Os olhos da minha amada
São da côr da verde salsa,
Todos dizem são bonitos,
Mas são sempre de má raça.

(A.)

2837 Semeei salsa n'um vaso,
Nasceu-me pelas paredes;
Quem escuta de si ouve,
Assim me acontece ás vezes.

(A.)

2838 A salsa, para ser salsa,
Deve estar no meio da horta;
O amor para ser firme,
Deve estar longe da porta.

(A.)

2839 Salsa verde á minha porta
Qualquer folhinha tempera;
Val' mais um amor de fóra,
Que tres ou quatro da terra.

(A.)

2840 Salsa verde é *letrèia*
São palavras em latim;
Deus me deu no *cante* idéia
Para te falar assim.

(A.)

2841 A salsa pelos outeiros
Alastra quanto ella quer,
E' como o moço solteiro
Em quanto não tem mulher.

(A.)

2842 A salsa subiu ao monte,
A hort'lã na baixa fica;
Não sei como é meu bem,
Não mata, mas mortifica.

(A.)

2843 A salsa subiu ao monte,
Hortelã ficou na nora;
Munta falta tem d'amores,
Que de um primo se namora.

(A.)

2844 A salsa da minha horta
Arrebenta por o pé,
Assim arrebente' os olhos
De quem diz o que não é.

(T. M.)

2845 Salsa verde na parede,
Dá-lhe o vento, torce o pé,
Assim hei torcer a lingua
A quem fala o que não é.

(A.)

2846 A salsa da minha horta
Arrebenta por crescer,
Assim arrebente' os olhos
De quem me não puder ber.

(T. M.)

2847 A salsa do meu quintal
Arrebenta sem chover,
Assim rebentem os olhos
A quem não me puder vêr.

(A.)

2848 A salsa é para o peixe,
Para o fastio, limão,
E para as méças bonitas
O meu terno coração.

(A.)

2849 Semeei no meu quintal
Salsa, e nasceram goivos;
Hoje somos namorados,
A'manhã seremos noivos.

(A.)

2850 Eu nasci d'um pé de salsa,
Uma alface me criou,
Um morango foi meu pae,
Um rabano me chrismou.

(A.)

2851 A porta da minha sogra
'Stá tinta de verde salsa,
Se o seu filho me fôr firme,
Eu nunca lhe serei falsa.

(A.)

2852 O azeite é para a açorda,
A salsa é para o peixe;
Chegue cá, se lhe convem,
Se lhe não sirvo, então deixe.

(A.)

2853 A salsa é para o peixe,
Que nasce pelas paredes,
Os coentros para a açorda,
Que é comida dos maltezes.

(A.)

2854 Se a salsa é para o peixe,
E a hortelã para a couve,
As moças são para os moços,
E as velhas para o açougue.

(A.)

2855 A salsa é para o peixe,
A hortelã para a carne,
Os homens para a mentira,
A mulher para a verdade.

(A.)

2856 Appareça, não se esconda,
Que eu bem a vi á janella,
Colhendo salsinha verde
Para metter na panella.

(A.)

2857 Ailé, ailé,
Salsa verde aos molhos,
Por amor de ti
Choram os meus olhos.

(A.)

2858 Lá na minha horta
'Stá a verde salsa;
O meu bem é firme,
Eu é que sou falsa.

59 Ailé,
Na salsa-parrilha,
Gosto da mãe
Por causa da filha.

(A.)

60 Já lá vem a salva abaixo
Regando o pé á açucena;
Isto de quem tem amores
Qualquer coisa lhe dá pena;

(A.)

61 Qualquer coisa lhe dá pena,
Qualquer coisa lhe dá paixão;
Já lá vae a salva abaixo,
Regando o pé ao chorão.

(A.)

62 O serpão é miudinho,
Créce no meio do souto;
Quem entende por *açano*
Não diga que *save* pouco.

(M.)

63 Quem quizer que a silva cresça
Plante-a na palma da mão,
Vae crescendo, vae deitando
Enleios ao coração.

(A.)

64 Quem quizer que a silva cresça
Ponha-a na palma da mão,
Vae crescendo, vae deitando
Raminhos até ao chão.

(A.)

2865 Quem quizer que a silva cresça
Ponha-a no alto vallado;
Quem quizer o amor firme
Traga-o no peito fechado.

(A.)

2866 Quem quizer que a silva cresça
Ponha-a no alto *vellado;*
Quem quizer ter amor firme
Traga-o *escandelisado.*

(A.)

2867 Por muito que a silva cresça
Ao céo não ha-de chegar;
Por mais amor's que me queiram,
A ti não te hei de deixar.

(A.)

2868 Silva verde, pica, pica,
Inda a secca pica mais;
Por causa das tuas teimas
Dou eu suspiros e ais.

(A.)

2869 Silva verde, pica muito,
Inda a secca pica mais;
Quem dá filhas a marotos
Sempre fica dando ais.

(A.)

2870 Uma silva, duas silvas,
Faz uma balsa fechada,
Uma pica, outra arranha,
Com silvas não quero nada.

(A.

71 A silva que nasce em casa
Logo chega á *cantarêra;*
Busque *mê* pae quem *no* sirva,
Que eu já tenho quem me *quêra.*

(A.)

72 A silva que nasce em casa
Vae bater á cantareira,
A môça casada, alegre,
Sempre parece solteira.

(A.)

73 Dizes que *nan* póde ser
Uma silva dar um cravo,
Aqui me tendes, menina,
Na mesma silva criado.

(A.)

74 Dizeis que não póde ser
Silva verde dar um cravo,
Aqui o trago no peito,
Creado no monte bravo.

(B. A.)

75 Dizes que não póde ser
De um cravo nascer 'ma silva,
Aqui a tens a criar-se
Do mesmo cravo nascida.

(A.)

76 Dizes que não póde ser
Silva verde dar amoras,
E eu tenho á minha porta
Um bacalhau que dá horas.

(A.)

2877 A silva é prendediça,
Prende no pé e na ponta,
Tambem os meus olhos prendem
Onde lhe faz melhor conta.

(M.)

2878 A silva é prendediça,
Prende na terra lavrada,
Tambem os meus olhos prendem
Na parte mais delicada.

(M.)

2879 Já nascem silvas no adro,
Já não veem passeadores,
Já ninguem vem por aqui
Passear os meus amores.

(A.)

2880 Já o adro cria silvas,
Já não ha passeadores,
Já morreram os rapazes,
Já não ha quem tenha amores.

(D.)

2881 Nunca vi a silva verde
No telhado da egreja,
Nem homem com lealdade,
Nem mulher que falsa seja.

(A.)

2882 Ha silvas que dão amoras,
Ha outras que não *nas* dão;
Ha amor's que são leaes,
Ha outros que não no são.

(A

883 Quem me déra ser a silva,
Pela parede a subir,
Ia falar-te á janella
Do teu quarto de dormir.

(E.)

884 A silva subiu ao alto,
Por ser a mais diligente;
Como queres que te eu ame,
Se não quer a tua gente.

(A.)

885 A silva que a mim me prende
Da tua janella nasce,
Nunca a silva me prendeu
Que eu d'ella me não vingasse.

(A.)

886 Tanta silva, tanta silva,
Tanta silva, tanta amora,
Tanta menina bonita,
E meu pae sem ter 'ma nora!

(A.)

887 O' silva, verde grilhão,
'Stás ás flôres enleadinha;
Dentro do meu coração
'Stá o fél d'uma pombinha.

(A.)

888 Não cortes a silva verde,
Que é o enleio da janella,
E' *a escada do amor,*
Que sobe e desce por ella.

(A.)

2889 O meu amor me pediu
Firmeza e mais firmeza;
Eu não sou silva que prenda
Com essa delicadeza.

(A.)

2890 Eu sou a silva que tapa
O portal ao teu jardim;
Que rodeios lhe hás-de dar,
Se nasceste para mim.

(A.)

2891 Silva verde delicada,
Chega-te a mim, faz encosto;
Que importa que o mundo fale,
Sendo o amor a meu gosto.

(A.)

2892 A horta do meu amor,
Toda á roda tem silvado;
Ninguem tem cá que estranhar
De eu usar lenço encarnado.

(A.)

2893 A' porta da minha sogra,
'Stá 'ma silveira amarella,
Todos passam, não se prendem,
Só logo eu me prendi n'ella.

(A.)

2894 O rouxinol quando canta
Mette o rabo na silveira;
Coitadinha da viuva
Que não acha quem a queira.

(A.

2895 Canta o pardal no loureiro,
O rouxinol na silveira,
Os padres cantam no coro,
Rogam a Deus por dinheiro.

(D.)

2896 O trevo é rei das hervas,
A murta rei dos murtaes;
Meu amor, se te reservas,
Cada vez te quero mais.

(A.)

2897 O trevo diz que se atreve
A apartar corações,
Não ha de apartar os nossos,
Que estão presos com grilhões.

(A.)

2898 O trevo diz que se atreve
A trazer amor's ausentes,
Eu não sou trevo, e me atrevo
A tomar amor's p'ra sempre.

(A.)

2899 O trevo diz que se atreve
A roubar-me o meu amor,
Vê que fazes, atrevido,
Olha que eu sou regedor.

(A.)

2900 O trevo diz que se atreve
A cheirar como as mais flores,
Eu sem ser trevo me atrevo
A falar comtigo, amor.

(A.)

2901 O trevo diz que se atreve
A enlear-se pelo trigo,
Eu sem ser trevo *m'astrevo*
Amor, a falar comtigo.

(A.)

2902 Se atrevido é o trevo,
Que nasce no meio do trigo,
Eu não sou trevo, e me atrevo
A tomar amor's comtigo.

(A.)

2903 Entre o trevo nasce o trevo,
Entre o trevo *felorido*,
Entre o trevo não me atrevo
A tomar amor's comtigo.

(D.)

2904 Entre o trevo nasce o trevo,
E entre o trevo florinhas,
Nas faces d'esse teu rosto
Mangericão miudinho.

(D.)

2905 Fui á horta colher trevo,
Achei o trevo colhido,
Sim me atrevo, não me atrevo
A tomar amor's comtigo.

(A.)

2906 Dá-me um raminho de trevo
Para pôr no meu chapeu;
Os olhos de meu amor
São duas 'strellas do ceu.

(A.)

2907 Os dedos das minhas mãos
São cinco espigas de trigo;
A amisade não te a perco,
P'la minha bocca t'o digo.

(A.)

2908 Raparigas não se enlevem
Em rapaz que pisca o olho;
Por cima ceifa-se o trigo,
Por baixo fica o restolho.

(A.)

2909 Quem não semeia não colhe,
Não colh' não póde ganhar,
Quem não deita trigo á terra
Todo o anno anda a berrar.

(A.)

2910 Hei-de-me casar este anno,
Que está o trigo barato,
Minha sogra dá-me um moio,
E minha cunhada um sacco.

(A.)

2911 Hei-de-me casar este anno,
Que é anno de muito trigo,
Minha sogra dá-me um moio,
Mais o paspalhão do filho.

(A.)

2912 Hei-de-me casar este anno,
Este anno é que ha-de ser,
Já o trigo está na eira
E o noivo para nascer.

(A.)

2913 Hei-de-me casar este anno,
Que está o trigo barato,
Minha mulher leva um porco,
E eu levo um cão e um gato.

(A.)

2914 Este anno ha muito trigo,
Deus o abaratará;
Tambem o meu amor comigo
Depressa se ajuntará.

(A.)

2915 Eu não caso com viuvo,
Nem que elle a trigo me cheire,
Que já sabe na semana
Quantos pães dá um alqueire.

(A.)

2916 Semeei trigo n'um valle,
Perdeu-se, nasceu centeio;
Que lhe importa a cada qual
Moitas em *alquéve* alheio.

(A.)

2917 Eu sou como o trigo em maio
Quando começa a lour'jar,
Em qualquer engano cáio
Por muito me acautelar.

(A.)

2918 Eu sou como o trigo em maio
Ceifado no S. João;
Em qualquer engano cáio
Feito pela tua mão.

(A.)

2919 O bom trigo é o que estala
Quando se lhe mette a foice;
Quem não tem bocca é que fala,
Quem não tem pé que dá coice.

(A.)

2920 A folha do trigo verde
O' será ceifada *ó* não;
Eu quero-te bem deveras,
Amor do meu coração.

(A.)

2921 A espiga do trigo verde
Não é como a da cevada;
A minha amizade, amor,
Ao pé da tua é dobrada.

(A.)

2922 Mandas-te-me uma saudade
Dentro d'um bago de trigo,
Não queres que ninguem saiba
Que andO d'amores comtigo.

(A.)

2923 Hei de peneirar o pó
Da farinha do tremez;
Meu amor, se me és leal,
Aqui me tens outra vez.

(A.)

2924 Ailé,
D'aqui a um mez,
Vou-lhe largar fogo
A todo o tremez.

(M.)

2925 Amarello, verde tôjo,
Do tôjo nasce a sciencia;
Quem ateima sempre vence,
Amor faz-lhe a diligencia.

(A.)

2926 Eu sou como o verde tojo
Que me visto d'amarello;
Eu bem sei que te faz mal
O muito bem que te quero.

(A.)

2927 O bem que eu te quiz e quero,
E te tenho p'ra querer,
Cabe na folha d'um tojo,
E mais não a ha de encher.

(A.)

2928 Encontrei o meu amor
De ponta redonda ao tojo;
'Té agora me agradaste,
Agora mettes-me nojo.

(D.)

2929 O meu amor não me fala,
A' 'spera que lhe fale eu,
Quando o trovisco fôr doce
Então lhe falarei eu.

2930 Ailé, (D.)
Folha do trovisco,
O meu lindo amor
Chama-se Francisco.

(A.)

31 Bem podia a trovisqueira
Ser doce e não amargar;
Bem podia o meu amor
Ser firme e não me faltar.

(A.)

32 Hei de amar a trovisqueira
Que é herva de mau sabor;
Quem de mim perde a cegueira
Nunca mais lhe tenho amor.

(A.)

33 Chamaste-me trovisquinho,
Herva de tão mau sabor,
Quem me trovisquinho chama
Já me perdeu o amor.

(D.)

34 Debaixo da «trubisqueira»
Saiu uma perdiz cantando,
Deixemos falar quem fala,
Que é mundo, «bamos» andando.

(T. M.)

35 Eu hei de amar o valverde,
Em quanto tiver verdura,
Hei de amar a quem quizer,
Com ninguem fiz escriptura.

(A.)

36 Eu hei de amar o valverde,
Deixar *o 'scuro* traidor,
Hei de amar quem eu quizer,
Não te devo nada, amor.

(D.)

2937 O' valverde, ó valverde,
O' valverde ladrão,
Que roubastes a menina
N'esta mesma occasião.

(A.)

2938 Inda que eu viva mais annos
Do que folhas tem o vime,
Não me acharás demudada,
Antes cada vez mais firme.

(A.)

2939 Não corteis a vide branca,
Que *assobe* pela janella,
São as escadas do amor
Que *assobe* e *dece* por ella.

(M.)

2940 O' videira, dá-me um cacho,
O' cacho, dá-me um baguinho,
O' m'nina, dê-me um abraço,
Que eu lhe darei um beijinho.

(A.)

2941 Não te encostes á videira
Que a videira deita pó,
Encosta-te á minha cama,
Sou solteira e vivo só.

(A.)

2942 Se cortares a videira
Dá-me d'ella uma verdasca;
Para o meu entendimento
Meia palavra me basta.

(D.)

43 Apartar por apartar,
O *cacinho* da videira,
A mim tambem me apartaram
De uma menina solteira.

(M.)

44 Da terra sahe a videira,
Sahem da videira as uvas;
As solteiras dão casadas,
E as casadas dão viuvas.

(A.)

45 Pela folha da videira
Conheço a da latada,
Faço-me desentendida,
A mim não me escapa nada.

(D.)

46 Pela parra bem conheço
O vidonho da latada;
Faça-me eu desentendida,
Que a mim não me escapa nada.

(A.)

47 Não córtes o cacho verde
Da videira cerceal;
Não contes os teus segredos
A quem te não fôr leal.

(D.)

48 Não colhas o cacho verde
Da parreirinha ferral;
Não tomes outros amores
Emquanto te eu fôr leal.

(A.)

2949 Não me importa que desparrem
Vinha que eu já vindimei,
Se eu já lhe colhi as uvas,
Agora as parras p'ra quê?

(A.)

2950 Não se me dá que vindimes
Vinha que eu já vindimei,
Não se me dá de que logres
Carinhos que eu já logrei.

(A.)

2951 Adeus chão que fôste vinha,
E agora estás de bacello;
Se a inveja fôra tinha,
Já tu não tinhas cabello.

(A.)

2952 Isto do mundo é 'ma vinha,
Cada cepa é um christão,
Vem a morte faz vindima,
Não procura geração.

(A.)

2953 O vinho é coisa santa,
Que nasce da cepa torta,
A uns faz perder o tino
E a outros errar a porta.

(D.)

2954 Adeus serra do Carvalho,
Quem tem cepa faz carvão;
Quem amassa sem fermento
Não se lhe leveda o pão.

(A

55 A folha da parra é triste,
De noite mette terror;
Já que me puzeste em fama
Não me percas o amor.

(A.)

56 O' parreira dá-me um cacho,
O' cacho dá-me um baguinho,
Cacho verde é amargoso,
Dá-m'o tu já madurinho.

(A.)

57 A parreira só dá uvas
Quando tem bom tratamento;
O amor só dá esp'ranças
Quando chega o casamento.

(A.)

58 O' relogio que dás horas,
O' parreira que dás cachos,
O' silva que dás amoras,
E os amores dão cabaços.

(A.)

59 As parreiras deitam parras,
Ficam viradas com uvas;
Os rapazes vão p'ra tropa,
Ficam as moças viuvas.

(A.

60 Tu tens a parreira á porta,
Não a sabes lagartar,
Tens os teus amor's defronte,
Não os sabes namorar.

(A.)

2961 A parreira tem mil braços,
Mil grilhões com que se prende:
Não diga que sabe pouco
Quem do amor se defende.

(E.)

2962 A' porta da minha sogra
'Stá uma parreira em ser;
Quem não apparece esquece,
Tambem eu hei-de esquecer.

(A.)

2963 Oh arvoredo fechado,
Não digas que eu aqui vim,
Não quero que meu amor tenha
Cartas, nem novas, de mim.

(D.)

2964 Não vi arv're sem raiz
Estar do chão levantada;
Isso é manha d'aprendiz
Não deixar obra acabada.

(A.)

2965 O meu coração é arvore
Onde se enxertam amores.
Quem vem tarde leva a rama,
Quem vem cedo leva as flores.

(A.)

2966 Nem toda a arv're dá fructo,
Nem toda a herva dá flor,
Nem toda a mulher bonita
Póde dar constante amor.

(A.)

57 A arv're p'ra dar bom fructo
Deve ser de enxertia;
A mulher para ser firme,
Deve-se chamar Maria.

(A.)

58 Eu subi ao acypreste
Colher um lenço de fructa,
Para offer'cer a quem me ouve,
E repartir com quem 'scuta.

(A.)

59 Eu subi ao acypreste,
Ia no meio d'el', cahi,
Pois se o acypreste é morte,
Eu para morrer nasci.

(A.)

70 «Assubi» ao acypreste,
Cheguei ao meio, cahi,
Oh! cypreste das mortalhas,
Tinha que morrer, morri.

(T. M.)

71 Quem acode ao acypreste,
Que se parte pelo meio?
Muitas coisas não se fazem
Por causa dos *arreceios*.

(A.)

72 Acudam ó acypreste,
Que se faz em bocadinhos;
Quem acode ó meu amor
Que m'o matam com beijinhos.

(A.)

2973 O acypreste sóbe ao alto,
Mangerona no pé fica;
Não sei que olhar é o teu,
Que tanto me mortifica.

(A.)

2974 Acypreste, verde, triste,
Cofre da minha figura,
Verde, qual minha esperança,
Triste, qual minha ventura.

(A)

2975 Mandaste-me o desengano
Na folha do acypreste;
De te amar ha tanto anno
Foi a paga que me déste.

(A.)

2976 Cypreste não se sèmeia,
Da mesma verdura nasce;
Amor firme não se muda,
Por mais tormentos que passe.

(A.)

2977 O' morte, tyranna morte,
Grande destroço fizeste,
Tu levaste a minha amada
P'r'ó alto do acypreste.

(A.)

2978 A folha do acypreste
A' mesa d'el rei chegou;
Tu por mim aqui vieste,
Eu por ti é que aqui 'stou.

(A

79 Na rua nova do Porto
Nasceram dois acyprestes;
Se eu dei conversa a outro,
A culpa tu a tiveste.

(A.)

80 Oh acypreste dos *vaes*,
Retiro dos passarinhos;
Tambem vivo retirada,
Saudosa dos teus beijinhos.

(A.)

81 Acypreste, rei dos valles,
Abrigo dos passarinhos;
A quem déstes os abraços
Vae tambem dar os beijinhos.

(B. B.)

82 A maçã do acypreste
E' dôce, na casca amarga,
E' como o amor dos homens,
Tanto péga como larga.

(B. B.)

83 A maçã do acypreste
De verde não faz talhada;
Quem souber do meu amor,
Cale se, não diga nada.

(A.)

84 Adeus, adeus, Carrazêda,
Rodeada de alamos brancos,
Onde o meu amor passeia
Domingos e dias santos.

(T. M.)

2985 A folha do *alimo* vira,
Eu inda me não virei;
Oh meu amor não me deixes,
Que eu inda te não deixei.

(A.)

2986 Eu subi á amendoeira,
Puz o pé na alta rama,
Para vêr os travesseiros
Que a menina tem na cama.

(A.)

2987 Eu subi á amendoeira,
Puz o pé na alta guia;
Ai de mim! que estou ausente
Do amor a quem eu queria.

(A.)

2988 A folha da amendoeira,
Tem biquinhos como a renda;
Diga-me, ó minha menina,
Para quem 'stá de encomenda.

(B. B.)

2989 A folha da amendoeira,
De amarella encarnou;
Estavas p'ra mim tão firme,
Diz-me, amor, quem te voltou?

(A.)

2990 Fui-me ao alto do castello
Para vêr o meu amor;
Ao ramo da amendoeira
Já lhe vae caindo a flor.

2991 Atirei ao negro melro
Debaixo do amieiro,
E primeiro que o caçasse
Levou me um anno inteiro.

(D.)

2992 Chamaes á amoreira triste,
Porque razão lh'o chamaes?
A amoreira cria o sirgo
Com que vós vos asseaes.

(T. M.)

2993 Adeus 'moreira da praça,
Que te hei-de mandar cortar,
Que me encobres os acenos
Que ao meu amor quero dar.

(A.)

2994 Debaixo da amoreira
Meu amor 'stava chorando,
Encostado a 'ma rozeira
Dando ais de quando em quando.

(A.)

2995 Eu subi á amoreira,
Puz o pé na alta folha;
Se tens muito quem te queira,
Eu tenho muito onde escolha.

(A.)

2996 O' amoreira do Caes
Dai-me uma amora madura,
Quero dal-a ao meu amor,
Que anda de má catadura.

(D.)

2997 O' amoreira do adro
Deita-me cá uma amóra,
Que me quero ausentar
D'esta terra para fóra.

(T. M.)

2998 Sou filhote de Fronteira,
Baptisado no *Pedrão*,
Sou como o pau d'aroeira:
Torcer sim, mas quebrar não.

(A.)

2999 Bago d'aroeira,
Murtinho maduro,
Já não ha quem tenha
Seu amor seguro.

(A.)

3000 Bago d'aroeira,
Murtinho murtal,
Já não ha quem tenha
Seu amor leal

(A.)

3001 Quem me déra adivinhar
Qual era a azinheira dôce,
Não lhe havia de deixar
Um só raminho que fosse.

(A.)

3002 O carapeteiro é triste,
Alegre quando tem flôr;
Alegre quem te lograr,
Triste de mim, se eu não fôr.

(A.)

13 Deixa vir o mez de maio,
Que o carapeto arrebente,
Então tomarei amores
Outra vez de novamente.

(A.)

14 A *felor* do carapeto
Mais ao longe vista faz;
Se me não levas por geito
Por força não és capaz.

(M.)

15 Carvalhos, que daes bugalhos,
Porque não daes cousa boa?
Cada um dá o que tem,
Conforme a sua pessoa.

(M.)

16 O carvalho é pau torto,
Não dá madeira direita,
E' como a moça solteira
Que não dá a cama feita.

(D.)

17 Castanheiro sem ouriços
Que castanha póde dar?
Homem pobre, sem dinheiro,
Que amores póde tomar?

(B. A.)

18 A folha do castanheiro
Tem biquinhos como a renda;
Se a fazenda é um dote,
A mulher é uma prenda.

(A.)

3009 A folha do castanheiro
Tem biquinhos como as rendas,
Quem tem a mulher bonita
Não póde ter melhor prenda.

(D.)

3010 Eu subi ao castanheiro,
A colher uma castanha;
Dizes que me não quer's bem,
Ai! que mentira tamanha.

(A.)

3011 Na aldeia de Santa Eulalia
Tem meu pae um castanheiro,
Que dá castanhas em maio,
Cravos roxos em janeiro.

(A.)

3012 Castanheiro dá castanhas,
Castanheiro dá só uma,
Para dar ao meu amor
Que ainda não comeu nenhuma.

(B. A.)

3013 Quem quer castanhas que trepe,
Acima do *castanhêro;*
Quem quizer lograr a moça
Traga a bolsa com *dinhêro.*

(A.)

3014 Eu subi ao triste cedro,
Corri-o de nó a nó;
Ai, tu dormes com quem queres,
Eu durmo comtigo só.

(A

15 Eu subi ao triste cedro,
Puz a mão na lealdade;
Arrisquei a minha vida,
Por te fazer a vontade.

(A.)

16 Eu subi ao alto cedro,
Quem me ha-de agora descer?
Cahi na pouca fortuna,
Quem me ha-de agora querer?

(A.)

17 Vae por 'hi que eu vou por 'qui,
Encosta-te ao verde cedro;
Quem tem amores tem zelos,
Que eu por mim me considero.

(M.)

18 Debaixo d'um triste cedro
Por meu bem ouvi bradar,
E' a morte que me chama,
Adeus que eu vou acabar.

(A.)

19 No tronco do triste cedro
O meu nome escripto deixo;
Se eu morrer d'uma paixão
De ti só é que me queixo.

(A)

20 Subi a cima ó chaparro
A colher vinte fueiros;
As cantigas que tu cantas
Inda cheiram a cueiros.

(A.)

3021 O chaparro de bombordo,
Ao largo deita a raiz,
Eu não sou pardal, nem tordo,
Que cáia n'essa *aboiz*.

(A.)

3022 Eu encontrei a donzella
N'um raminho de chorão;
O' moças, haja cautela
De falar á mangação.

(A.)

3023 Adeus, adeus, Penedôno,
Tendes no meio um chorão,
Adeus ó meninas todas,
Que vos levo no c'ração.

(T. M.)

3024 Mais alto do que o choupo
E' o amor que te tenho;
Mais vale o bem que te eu quero
Que as vezes que eu aqui venho.

(D.)

3025 Encostei-me ao damasqueiro,
Deitei damascos em terra:
Olha que Deus não perdoa
As calumnias ás donzellas.

(E.)

3026 A folha do *acalitro*
Ao fim de tempo *demuda;*
Meu amor, não acredito
O que muita gente cuida.

(A.)

27 Aldeia da Conceição
Rodeada de *calitos;*
Converso c'o meu amor,
Não me importa cá com ditos.

(A.)

28 Detraz d'uma triste faia
Foi-se a minha liberdade;
Estava vária do sentido
Quando te fiz a vontade.

(A.)

29 Se eu morrer ao pé da faia,
Enterrem me ao pé do louro;
O meu amor mais o teu
Formam dois vasos de ouro.

(A.)

30 O' alta faia sombria,
Se vir's passar o meu bem,
Diz lhe que já fui amada,
Mas não lhe digas de quem.

(A.)

31 O' altas faias sombrias,
Recreio dos passarinhos,
Quem namora sempre alcança
Ou abraços, ou *bêjinhos.*

(A.)

32 A figueira tem mil figos,
Por cima tem mil enleios,
Q'ria falar-te, menina,
Mas tenho meus arreceios.

(T. M.)

3033 A figueira tem tres figos,
Cada um seu nome tem;
Hei-de-me casar este anno,
Não sei como, nem com quem.

(A.)

3034 Tenho uma figueira alvar,
Cada figo tem seu nome;
Ando p'ra falar comtigo,
Não sei quando e nem aonde.

(A.)

3035 Nunca vi figueira branca
A dar figos verdeaes;
Nunca vi homens casados
Dar as falas que vós daes.

(A.)

3036 O' figueira dá-me um figo,
O' silva dá-me uma amora,
O' menina dê-me um beijo,
Que me quero ir embora.

(A.)

3037 O' figueira dá me um figo,
O' figo dá-me um agraço,
Menina dê-me um beijinho,
Que eu lhe darei um abraço.

(E.)

3038 Hei-de-te escrever 'ma carta,
N'uma folha de figueira,
Que te hei-de fazer dar
Mil voltas á mioleira.

(A.)

39 Da figueira nasce o figo,
Do figo nasce a sciencia;
No fino panno cahe nodoa,
Cahiu em mim, paciencia!

(A.)

40 Da figueira nasce o figo,
Do figo nasce a sciencia;
Quando á vista tu me és falso,
Que fará na minha ausencia.

(A.)

41 Da figueira nasce o figo,
Do figo nasce a sciencia;
Quem tiver amor's comtigo,
E' mister ter paciencia.

(A.)

42 Da figueira nasce o figo,
Do figo nasce a sciencia;
Quando te eu quiz não quizeste,
Agora, amor, tem paciencia.

(A.)

43 Não sei que terra é Figueira,
Que tão nomeada é,
Figueira que não dá figos,
Maldita a graça, José!

(D.)

44 Olá, olá da Figueira,
Não me *cortes* os meus figos,
Que meu pae os tem guardados
Para dar aos seus amigos.

(D.)

3045 A mim me chamam Figueira,
Mais á minha geração,
E' uma arvore rasteira,
Que deita fructos no v'rão.

(A.)

3046 Era velha, muito velha,
Era uma velha gaiteira,
Até os figos bailavam
Lá em cima da figueira.

(A.)

3047 Eu subi ó alto freixo
Contar as folhas que tem;
Amor, vive socegado,
Não te deixo por ninguem.

(A.)

3048 Deixa-me ir, que vou depressa,
Ao freixo tirar um ninho,
Que está o freixo quebrando
Co' o peso do passarinho.

(A.)

3049 O meu amor é do campo,
E' do campo e é quinteiro,
Rega o pé ao laranjal,
A raiz ao limoeiro.

(A.)

3050 Eu já disse á laranjeira
Que não deixe de dar flôr;
Antes que a prima não queira,
Hei de falar ó amor.

51 Eu já disse á laranjeira
Que não deitasse mais flores,
Que passe ella sem laranjas,
Como eu passo sem amores.

(A.)

52 Laranjeira com pé d'oiro
Tenho eu no meu quintal;
Não venhas á minha casa
Se o teu sentido é p'ra mal.

(A.)

53 Laranjeira com pé d'oiro
Deita ramos d'algodão;
Quando nasceram os homens
Nasceu toda a maldição.

(A.)

54 Laranjeira com pé d'oiro
Deita raminhos de prata;
De vagar se vae ao longe,
Muito tôlo é quem se mata.

(A.)

55 Laranjeira do pé d'oiro
Que dás raminhos de prata;
Tomar amores não custa,
O deixal-os é que mata.

(A.)

56 Abençoada laranjeira,
Tanta laranja deitou;
Eu é que fui a primeira
Que o teu coração logrou.

(A.)

3057 Retira-te laranjeira,
Deixa passar o meu bem,
Que lá me dizem vae preso
Para a cadeia do Trem.

(A)

3058 Encostei-me á laranjeira
Debaixo do lirio branco;
O meu amor é-me falso,
Eu já lhe não quero tanto.

(A.)

3059 Fui um dia a passear
Com 'ma canninha na mão,
Encontrei 'ma laranjeira
Car'gadinha d'algodão.

(A.)

3060 A laranjeira tem picos,
Eu não sou cega, bem vejo,
Tenho dois olhos na cara,
Tenho vista de sobejo.

(A.)

3061 Laranjeira da fortuna,
Que tanta laranja tem,
Por baixo ninguem lh'as colhe,
Arriba não vae ninguem.

(A.)

3062 Quando te eu vi, laranjeira,
De laranjas carregada,
Logo meu coração disse:
Laranjeira desgraçada.

53 Boto a minha despedida
Por cima da laranjeira;
Eu sempre a fugir de ti,
E tu sempre á minha beira.

(M.)

54 Limoeiro do pé torto
Deita a raiz p'ra a calçada,
Quem te colher os limões
Que te sustente a ramada.

(D)

55 O limoeiro da calçada
'Stá secco, não dá limões;
Já se quebraram os laços
Dos nossos dois corações.

(A.)

56 Eu subi ao limoeiro
Para colher dois limões;
E' tempo de se juntarem
Os nossos dois corações.

(A.)

57 Quando o limoeiro dér uvas
E a roseira dér limões,
Então se hão-de separar
Nossos leaes corações.

(A.)

58 Ailé, ailé,
Loendro, loendro,
O meu amor é gago,
Eu bem no entendo.

(A.)

3069 O loireiro é retiro,
Não o quer' na minha horta,
Que bem retirado anda
O meu bem da minha porta.

(A.)

3070 O loireiro é victoria,
Victoria trago comigo,
Tenho que te amar, Victoria,
Passar a vida comtigo.

(A.)

3071 Hei-de subir ao loireiro,
Ainda que eu perca a vida,
Só p'ra vêr o meu amor
Se tem outra mais querida.

(A.)

3072 Hei-de subir ao loireiro,
Correl-o de folha em folha,
Para que saibas, meu bem,
Que tenho muito onde escolha.

(A)

3073 Hei-de subir ao loireiro,
E do loireiro ao telhado,
Quero vêr a tua cama
Se tem bello cortinado.

(B. A.)

3074 Hei-de subir ó loireiro,
E de lá hei-de clamar:
Que me deixastes, amor,
Na maior força d'amar.

(B. A

75 *Assubistes* ao loireiro,
Regalaste o teu peitinho,
Agora estás de gaiola,
Triste de ti, coitadinho.

(M.)

76 Loireiro, verde loireiro,
Loireiro da baga branca;
Como hei-de mostrar carinho
A quem me mostra carranca?

(D.)

77 Quando o loireiro dér baga
E a aroeira diamantes,
Então deixarei de amar
Esses teus olhos brilhantes.

(A.)

78 Atiraste-me co' o lenço
Entre a rama do loireiro,
Olha o *diavo* do lenço,
Que foi teu *alcobiteiro*.

(M.)

79 Loireiro, verde loireiro,
A baga é o teu fructo;
Foste o meu amor primeiro,
Deixar-te custa-me muito.

(A.)

80 O' loireiro, ó loireiro,
O' loireiro ramalhudo,
Faça o mal quem o fizer,
O loireiro paga tudo.

(A.)

3081 Loireirinho vicioso
Deita as pontas onde quer,
E' como o rapaz solteiro
Emquanto não tem mulher.

(D.)

3082 O rouxinol no loireiro
Canta triste, solitario,
E' como o moço solteiro,
Toda a vida ha de ser vário.

(A.)

3083 A perdiz canta no bosque,
O rouxinol no loireiro,
Os frades cantam no côro,
Os amantes no terreiro.

(A.)

3084 O loireiro é temido,
E eu não o temo em nada,
Temo mais a tua lingua
Qua me dizem que é damnada.

(M.)

3085 O loireiro é pau preto
Que se racha ao correr;
Amores de homem casado
E' comer por não morrer.

(A.)

3086 O loireiro é pau verde
Que se racha ao correr,
Cara de tição queimado,
Lenha de tão mau arder.

(M.)

3087 O loireiro é pau verde,
Que nasce pelos quintaes,
Tambem tu, minha menina,
E's allivio dos meus ais.

(A)

3088 *Indas* que o loireiro cresça,
Ao céo não ha-de chegar;
Indas que tenha eu amores
A ti não te hei-de deixar.

(M)

3089 O loireiro está quebrado,
Em tres bandas offendido;
Meu amor amas as duas,
Para mim já 'stás 'squecido.

(A.)

3090 Não te encostes ao loireiro,
Que é verde, póde quebrar,
Encosta-te ao meu peitinho,
Que te póde regalar.

(M.)

3091 O loireiro bate, bate,
Que eu bem o sinto bater,
Com a rama no telhado,
P'r'*ó* meu amor entender.

(A.)

3092 Tenho loiro á minha porta
A' tua está o loireiro;
Se falas da minha vida,
Olha para ti primeiro.

(A.)

3093 A' porta da minha sogra
Bate o loireiro na areia;
Tu és a minha prisão,
Eu sou a tua cadeia.

(A.)

3094 Chega-te atraz, ó loireiro,
Não assombres a egreja;
N'estâ era em que nós estamos
Ninguem logra o que deseja.

(D.)

3095 Déste-me a beber *triaga*,
Mais a baga do loireiro,
Julgando que me matavas,
Inda morreste primeiro.

(A.)

3096 Déste-me a beber *triaga*.
Com a baga do loireiro,
Sabes tu o que me amarga?
A bolsa não ter dinheiro.

(A.)

3097 Loireiro, verde loireiro,
Sêcca seja a tua rama;
Eu era tão pequenina
Já me q'rias pôr em fama.

(D.)

3098 Loireiro, verde loireiro,
Quem te poz n'este caminho?
Todos que passam por ti
Vão colhendo o seu raminho.

(A.)

3099 O' meu amor, não disponhas
Loireiro ao pé de caminho,
Todos passam, todos colhem
Do loireiro o seu raminho.

(A.)

3100 Quando o sobreiro dér baga
E o loireiro dér cortiça,
Eu te amarei, menina,
Agora tenho preguiça.

(T. M.)

3101 Oxalá nunca te eu vira,
Nem minhas falas te eu déra,
Que te trago enleiado
Como o loireiro á hera.

(B. A.)

3102 Subi a um marmeleiro
Para colher 'ma varinha,
Quem tem o amor carreiro
Não come senão gallinha.

(A.)

3103 Eu subi ao marmeleiro,
Corri-o de nó em nó;
Quem tem o amor carreiro
Tem paciencia de Job.

(A.)

3104 Arranquei o marmeleiro,
Debaixo ficou cabouco;
Serias tu o primeiro
Que de mim farias pouco.

(A.)

3105 O' nogueira, ó nogueira,
Que tens as nozes contadas;
Tenho o meu coração f'rido,
Todo cheio de facadas.

(A.)

3106 O' nogueira, ó nogueirinha,
Cahe-lhe a folha e fica a noz;
Se me chamaste doidinha,
Não endoideço por vós.

(A.)

3107 A nogueira é segredo,
E o segredo está na noz;
Vós chamaste-me doidinha,
E eu endoideci por vós.

(T. M.)

3108 Subi acima á nogueira
Deitar as nozes á terra;
Não ha dinheiro que pague
A honra de uma donzella.

(A.)

3109 Oliveiras, oliveiras,
Para mim são olivaes;
Adeus, meu amor, adeus,
Adeus para nunca mais.

(A.)

3110 Oliveiras, oliveiras,
Ao longe são olivaes,
Trago o coração mais negro
Que a azeitona que vós daes.

(A.)

11 Oliveiras, oliveiras,
Ao longe são olivaes;
Por muito que tu me queiras
Eu inda te quero mais.

(A.)

12 Deitei um limão correndo
A' roda dos olivaes;
Quiz *vêri* se me esquecias,
Cada vez me lembras mais.

(A.)

13 Adeus, ó praia de Espinho,
Rodeada de olivaes,
Tens rapazes bem bonitos,
Raparigas muito mais.

(D.)

14 Adeus, adeus, ó Castêdo,
Rodeado de olivaes,
Adeus, adeus, minha terra,
Adeus para nunca mais.

(T. M.)

15 Adeus villa de Vianna,
Cercadinha de olivaes,
Adeus ó largo da praça,
Sepultura dos meus ais.

(A.)

16 Adeus, olivaes do Pio,
Cemiterios da ternura,
Onde eu hei de ir enterrar
A minha triste ventura.

(D.)

3117 Já cheguei ós olivaes,
Caminho de Vill' Viçosa;
Quem me déra ser um cravo,
Para estar ao pé da rosa.

(A.)

3118 Freguesia da Esperança,
Rodeada de olivaes;
Meu amor, se é por vingança,
Cada vez te quero mais.

(A.)

3119 Os olivaes de Coimbra
Semeados que darão?
Darão mocinhas bonitas
Para a minha perdição.

(A.)

3120 Oliveiras, oliveiras,
Como ha em Santarem;
Pintasilgos e pardaes
Um qualquer fidalgo tem.

(A.)

3121 A oliveira é a paz
Que se dá aos bem casados,
A palma aos sacerdotes,
O alecrim aos namorados.

(A.)

3122 O lenço separa amantes,
A oliveira dá lhe a paz;
Eu tenho um lenço de penas
Que me deu o meu rapaz.

(A.)

13 A oliveira é benta,
Ramo d'ella tem virtude;
Eu venho d'aqui tão longe
Saber da tua saude.

(A.)

14 Oliveira arreda a rama,
Que eu quero passar além,
Trago o meu peito a arder,
Não quero queimar ninguem.

(A.)

15 Se a oliveira falara,
Ella dissera o que viu,
Debaixo da sua sombra
Dois amantes encobriu.

(A.)

16 Se a oliveira fosse minha
Mandava-a despontar,
P'ra debaixo da sua rama
Ninguem poder namorar.

(A.)

17 Oliveira, não te seques,
Que has-de vir a juramento,
Debaixo da tua rama
Se tratou meu casamento.

(A.)

18 Debaixo da oliveira
Só está a rama e a fôlha;
Se muito me queres tu,
Eu tenho muito onde escolha.

(A.)

3129 Oliveira recortada
Sempre parece oliveira,
Mulher bonita casada
Sempre parece solteira.

(A.)

3130 Oliveira pequenina
'Stá coberta de algodão;
Quem não quer que o mundo fale,
Não lhe dê occasião.

(A.)

3131 Oliveira pequenina,
Car'gadinha d'algodão;
Quando nasceram os homens
Nasceu toda a maldição.

(A.)

3132 Não se me dá que faleis,
Nem que de mim *boteis* fama,
Eu sou como a oliveira,
Que sempre tem 'ma marrana.

(D.)

3133 Mal o haja quem murmura,
Quem de mim deita má fama,
Eu sou como a oliveira,
Que no ar sustenta a rama.

(A.)

3134 Oliveira mais pequena,
A oliveira do meio;
Se és cantador de fama
Eu não te tenho arreceio.

(M.)

ira com pé d'oiro
raminhos de prata;
r amores não custa,
l-os é que nos mata.

(A.)

ra com pé d'oiro
ramada de prata;
ia dê os seus olhos
:m por elles se mata.

(T. M.)

ra pende, pende,
para cá um ramo;
u sou menina teimosa,
n-me as teimas um anno.

(A.)

ra da Barquinha
)ara cá um ramo;
ı amor é teimoso,
ı-lhe as teimas um anno.

(E.)

ı-lhe as teimas um anno,
ı-lhe as teimas um mez;
namora sempre alcança
eijinho, dois e tres.

(E.)

a ramalhuda
para cá um ramo;
pae nam póde dar
asamentos n'um anno.

(A.)

3141 Oliveira dos Pardaes,
Ao pé de Villa Viçosa;
Se eu tivera cabedaes
Casava comtigo, ó Rosa.

(E.)

3142 Oliveira chora, chora,
Ella chora com razão,
Que lhe colhem a azeitona,
Deitam-lhe a rama no chão.

(A.)

3143 A oliveira no adro
Deita a folha aos anneis;
Quem namora ás escondidas
Passa tormentos crueis.

(A.)

3144 A *olivêra* no adro
Tem *na* rama na egreja;
Quem tem *sê* amor *ó* lado
Tem tudo quanto deseja.

(A.)

3145 O' oliveira do adro,
Não faças sombra á egreja;
Que na era em que estamos
Ninguem logra o que deseja.

(D

3146 Oliveira pequenina
Que azeitona póde dár?
Tambem eu sou pequenina,
Mas sou firme no amar.

(A

47 Oliveira pequenina
Que azeitona póde dar?
Uma menina sem dote
Que amores póde tomar?

(A.)

48 Oliveira pequenina,
Que azeitona póde dar?
Dará uma e até duas,
A tres não póde chegar.

(A.)

49 Meu raminho d'oliveira
Que azeitona pódes dar?
A filha da cabaneira
Que amores póde tomar?

(M.)

50 A folha da oliveira
De amarella quer cahir;
Esses teus olhos, menina,
Tem somno, querem dormir.

(D.)

51 A folha da oliveira
E' comprida, mas estreita;
Queres-me deixar a mim
Por causa d'outra sujeita.

(A.)

52 A folha da oliveira
De tão comprida é estreita;
Quem me déra já gozar-te,
Que o vêr-te não me aproveita.

(A.)

3153 A *felôr* da oliveira
Ao longe parece renda;
Quem tem o amor á vista
Não póde ter melhor prenda.

(A.)

3154 Ai, ai,
Verdes olivaes,
Verdes olivaes,
Que azeitona daes.

(A.)

3155 Oliveira secca
Onde canta o mocho;
Teu palavriado
Para mim 'stá chocho.

(D.)

3156 Oh que calma está cahindo
Por cima dos ceifadores!
Quem fôra ramo de palma
Que cobrira os meus amores.

(A.)

3157 Da palmeira nasce a palma,
Da palma nasce o palmito;
Todo o amor que é leal
Dura até ao infinito.

(A.)

3158 Da palmeira nasce a palma,
Da palma faz-se o palmito;
Da amizade nasce o amor
Que nos leva ao infinito.

59 Da palmeira nasce a palma,
Da palma nasce o botão;
Tu és o amor da minh'alma
E eu sou do teu coração.

(A.)

60 Da palmeira nasce a palma,
A palma nasce do chão;
O querer bem nasce da alma,
Quer'-te bem do coração.

(A.)

61 Da palmeira nasce a palma,
Da palma se corta a rama;
Quem me déra vêr-te até
Deitada na minha cama.

(A.)

62 A folha da palma é triste,
De noite mette terror;
Já que me faltas co' a vista,
Não me faltes com o amor.

(A.)

63 Ailé,
Folha da palma,
Trago o meu amor
Dentro da minh'alma.

(A.)

64 Ailé,
Da *palma ao* palmito;
Oh meu lindo amor,
Elle é tão bonito.

(A.)

3165 Encostei-me ao pecegueiro,
Toda me enchi de bogalhos;
Eu que era tão pequenina,
Já me metti em trabalhos.

(D.)

3166 Encostei-me ao pecegueiro,
E toda eu me entonteci;
Estou cheia de saudades,
Por 'star tão longe de ti.

(A.)

3167 Encostei-me ao pecegueiro,
Todo me cobri de flores;
Vejo-te, tão creancinha,
Tão perseguida d'amores!

(A.)

3168 Não te encostes á pereira,
Que a pereira deita pó,
Encosta-te á minha cama,
Sou solteira, durmo só.

(A.)

3169 Eu já vi uma pereira
De uma altura *desvanada*,
No meio tem 'ma roseira
Que dá rosas encarnadas.

(A.)

3170 No alto da pinha, pinha,
No alto do pinheiral,
A pinha bate no chão,
A pinha bate no ar.

71 Desejava de encontrar-te
No meu pinheiral, ás pinhas,
Pois queria *précurar-te*
Se eram tuas, se eram minhas.

(A.)

72 Adeus pinhal do atalho,
O' pinhal do cordoar,
Que te quero perguntar
D'onde *rescende* o meu mal.

(D.)

73 O' alto pinheiro redondo,
Já te tiraram faiscas;
Já descobriste o teu peito,
Já do amor não petiscas.

(D.)

74 O' alto pinheiro redondo,
Já te tiraram cavacas;
Já descobriram teu peito,
Já se sabem tuas faltas.

(D.)

75 O' alto pinheiro redondo,
Lá me ficou meu cordão,
Que me deu uma freirinha
N'um dia de confissão.

(A.)

76 O' alto pinheiro redondo,
Com pinhas de oiro na ponta;
Perto está quem me namora,
E longe quem me faz conta.

(A.)

3177 O' alto pinheiro redondo,
Com pinhas de oiro na ponta;
Póde amar a quem quizer,
Que a mim me não faz affronta.

(A)

3178 O' alto pinheiro redondo,
Com fios d'oiro na ponta;
Os teus gastos, ó menina,
Já correm por minha conta.

(A)

3179 O' alto pinheiro redondo,
Com fios d'oiro na ponta;
Esses teus olhos, menina,
Já cá estão por minha conta.

(A)

3180 O' alto pinheiro ramudo,
Dá para cá uma volta,
Que eu tenho lá uma prenda
Que não sei se é viva ou morta.

(A)

3181 O' alto pinheiro ramudo,
Castello de S. Romão;
Já passei minha alegria
Onde os meus amor's estão.

(A)

3182 O' alto pinheiro ramudo,
T'a rama não chega ao chão,
E's como a mulher casada,
Não se póde deitar mão.

3183 O' alto pinheiro novo,
Tuas bagas são redondas;
Que lindo cabello negro!
Sem ser frisado faz ondas.

(A.)

3184 O alto pinheiro tem pinhas,
Quem tem pinhas tem pinhões,
E quem ama sem ter zelos
São falsas suas paixões.

(A.)

3185 Ai, que pinheiro tão alto!
Com as pontas *engallisa;*
E' um regalo na vida
Vêr as moças em camisa.

(A.)

3186 Ai, que pinheiro tão alto!
Quem lhe ha-de chegar ás pinhas?
Ha-de ser menina nova,
Que se chame Mariquinhas.

(D.)

3187 Alto pinheiro, tão alto,
Por 'ma pinha se abanou;
Como aquella rapariga
Tão cedo se captivou!

(E.)

3188 Eu hei-de amar o pinheiro
Emquanto rama não tem;
Aproveita-te, menina,
Emquanto te eu quero bem.

(M.)

3189 Rouxinol, que tão bem cantas,
Onde aprendeste a cantar?
No cimo do pinheiro alto,
Ninguem póde lá chegar.

(A.)

3190 Tu mandaste-me esperar
Ao pé d'um pinheiro manso,
Esperei-te, não vieste,
Olha, amor, o teu descanso!

(D.)

3191 Onde estará o pinheiro
E a pinha d'este pinhão?
Onde estará o enleio
Do meu leal coração?

(A.)

3192 O' pinheir' dá-me uma pinha,
O' pinha dá-me um pinhão,
Menina dá-me os teus olhos
Que eu dou-te o meu coração.

(M.)

3193 Encostei-me ao pinheir' verde,
Por vêr se me consolava,
E como o pinheiro é verde,
Ao vêr-me chorar, chorava.

(A.)

3194 Pilriteir' que dás pilritos,
Porque não dás coisa boa?
Cada um dá o que tem,
Conforme a sua pessoa.

(A.)

95 A folhinha do salgueiro
E' primeira novidade;
Quem madruga não alcança,
Que fará quem se ergue tarde.

(D.)

96 Salgueiro pega de estaca,
Amieiro de raiz;
Não te gabes que me deixas,
Fui eu a que te não quiz.

(M.)

97 Das arvor's nascem os ramos,
Dos ramos a fructa boa;
Os 'scravos servem os amos,
O que é mau, ao longe sôa.

(A.)

98 Defronte de mim 'stão arvores,
Raminhos a dar, a dar;
Emquanto ha vida, ha esp'rança,
Não me quer' *desmaginar*.

(A.)

99 Defronte de mim 'stão arvores,
Raminhos a dar, a dar;
Quem espera, sempre alcança
Os teus carinhos lograr.

(A.)

00 O' ramo da bella arvore,
Ao chão deitae as *felôres*;
Agora, que estou de dentro,
Boas tardes, meus senhores.

(D.)

3201 Passei pela tua porta,
Deixei-te um ramo colhido;
E' verdade, não o nego,
Que eu em ti trago o sentido.

(A.)

3202 No meio da praça nova
Achei um lenço dobrado,
Tendo em cada ponta um ramo,
No meio um c'ração pintado.

(A.)

3203 O lenço que tu me déste
Tem um ramo em cada canto,
Os ramos dizem saudades,
Por isso lhe quero tanto.

(A.)

3204 Abre esse lenço e verás
Quatro ramos *feloridos*,
E lá no meio acharás
Nossos corações unidos.

(A.)

3205 Haja quem queira lançar
No ramo que eu 'stou deixando;
Esta vida de solteira
Para mim vae-se acabando.

(A.)

3206 Toma lá este raminho,
Que eu inda agora apanhei,
Inda vae orvalhadinho
Das lagrimas que eu chorei.

3207 Toma lá este raminho
Atado com fio crú,
Os abraços já os leva,
Os beijinhos dá-lh'os tu.

(A.)

3208 Acceita-me este raminho,
Colhidinho em janeiro,
Atado por linhas brancas
C'o retroz do teu dinheiro.

(D.)

3209 Um raminho abandonado,
Soffre muito, sem dar ais,
Tambem eu soffro, mas amo,
Ingrato, cada vez mais.

(A.)

3210 Todas as flores do anno
Captiva o mez de janeiro,
Em chegando abril e maio
Sahem do seu captiveiro.

(A.)

3211 A primavera é tão linda
Que enche o campo de *felôres*,
Tambem tu, minha menina,
Tens um arraial d'amores.

(A.)

3212 Já lá vem o mez d'abril,
Deitando ao campo as *felôres*,
Contadas passam de mil
Rosas de variadas côres.

(A.)

3213 Não ha jardim sem ter flores,
Nem quinta sem arvoredos,
Nem casada sem desgostos,
Nem solteira sem enredos.

(A.)

3214 Puz-me a chorar sentimentos
Ao canto do meu jardim,
As flores me responderam:
Tudo por tempo tem fim.

(M.)

3215 Quem me déra a mim ser flôr
Do jardim da minha amada,
Só assim conseguiria
Ser por ella bem tratada.

(A.)

3216 As flores são p'r'*ós* jardins,
Tudo requer o que é seu,
Como não hei-de eu req'rer
Um amor que já foi meu?

(A.)

3217 Fui ao jardim colher flores,
Achei o jardim fechado;
Ai, tambem as flor's se fecham
Para quem é desgraçado!

(A.)

3218 Fui *ó* jardim colher flores,
Colhi d'uma até *terez*,
Encontrei o meu amor,
Hei-de lá ir outra vez.

19 Fui ao jardim colher flores,
Colhi d'umas, colhi d'outras,
Encontrei o meu amor,
D'estas fortunas ha poucas.

(A.)

20 Fui ao jardim colher flores,
Colhi d'umas, colhi d'outras,
Não achei quem procurava,
A minha fortuna é pouca.

(B. B)

21 Fui ao jardim colher flores,
Colhi das mais encarnadas;
Se eu não nasci para ti,
Não me cegam as passadas.

(D.)

22 Fui ao campo colher flores,
C'uma cestinha no braço,
Encontrei o meu amor,
Ai Jesus! d'aqui não passo.

(A.)

23 Fui ao campo colher flores
Quinta-feira d'Ascensão,
Encontrei os meus amores
C'um ramalhete na mão.

(A.)

24 Ha flores muito bonitas,
'Polo cheiro e *pola* côr,
Mais bonito é o rapaz
A quem chamo o meu amor.

(A.)

3225 Chorando, ando regando
O pé a todas as flores;
Ai de mim! que eu ando amando
A quem tem outros amores!

(A.)

3226 Se este lenço fôra meu
Como é do meu amor,
Mandava-lhe a pôr no meio
A mais delicada flôr.

(A.)

3227 Vistam-se os campos de luto,
Cáiam as flores no chão;
Que eu 'stou mal c'o meu amor,
Quer haja flores, quer não.

(A.)

3228 Vôa, ó flôr afortunada,
A'quellas mãos de jasmim,
Já que eu lá não posso ir,
Um beijo lhe dá por mim.

(A.)

3229 Tenho dentro de meu peito
Dois botões d'oiro a abrir;
Ninguem sabe meus intentos,
Nem os que hei de seguir.

(T. M.)

3230 Debrucei-me da janella
A colher a flôr á planta;
Deixem-me ir d'aqui embora,
Já que a minha pena é tanta.

(A.)

31 Tenho dentro do meu peito
Uma capella de flôres,
Rosas, cravos, violetas,
Martyrios, chagas e amores.

(A.)

32 A primavera ausentou-se,
Deixou as flores no campo,
E tambem eu me ausentei
De quem me queria tanto.

(A.)

33 Vou-lhe dar a despedida,
Como deu o maio á flôr,
Quem se despede cantando,
Não leva pena, nem dôr.

(D.)

34 Despedida, despedida,
Como deu o maio ás flores,
Hei-de dar a despedida
A'manhã aos meus amores.

(A.)

35 Assim como a flor no campo
Tamem pérde o *sê* matiz,
Eu perdi o *mê* amor,
Póco tempo fui feliz.

(A.)

36 Minha amada já morreu,
Eu já não a torno a vêr,
A flôr no campo renasce,
Ella não torna a nascer.

(A.)

3237 Já os campos verdes choram,
Que não teem que vestir,
Pois já romperam as galas
Que lhes deu o mez d'abril.

(A.)

3238 O meu coração é sala
Onde passeia a assucena;
Amei-te com tanto gosto,
Deixei-te com tanta pena!

(A.)

3239 Sobre a folha da assucena
Teu lindo nome escrevi,
Tornou-se a flor tão formosa,
Que até julguei que te vi.

(A.)

3240 De encarnado veste a rosa,
E de branco a assucena;
Menina não 'steja triste,
Que eu lhe guardo a sua pena.

(A.)

3241 De encarnado veste a rosa,
De verde o mangericão,
E de branco a assucena,
De lucto o meu coração.

(A.)

3242 Duas flôres n'um pé só,
Qual d'ellas é mais formosa,
Uma é a assucena branca,
Outra a folha d'uma rosa.

43 Fui ao campo colher flôres,
Colhi a branca assucena;
Isto de quem tem amores
Qualquer coisa lhe dá pena.

(A.)

44 Eu fui ao matto á carqueja,
Fiz o mólho na assucena;
Amei-te com tanto mimo,
Deixo-te com tanta pena.

(B. A.)

45 Lá no campo nascem flôres,
No jardim as assucenas,
No meu leito nascem dores,
Salpicadinhas de penas.

(A.)

46 Assucena, pé sombrio,
P'ra te amar não tenho geito;
Meu coração tudo cria,
Quatro flôres em meu peito.

(A.)

47 Assucena, pé sombrio,
P'ra te amar não tenho arte;
O teu jardim tudo cria,
Estimo da minha parte.

(A.)

48 A *felor* da alandroeira
Que lindo cheiro que tem!
Mais lindo é o meu amor
Quando comigo está bem.

3249 Não ha coisa que mais cheire
Que é a *felor* da alfazema;
Não ha gosto n'este mundo
Que não venha a dar em pena.

(A.)

3250 A *felor* da amendoeira
E' a primeira no anno;
Eu tambem fui a primeira
Que te deu o desengano.

(A.)

3251 Olha, amor, o que eu achei
Em cima d'esta parede,
Dois laços de amor perfeito
Prendidos com fita verde.

(A.)

3252 O' minha mãe, dê-me a chave,
Que eu quero ir ao jardim,
Colher um amor perfeito,
Que Deus creou para mim.

(A.)

3253 Tinha um lindo amor perfeito,
Em teu peito o fui depôr,
Não o quero maltratado,
Nem murcho co' o teu calor.

(E.)

3254 O meu amor não é esse,
Que eu no andar o conheço,
Tem o andar miudinho,
Como a felor do codeço.

55 Semeei no meu quintal
Semente de cravelinas;
Que ninguem se fie nos homens,
Nem nas suas palavrinhas.

(A.)

56 Quem tem craveiros tem cravos,
Quem tem cravos tem botões,
Quem tem amores tem zelos,
Quem tem zelos tem paixões.

(A.)

57 D'aqui para a minha terra
Tudo são janellas verdes,
Tudo são cravos e rosas,
Jajemins pelas paredes.

(A.)

58 D'aqui para a minha terra
Tudo é caminho e chão,
Só ha rosas, só ha cravos,
Que eu puz pela minha mão.

(A.)

59 Adeus ó praia de Espinho,
Arrasada foras tu,
De cravos e mais de rosas,
Não te quero mal nenhum.

(D.)

60 Quatro flôres em meu peito,
Todas *quatro* desmaiadas,
Cravo rôxo, amor perfeito,
Rosa branca e encarnada.

(A.)

3261 Quatro flôres, em meu peito,
Fizeram sociedade,
Cravo rôxo, amor perfeito,
A perpetua e a saudade.

3262 O cravo fechado cheira,
A rosa aberta rescende;
Todo o amor que é leal
Logo p'lo falar se entende.

3263 O cravo depois de secco
Deita-se por ahi além,
A rosa quanto mais secca
Tanto mais prestimo tem.

3264 O cravo depois de secco
Foi-se queixar ao jardim,
A rosa lhe respondeu:
Tudo por tempo tem fim.
(B.

3265 O cravo depois de secco
Foi-se queixar ao jardim,
As flôres lhe responderam:
Mal d'amores não tem fim.

3266 O cravo bateu na rosa,
A assucena vae quer'lar,
Oh que rico juramento
A assucena não vae dar!

3267 O' que costa tão ó cima!
Cravo vermelho falai-me;
Se tendes outros amores,
Com tempo desenganai-me.

(T. M.)

3268 Eu sou cravo e tu és rosa,
Qual de nós valerá mais?
O cravo pelas varandas,
A rosa pelos quintaes.

(A.)

3269 Adeus ó largo da Feira,
Cercado de cravos brancos,
Onde o meu amor passeia
Domingos e dias santos.

(D.)

3270 Dizeis que não ha flôres
Lá no Rio de Janeiro,
Eu bem vi um cravo branco
Ao peito d'um brazileiro.

(D.)

3271 Cravo rôxo é meu enlevo,
Cravo branco meu encanto;
Se tu me não queres bem,
P'ra que te hei-de querer tanto?

(A.)

3272 Cravo rôxo é sentimento,
Eu bem sentida que estou,
Não quer o meu coração
Buscar a quem o deixou.

(A.)

3273 O cravo rôxo á janella
Logo lhe cahe a semente;
Mais vale morrer d'amores,
Que viver de ti ausente.

(A.)

3274 Cravo rôxo ama, ama,
Assucena adora, adora;
Foste meu amor primeiro.
Se tens pena chora agora.

(D.)

3275 Cravos rôxos á janella
E' signal de casamento,
Menina, recolhe os cravos,
Pr'a casar inda tens tempo.

(A.)

3276 Trazeis o cravo no peito,
E' signal de casamento,
Tirae o cravo do peito,
P'ra casar inda tens tempo.

(D.)

3277 O cravo rôxo á janella,
Mangerico ao postigo;
Mais de quatro tem inveja
De Antonio falar comigo.

(A.)

3278 Tenho dentro do meu peito
Um cravo roxo dourado,
Regado co' as aguas finas
Que por ti tenho chorado.

3279 N'um quintal tenho cravos,
E n'outro tenho craveiras;
Tudo quanto mulher's dizem
São tolices e asneiras.

(A.)

3280 Vou-me embora, vou-me embora,
Vou-me embora, não te engano,
Rega-me aquelle craveiro,
Que dá cravos todo o anno.

(A.)

3281 O cravo tem vinte folhas,
A assucena cinco só;
Quem espera p'lo amor
Tem paciencia de Job.

(A.)

3282 O cravo tem vinte folhas,
A rosa tem vinte e uma,
E anda o cravo em demanda
Por a rosa ter mais uma.

(A.)

3283 Atiraste-me com um cravo,
Com cinco folhas me f'riste,
Viste correr o meu sangue,
Ingrato, e não me acudiste!

(A.)

3284 O cravo, rei das *felores*,
And' ó peito das donzellas,
Das moças é venerado,
'Té o põem nas capellas.

(A.)

3285 Eu hei-de ir ao teu jardim
A colher um cravo aberto;
E' um regalo na vida
Enganar a quem é esperto.

3286 Se eu soubesse que tu vinha
Allivio dos meus cuidados,
Tinha-te a casa varrida,
Alcatifada de cravos.

3287 Tendes o cravo na bocca,
Com a raiz na garganta,
Quem vol'o tirára a beijos,
A' hora em que o gallo cant

3288 O cravo cahiu do céo
Quebrou 'ma perna, está côx
A rosa, com sentimento,
Toda se vestiu de roxo.

3289 Cahiu o cravo do céo,
Quebrou o pé, ficou côxo,
Logo a rosa, com paixão,
Se vestiu toda de rôxo.

3290 Dançae-me n'esse terreiro,
Que tudo para vós é:,
Nasce o cravo, nasce a rosa
Onde vós ponde l'o pé.

91 Tenho cravos semeados,
Malmequeres a nascer;
Tenho-te amor de pequena,
Já t'o não posso perder.

(A.)

92 Lindos cravos, lindas flôres,
Tendes no vosso jardim;
Que ha-de dar quem não tem quê?
Assim me acontece a mim.

(A.)

93 Adeus quinta do Vedôr,
Alcobaça dos enganos,
Monte Longo é um jardim,
Deita cravos todo o anno.

(A.)

94 Cravos e amor's perfeitos
'Stá o jardim sem nenhum,
Eu conservo em meu peito
Amor perfeito só um.

(T. M.)

95 Eu não choro por ti, cravo,
Que o jardim mais cravos tem,
Choro pela rosa branca
Que me deu meu q'rido bem.

(A.)

96 Tenho na minha janella
O que não tens tu na tua,
Cravinhos a dois e dois,
Viradinhos para a rua.

(T. M.)

3297 Deu-me José um annel,
E Antonio me deu um cravo,
Mais quero o cravo d'Antonio,
Que o annel d'aquelle parvo.

(T. M.)

3298 Antonio me deu um cravo,
A' saída do sermão,
Metti o cravo no seio,
Antonio no coração.

(A.)

3299 Os cravos do meu craveiro
São regados com vinagre;
Não me percas o amor,
Que eu te não perco a amisade.

(A.)

3300 Os cravos do meu craveiro
Chegam acima do muro;
Sustenta, amor, a palavra,
Que o meu amor 'stá seguro.

(A.)

3301 Os cravos do meu craveiro
Teem bandeiras de lucto;
Foi-se o meu amor ha pouco,
Tenho pena, choro muito.

(A.)

3302 Os cravos do meu craveiro
Todos são de varias côres,
São como as moças solteiras,
Que tem dois e tres amores.

(A

3303 Os cravos do meu craveiro
De encarnados aborrecem,
Não os dou a quem m'os pede,
Senão a quem os merece.

(A.)

3304 Os cravos do meu craveiro
Toda a hora eram contados,
Foi-se o meu amor embora,
Já aqui me faltam cravos.

(A.)

3305 Mandaste-me penhorar
Os cravos do meu craveiro,
Dei os cravos á penhora,
Inda me sobrou dinheiro.

(A.)

3306 Diz o cravo para a rosa
Lá de dentro do jardim:
Garganta maravilhosa,
Anda cá p'r'ó pé de mim.

(A.)

3307 O' amor, dá-me um cravinho,
Em segredo, ninguem veja;
No jardim da lealdade
Meu coração se deseja.

(A.)

3308 Quem disser que o verde é feio
Hei-de-lhe dizer que mente,
Não ha cravo, não ha rosa,
Aonde o verde não entre.

(A.)

3309 Tenho tres cravos a abrir
Lá em cima na Palmeira;
Já não amo quem amava,
Já lá vae essa cegueira.

(E.)

3310 Esta rua cheira a cravos,
E' signal de namorados,
E' Manoel com Maria,
Deus os faça bem casados.

(A.)

3311 A rua Direita é 'streita,
A praça é desengano,
A rua do meu amor
Deita cravos todo o anno.

(A.)

3312 N'esta terra não ha cravos,
Nem janellas para os pôr,
E' terra de muita rosa,
Os cravos não tem valor.

(D.)

3313 As solteiras são de cravos,
As casadas são de rosas,
As viuvas são de goivos,
As velhas são tabacosas.

(A.)

3314 Ailé,
O' ais, ó ais,
Tenho uma cravêra
De cravos negraes.

(A.)

3315 Ailé,
O' ais, ó uis;
Tenho uma craveira
De cravos azues.

(A.)

3316 A *felor* da fava é rôxa,
E a morte vem com a dôr;
Os teus carinhos me obrigam
A morrer por ti, amor.

(A.)

3317 Não ha flôr como a giesta,
Amarga e parece bem;
A mim dás-me falas boas
E a outra tu queres bem.

(A.)

3318 Não ha flôr como a giesta
Pela manhã ao abrir;
Nem amor como o primeiro,
Que se vae e torna a vir.

(A.)

3319 Eu nasci no meio dos *vaes*,
Junto á *felor* da giesta;
Cada vez te quero mais,
Não sei que amizade é esta.

(A.)

3320 Ailé, ailé,
Na flôr da giesta;
Val' mais a filha que a mãe,
A mãe é velha, não presta.

(A.)

3321 O girasol, quando nasce,
Traz a maravilha ao pé;
Contractos com gente falsa,
Quantos menos melhor é.

(A.)

3322 Oh meu girasol brilhante,
Colhido na Vidigueira;
Já não tenho girasol,
Já não tenho quem me queira.

(D.)

3323 Goivo rôxo é sentimento,
Eu sinto de te não vêr,
Sinto mais a tua ausencia
Que a hora em que hei-de morrer.

(A.)

3324 Não se me dá de quem tem
Goivos rôxos á janella,
Que tambem eu tenho á minha
Uma roseira amarella.

(A.)

3325 O José me deu um lenço
Cheio de goivos, lá na praça,
Pois se eu nasci para Antonio,
O que quer José que eu faça?

(A.)

3326 O jasmim cahiu do céo,
No ar feriu a assucena;
Não ha gostos n'esta vida
Que no fim não causem pena.

(A.)

17 Das flôres do meu jardim
Só o junquilho é o rei;
Ausentaste-te de mim,
Choraste, que eu bem *no* sei.

(D.)

18 Não ha flôr como o junquilho,
Logo pela manhã abre,
Nem amor como o primeiro,
Que é amado de vontade.

(A.)

19 Não ha flôr como o junquilho,
Nem cheiro mais singular,
Nem coração mais perdido
Que este meu para te amar.

(A.)

30 Não ha flôr como o junquilho,
Flôr que a todos cheira bem,
Nem a rosa, nem o cravo,
Nem mangerona d'el-rei.

(A.)

31 Tenho dentro de *mê* peito
Um junquilho por abrir;
Ninguem sabe o meu intento,
Nem a quem hei-de seguir.

(A.)

32 O jardim municipal
No *meio tem um* junquilho;
Anda agora muito em moda
Os aventaes de espartilho.

(A.)

3333 Chora a flôr da laranjeira
Lagrimas de tres em duas,
Tambem os meus olhos choram
Por tantas ausencias tuas.

(A.)

3334 Deitei-me e adormeci
Debaixo da laranjeira,
Cahiu-me uma flôr no rosto,
Ai, Jesus, que tão bem cheira!

(T. M.)

3335 Não ha coisa que mais cheire
Que é da laranjeira a flôr;
Não ha coisa que mais custe
Que é a apartação d'amor.

(A.)

3336 A *felor* da laranjeira
Tem perfume e tem sabor,
Não é branca, nem trigueira,
Assim é o meu amor.

(A.)

3337 A *felor* da laranjeira
E' nobre, tem 'stimação,
E só propria das donzellas,
Quando o esposo dá a mão.

(A.)

3338 Atirei c' o lirio ao lirio,
Atirei c' o lirio ao céo,
Voltou o lirio p'ra baixo,
E cahiu no meu chapeu.

9 Atirei um lirio ao céo
E cahiu-me um cravo aberto;
Cada qual é p'r'ó que nasce,
Não ha dictado mais certo.

(A.)

10 Quem quizer matar o ralo,
Eu bem sei onde elle dorme,
Debaixo do lirio rôxo,
Com 'ma folhinha se cobre.

(A.)

11 Eu tenho á minha porta
Um lirio rôxo, meu bem;
Tambem cahe n'uma desgraça
Quem muito juizo tem.

(A.)

12 Não ha rôxo como o lirio,
Nem verde como a urtiga;
Gosto sempre de te vêr,
Inda que nada te diga.

(T. M.)

13 Não ha rôxo como o lirio,
Nem verde como a urtiga;
Já perdi o norte á terra
E o amor á rapariga.

(T. M.)

14 Não ha rôxo como o lirio,
Nem cheiro mais singular,
Nem amor como o primeiro,
Sendo firme no amar.

(T. M.)

3345 O' alto lirio rôxo,
Dêxa-me aqui esconder,
Pôs furtê uma menina,
Agora quer'-me prender.

(A.)

3346 Debaixo do lirio rôxo
Tenho um segredo encoberto;
Todas dizem que eu namoro,
Ninguem o sabe de certo.

(M.)

3347 O' largo de S. Domingos,
Cercado de lirios brancos,
Onde vae meu bem á missa
Domingos e dias santos.

(A.)

3348 Eu tenho no meu jardim
Lirios brancos e abraços;
Eu já te jurei, amor,
D'ir morrer n'esses teus braços.

(A.)

3349 Anda cá, meu lirio branco,
Meu desbotado sem côr;
Desprezei-te tantas vezes,
P'ra ser's hoje o meu amor.

(D.)

3350 Oh que calma está cahindo
Para quem anda no campo!
Meu amor, que por lá andas,
Encosta-te ao lirio branco.

3351 Ao cimo da minha rua
Está uma herva nascida,
E' chamada malmequer,
Malmequer's p'ra toda a vida.

(A.)

3352 O malmequer amarello
Tem a folha miudinha;
Põe os papeis na egreja,
Que eu já convidei madrinha.

(A.)

3353 Tenho dentro do meu peito,
Ao lado do coração,
Um ramo de malmequeres,
Com uma rosa em botão.

(A.)

3354 Malmequeres, malmequeres,
Ao campo se vão colher,
Eu já vi um malmequer
Acabar n'um bem querer.

(A.)

3355 Bemmequeres, malmequeres,
Aos campos se vão colher;
Tira-me do teu sentido,
Se me queres vêr morrer.

(A.)

3356 Malmequer, bemmequer,
Aos *campos se* vão colher;
Uma má informação
Desmancha um bem querer.

(A.)

3357 Desgraçado malmequer
Onde vieste a nascer!
Onde não ha a saudade,
Não póde haver o bem q'rer.

3358 Tenho um vaso de melindres,
Que me fazem melindrosa;
Por causa dos teus carinhos
E' que eu estou tão ciosa.

3359 Se fôres colher melindres
Colhe-os rentinhos do chão;
Ingratidões do meu bem,
Para mim melindres são.

3360 Fui ao campo colher flôres,
Colhi uma paciencia,
Pedi a Deus que m'a désse,
P'ra viver na tua ausencia.

3361 A *felor* da paciencia
Tem cheiro particular;
O amor com amizade,
E' mais certo de durar.

3362 O' linda papoila
Creada no campo,
E's o meu amor,
E's o meu encanto.

53 O' linda papoila,
Creada ó calor,
E's o meu encanto,
E's o meu amor.

(B. B.)

54 O' linda papoila,
Creada no matto,
E's o meu encanto,
E's o meu retrato.

(B. B.)

55 Se ella a perpetua cheirasse,
Era a rainha das flores,
Mas a perpetua não cheira,
E' rainha dos amores.

(A.)

56 Não ha flôr como a perpetua,
Que nasce de madrugada;
Nem amor como o primeiro,
Porque nasce dentro d'alma.

(A.)

57 Já o meu bem me deixou,
Paciencia, não importa,
Deus lhe dê tanta saude
Como á perpetua na horta.

(A.)

58 Meu raminho de perpetua,
Cortado sem ser aberto;
O teu amor não é firme,
O meu tambem não é certo.

(M.)

3369 Rosa branca, toma côr,
Não sejas tão desmaiada,
Que dizem as outras rosas:
Rosa branca não val' nada.

(A.)

3370 Aqui tens a rosa branca,
Colhidinha pelo pé,
Não é feia, nem bonita,
Mas engraçada isso é.

(A.)

3371 Das muitas rosas que ha
A mais linda é a encarnada;
A mulher que é rabugenta
Por uma força é casada.

(A.)

3372 Oh minha rosa encarnada!
Não me debotes a côr,
Que foi a primeira prenda
Que me deu o meu amor.

(E.)

3373 Fui á quinta do Maduro
Colher 'ma rosa encarnada;
Conta que me tens seguro
Se não me faltar's em nada.

(A.)

3374 Trago dentro do meu peito
Um botão de rosa a abrir;
São os olhos do meu bem,
Que p'ra mim se estão a rir.

3375 Eu tenho um botão de rosa
No meu cesto de costura;
A nossa amizade, amor,
Só tem fim na sepultura.

(A.)

3376 Que lindo botão de rosa
Que a minha amada me deu!
Vou já dal-o de presente
A outro amor que foi meu.

(A.)

3377 Oh linda rosa em botão!
Quem me déra a tua côr,
Só assim podia ter
Encantos p'r'ó meu amor.

(A.)

3378 Algum dia o meu amor
Chegava de madrugada;
A rosa emquanto é botão
Todos a trazem 'stimada.

(A.)

3379 Amarella, como a esponja,
De raiva, a rosa ficou,
E o jasmim d'envergonhado
A côr da rosa tomou.

(A.)

3380 Que lindo botão de rosa,
Traz o meu bem no casaco!
Não é o botão que eu gabo,
Mas sim gabo o seu retrato.

(A.)

3381 Não é fineza nenhuma
A rosa em botão cheirar,
Fineza é depois de secca
O mesmo cheiro deitar.

(A.)

3382 Perde a rosa os seus espinhos,
Perde o viço e perde a côr;
Tambem eu tenho perdido
O carinho ao meu amor.

(A.)

3383 O padre chamou-me rosa,
E eu tambem lhe respondi:
D'estas rosas, senhor padre,
Não as ha no seu jardim.

(A.)

3384 Amor, por amor de mim,
Não percas conveniencia,
Não sou rosa de jardim
Onde te faça assistencia.

(A.)

3385 A mulher é como a rosa,
'Stando aberta, ou desfolhada,
Aos vinte annos vale muito,
Aos quarenta não val' nada.

(A.)

3386 Entre espinhos nasce a rosa,
E entre espinhos se cria;
Se eu lograsse os teus carinhos,
Por ditosa me daria.

(A.)

3387 Mandaste-me esp'rar, esp'rei.
Ao pé d'uma rosa aberta,
Ingrato, que me enganaste,
Que não tens palavra certa!

(A.)

3388 Puz-me á espera e esperei
A' sombra da rosa aberta;
Faz o gosto a quem quizeres,
Tua vontade é liberta.

(A.)

3389 A rosa p'ra ser dobrada,
Ha-de ter um cravo ó pé;
Quem quizer ter amor vário
Namore-se de um Thomé.

(A.)

3390 Rosa branca na silveira,
Cravo rosado no monte,
Quem quizer a rosa alegre
Deite-lhe o cravo defronte.

(D.)

3391 'Té a rosa se desfolha
Só para cobrir o chão;
Só eu não tenho quem cure
Penas do meu coração.

(A.)

3392 Nos arvoredos de espinhos
Nasce uma rosa brilhante;
Quem não quizer soffrer penas
Não se obrigue a ser amante.

3393 O meu amor e o teu
Andam n'aquella ladeira,
O meu anda a apanhar rosas,
E o teu herva cidreira.

(D.)

3394 Tenho rosas, tenho rosas,
E tambem flor's do Japão,
Se os mocinhos da cidade,
Ai, se elles m'as comprarão.

(A.)

3395 A rosa fechada cheira,
O cravo aberto rescende:
E' como o amor leal,
Sem mesmo falar se entende.

(A.)

3396 A rosa fechada cheira,
O cravo aberto rescende:
O amor para ser firme
Logo no falar se entende.

(A.)

3397 A rosa para cheirar
Ha-de ser a de Jessé,
O amor para ser firme
Ha-de-se chamar José.

(A.)

3398 A rosa para cheirar
Ha-de andar ao peito de Anna,
Para cheirar ao domingo
Ha-de andar toda a semana.

(A.)

3399 A rosa para ser rosa
Ha-de ser da *Gerezmana,*
Cortadinha no domingo,
Cheira para toda a semana.

(M.)

3400 A rosa para ser rosa
Deve ser de Jericó;
O homem para ser homem
Deve amar a uma só.

(A.)

3401 A rosa para cheirar,
Deve ser de Alexandria,
E ser dada por mão de Anna,
E colhida por Maria.

(A.)

3402 A rosa para ser rosa
Deve ser de Alexandria;
A mulher para ser firme
Deve chamar-se Maria.

(T. M)

3403 O' rosa d'Alexandria,
A *primêra* que géraste,
Abotoaste o *mê pêto*
Emquanto não desfolhaste.

(A.)

3404 Menina, por ser bonita,
Não cuide que mais merece,
Quanto mais linda é a rosa
Mais depressa desvanece.

(A.)

3405 As moças da minha aldeia,
De muitas parecem poucas,
São como as rosas singelas,
Umas encobrem as outras.

(A.)

3406 Moças de Campo Maior,
São muitas, parecem poucas,
São como as rosas do campo,
Que umas encobrem as *ôtras*.

(A.)

3407 Se me queres amar, ama,
Não me andes com carranquinhas,
Que tenho amado a mais flôres
Que o campo tem de rosinhas.

(A.)

3408 Se este lenço fôra meu,
Como é de meu irmão,
Mandava-lhe pôr no meio
Uma rosa em botão.

(A.)

3409 Adeus villa de Trancoso,
Barandinhas ó correr;
No meio de tantas rosas
Alguns cravos ha-de haver.

(B. B.)

3410 O' moça que vendeis rosas,
Venha, que eu tenho dinheiro,
Escolha-me das fechadas,
Que as abertas não tem cheiro.

(D.)

3411 Amar e não ser amada
São duas coisas custosas,
Tudo na vida tem 'spinhos,
Não penses são só as rosas.

(A.)

3412 Eu de rosas gosto muito,
E dos cravos ainda mais,
Não falo nos girasoes
Que tenho nos meus quintaes.

(A.)

3413 As rosas tambem namoram,
Levam vida bem ditosa,
Maroto do cravo branco
'Scolhe sempre a mais cheirosa.

(A.)

3414 Da minha janella á tua
Vae uma c'rôa de rosas;
Não se pódem ter amores,
Por causa das invejosas.

(A.)

3415 Toda a rosa que se ausenta
Sem dar parte ao jardineiro,
E' como a moça donzella,
Que segue o amor primeiro.

(A.)

3416 Parte a rosa do jardim,
Sem dar parte ao jardineiro;
Lá virá tempo que chores
Pelo teu amor primeiro.

(A.)

3417 *Áqentô-se* o *jardinêro,*
Seque-se a folha da rosa;
Quem *dôs* amantes quer ter,
Nem d'um nem d'outro se logra.

(A.)

3418 Oh bello jardim das rosas!
Oh boninal das boninas!
Nem quantos amor's namoram
Alcançam perolas finas.

(D.)

3419 Vem tu cá, minha menina,
No ramo da pionia;
Se te eu chegava a lograr
Mais nada do mundo q'ria.

(D.)

3420 Ailé,
Rosa amarella,
Lá no meu quintal
Tenho um vaso d'ellas.

(A.)

3421 A saudade tem côr rôxa,
Quem o ha-de duvidar;
Eu nasci para ser tua,
Que desculpas te hei-de dar.

(A.)

3422 A saudade é toda rôxa,
Tem no meio o olho verde;
Canças-te embalde, menina,
Quem tem amor não o perde.

(A.)

13 A *sôdade* é *felor* rôxa,
No meio tem um só pé;
Quem namora ás escondidas
E' namorado sem fé.

(A.)

14 A *sôdade* é *felor* rôxa
Salpicada de encarnado;
Como pod'rei eu deixar
A quem tenho tanto amado?

(A.)

15 A *sôdade* é *felor* rôxa,
Dá-le o vento, está bulindo;
A nossa desconfiança
Bem certa me vae sahindo.

(A.)

26 Quatro ramos de saudades,
Dois d'elles p'ra cada banda;
Se me tiver's amizade
Has-de vencer a demanda.

(A.)

27 Tenho um ramo de saudades
Atado com fita branca;
Como queres que te deixe,
Se a nossa amizade é tanta.

(A.)

28 Uma saudade me mata,
Ausente do meu amor;
Oh, que f'rida tão profunda
Faz no coração a flôr!

(A.)

3429 Da côr da rôxa saudade
Se vestiu meu coração,
De roda lhe mandei pôr
Suspiros de guarnição.

(A.

3430 Não ha flôr como o suspiro,
Que nasce do coração,
Se todas as flôr's se vendem,
Só os suspiros se dão.

(A

3431 Mandei comprar á botica
Remedio p'ra 'mas sezões,
Mandaram-me dois suspiros,
Com duas ingratidões.

(A

3432 Mandei buscar á botica
Remedio para uma ausencia,
Mandaram-me dois suspiros,
Que tivesse paciencia.

(A

3433 Eu já vi nascer n'um valle
A linda *felor* do tojo;
Viva quem ha-de lograr
Um fadista de relogio.

(A

3434 A' *felor* da trovisqueira
Dá-lhe o vento, cae-lhe a baga;
A moça que é verdadeira
Não merece ruim paga.

35 Tenho na minha varanda
Tulipas até ao chão;
Vae bater a outra porta,
Eu já te dei o meu não.

(A.)

36 Tenho dentro do meu peito
Tulipas até ao chão,
Em consid'rar que me deixas
Sem motivo nem razão.

(A.)

37 Tenho na minha janella
Tulipas até ao chão;
Vendo-te falar com outro
São facadas que me dão.

(T. M.)

38 N'uma manhã de setembro
Quebrou-se o pé á tulipa;
E' bem tolo quem por gala
O seu segredo publíca.

(A.)

39 Fui ao jardim da Italia
Colher a flôr á tulipa;
Bem tola é a menina
Se o seu amor publíca.

(T. M.)

40 Fui-me ao jardim colher flôres
E colhi uma tulipa;
E' bem tola quem se mata
Por quem não se mortifica.

(A.)

[illegible]

(A.)

[illegible]

(A.)

[illegible]

(A.)

[illegible]

(A.)

[illegible]

(A.)

3446) Quem me déra vêr-te só
Como a violeta no campo,
E eu sósinho ao pé de ti,
Nunca o meu mal fôra tanto.

47 Eu tenho á minha janella
O que tu não tens á tua,
Um vaso de violetas
Que dá cheiro a toda a rua.

(A.)

48 D'um vaso de violetas
Fiz um disfarce p'r'ó peito,
Só p'r'a disfarçar desfeitas
Que o meu amor me tem feito.

(A.)

49 Quem se sisca alhos come,
Diz o antigo rifão,
Tambem eu ando siscáda,
E é com muita razão.

(A.)

50 Ninguem se fie em cantigas
De qualquer mulher ou *home;*
Anda agora muito em moda:
Quem se sisca alhos come.

(A.)

51 Detraz de qualquer vallado
Se colhe uma verde ameixa;
Quem por tolo se faz grave
Tambem por tolo se deixa.

(A.)

52 Oh morte, oh negra morte,
Grande pena tu me deixas!
Tu has de tornar a vir
Para o anno das ameixas.

(D.)

3453 Meu amor quando era novo
Par'cia um botão de rosa,
Agora em vindo o verão
E' como a ameixa babosa.

(A.)

3454 Deixa vir o v'rão, que é doce,
Tempo que amadura ameixas;
Deixaste-me a mim por outra,
Tanto levas como deixas.

(A.)

3455 *Assubi* por uma ameixa,
Desci por um cacho d'uvas;
As mulheres para os homens
São tão falsas como Judas.

(A.)

3456 Subi ao ramo mais alto,
Colhi um ramo d'ameixas;
Se me foras, amor, firme
Contava te as minhas queixas.

(A.)

3457 Papagaio, penna verde,
Tu foste ás minhas ameixas,
Torna atraz, ó papagaio,
Anda buscar as que deixas.

(D.)

3458 Ailé,
Caroço d'ameixa;
O amor que é firme
Segura, não deixa.

59 Ailé, meu amor,
Não te digo nada,
Cinco réis d'ameixas
E' 'ma chapérada;
Lá na minha aldeia
E' chapérada e meia.

(A.)

60 Menina, se quer amendoas
Encoste-se á amendoeira,
Vá comendo, vá gostando,
Vá mettendo p'r'á algibeira.

(B. B.)

61 Lá te mandei um raminho
De tres amoras, que é lucto,
E lá no meio vae dizendo:
O' meu amor, quer'-te muito.

(A.)

62 De Lisboa me mandaram
Quatro amórinhas, que é lucto;
Meu amor fica sabendo
Que já te não quero *munto*.

(A.)

63 Fui ao jardim colher flôres,
Não colhi senão amoras
Ha muita falta d'amores
Quando o primo se namora.

(A.)

64 Quem quer comprar, que eu vendo,
Amórinhas a vintem?
São baratas, comprem todos,
Que na cama sabem bem.

(A.)

3465 Eu sou bem como a amora,
Que entre as silveiras nasceu;
Como não hei-de eu prender
Um amor que só é meu!

(A)

3466 O meu amor amuou,
Foi ás amoras ao matto:
Sae-te d'ahi, amuado,
De amoras já 'starás farto.

(D.)

3467 O meu amor, coitadinho,
Foi ás amoras ao matto,
Coitado do meu amor,
Que nem d'amoras é farto.

(E.)

3468 O meu amor amuou-se,
De amuado foi ás amoras,
Anda lá, meu bem amado,
Que isso é por poucas horas.

(D.)

3469 Ailé,
O' mana, ó mana,
Deixa o ananaz,
Toma lá banana.

(A.)

3470 Azeitona é um segredo,
Tem o caroço escondido;
E as saudades são rôxas
Que eu trago para comigo.

71 A azeitona é um segredo,
Tem o caroço escondido;
Todos sabem quem eu amo,
Ninguem sabe o meu sentido.

(A.)

72 A azeitona retalhada,
Todo o anno tem valia;
Moça solteira em casando,
Logo perde a *fanteria*.

(A.)

73 A azeitona retalhada
Logo perde o amargor,
E' como a moça solteira:
Quando casa perde a côr.

(A.)

74 A azeitona cordovil
Tem o caroço pintado;
Tenho visto caras lindas,
Só tu és do meu agrado.

(A.)

75 A azeitona cordovil
Tem o caroço riscado;
Tráz-me lá no teu sentido,
Que eu na memoria te trago.

(A.)

76 A azeitona cordovil,
Amor, comêmol-a ambos,
Se dentro tiver veneno,
Amor, morreremos ambos.

(T. M.)

3477 A azeitona que vem d'Elvas
Toda ella é cordovil;
Já me deram um cabaço,
Mas eu já dei mais de mil.

(A.)

3478 A *azêtona* da cidade,
Toda ella é cordovil;
Quem por mim *perdê* o somno,
Já póde agora dormir.

(A.)

3479 Atirei c'uma azeitona
A's muralhas de Castella,
Matei uma castelhana
Que estava de sentinella.

(A.)

3480 Atirei c'uma azeitona
A's muralhas de Marvão;
Apanhei a malva rôxa
Fechadinha em botão.

(A.)

3481 Atirei c'uma azeitona
A' menina da janella,
A azeitona cahiu dentro,
A menina quem m'a déra.

(M.)

3482 Azeitona miudinha,
Já morreu quem te apanhava,
Agora deixa-te estar
Por esse chão espalhada.

(A.)

3483 Azeitona pequenina,
Embarcou, foi p'r'ó Brazil;
Quem por mim perdia o somno,
Agora póde dormir.

(T. M.)

3484 A azeitona miudinha
Faz o ramo bem composto,
Assim são as bexiguinhas,
Menina, n'esse teu rosto.

(A.)

3485 A azeitona pequenina
Que azeite póde render?
Homem sem barbas na cara
Que vergonha póde ter?

(A.)

3486 A azeitona miudinha
Toda vae para o lagar;
A moça que é pequenina
E' mais firme no amar.

(A.)

3487 A azeitona, p'ra ser preta,
E' primeiro de tres côres;
Desengana o teu sentido
Na paga que dão amores.

(A.)

3488 *Avar'jae, avar'jadores,*
Apanhae, apanhadeiras,
Apanhae baguinhos d'ouro
Que cáem das oliveiras.

(A.)

3489 Apanhemos a azeitona,
Não olhêmos para o norte,
Que o dinheiro do nosso amo
Não se ganha d'esta sorte.

(A.)

3490 Apanhemos a azeitona,
Que está cahida no chão,
Ainda que é miudinha,
Sempre se come com pão.

(A.)

3491 Apanhemos a azeitona,
Não deixemos os caroços,
P'ra não dizer o nosso amo:
Levam carne, deixam ossos.

(A.)

3492 Apanhemos a azeitona,
Sem importar c' os abrolhos;
Se pudesse haver-te ás unhas,
Tinha-te tirado os olhos.

(A.)

3493 Apanhae, apanhadeiras,
A fructa que está no chão,
Antes que venha o feitor
Cumprir sua obrigação.

(A.)

3494 O' ciranda, ó cirandinha,
Vamos nós a cirandar,
Lá no tempo d'azeitona
Anda a ciranda no ar.

(A

3495 Os amores da azeitona
São com'*ós* do papagaio,
Em se acabando a azeitona:
Fica-te com Deus, lá caio.

(A.)

3496 Os amores da azeitona
São amor's da cotovia,
Em se acabando o trabalho:
Fica-te com Deus, Maria!

(A.)

3497 A azeitona já está preta,
Já se póde armar ao tordo;
Eu não sei como ha quem deixe
Um amor velho por novø.

(A.)

3498 A azeitona já está preta,
E' tempo de armar aos tordos,
E' tempo, minha menina,
De tomarm'os amor's novos.

(A.)

3499 Olhos d'azeitona preta,
De amores é signal certo,
Se ao longe nos mettem medo,
Captivam vistos de perto.

(A.)

3500 Chamaste-me preta, preta,
Eu sou preta, bem o sei,
Tambem a azeitona é preta
E vae á mesa do rei.

(A.)

3501 Venho de cima do Douro,
De varejar azeitona;
Inda me aqui appareces,
Cara de pouca vergonha.

(D.)

3502 De cima do muro
Se apanha azeitona;
Quando os homens choram
Tem pouca vergonha.

(D.)

3503 Fui-me d'aqui tantas leguas
A' fama d'esse barulho;
Cuidava que era boleta,
Achei-me com cascabulho.

(A.)

3504 Com licença, meus senhores,
Vou levantar minha voz,
P'ra isto sou inf'rior
Como a b'lota ao pé da noz.

(A.)

3505 Minha vida são castanhas,
A minha alma são boletas,
Nos dias que te não vejo
As minhas galas são pretas.

(A.)

3506 Minha vida são castanhas,
Meu desenfado bolotas,
Os dias que te não vejo
Todo eu ando ás cambalhotas.

(A.)

07 A castanha no ouriço
'Stá com toda a gravidade,
E' como a moça solteira
Na *felor* da sua edade.

(T. M)

08 Prometti-te uma castanha
Se m'a dér o castanheiro,
E prometti de ser tua
Se outro não vier primeiro.

(A.)

09 Tenho corrido e andado
A maior parte de Hespanha,
Trago Portugal fechado
Na casca d'uma castanha.

(A.)

10 Quem me déra cá o tempo,
O tempo das *esfolhadas*,
Para dar ao meu amor
Quatro castanhas assadas.

(B. A.)

11 A m'nha vida são castanhas,
Cozidas n'um alguidar;
Eu já sei das tuas manhas,
Não te estejas a gabar.

(A.)

12 Quatro castanhas assadas,
Um copinho d'aguardente,
Um beijo d'uma solteira,
Faz andar um rapaz quente.

(A.)

3513 Castanhas do Maranhão,
Veem de fora do reino;
Quanto mais mal de ti dizem,
Mais amizade te eu tenho.

(A.)

3514 Delicada é a cebolla
Para as sopas dos carreiros;
E' primeira vez que vejo
Aos coices burros *matrêros*.

(A.)

3515 A cereja é córadinha,
Córada como o medronho;
Eu sempre sonho comtigo,
E tu comigo não sonhas.

(M.)

3516 Hortelão da Horta Nova,
Regas o pé á cereja;
Quem tem amor's com hort'lão
Tem a fructa que deseja.

(A.)

3517 Vós chamaes-me cerejinha,
A cereja tudo tem,
E' branca e é vermelhinha,
E verde no pé tambem.

(B. B.)

3518 Chamaste-me cerejinha
Diante de tanta gente,
Agora me fica o nome,
Cerejinha para sempre.

(T. M.)

19 Chamaste-me cerejinha,
Não me desprezo do nome,
A cereja bem madura
Todo o fidalgo a come.

(B. A.)

20 As palavras dos amantes
São como as cerejas bellas,
Atraz d'umas veem outras,
Não ha quem se aparte d'ellas.

(A.)

21 Eu hei-de amar a cereja
E tambem a cerejeira,
Tambem hei-de amar-te a ti,
Antes que teu pae não queira.

(A.)

22 Adeus villa de Pedrogam,
Adeus terra da cereja,
Adeus amor, *bemté* logo
Ainda que mais não seja.

(A.)

23 Hortelão da Horta Nova,
Rega a raiz ao damasco;
Quem tem um amor, quer dois,
D'essa fructa é que eu não gasto.

(A.)

24 Os damascos e os pecegos
São as fructas do meu gosto,
Bem grossas e rosadinhas
Como as côres do teu rosto.

(A.)

3525 *Atirè* c'um ai *ó* ceo,
Cubrè o pé *ó* damasco;
Não faças conta commigo,
Q'è comtigo não *na* faço.

(A.)

3520 Todos os favaes tem favas,
Só o meu tem ervilhinhas;
Todas 'stão a conversar,
Só eu estou a dobar linhas.

(D.)

3527 Favas verdes com toucinho
Quem não as tem não as come;
Da saia velha que tinha
Fiz uns calções *ó* meu *home*.

(A.)

3528 Feijão carrapato branco
Da ilha de S. Thomé;
Conselhos como os que dás
Tenho eu a pontapés.

(D.)

3529 Ai que rua tão comprida
Para semear feijões!
Que menina tão bonita
Para render corações.

(A.)

3530 Andas p'ra baixo p'ra cima,
Como o figo na figueira,
Andas morto por casar,
Mas não achas quem te queira.

(A.)

31 Figos d'aquella figueira,
Quem os houver de comer
Deve ter o pé ligeiro
Para subir e descer.

(B. A.)

32 Eu não quer' comtigo figos,
Eu não quer' comtigo passas,
Quero ir ás Albufeiras
A bailar co'as alabaças.

(A.)

33 Adeus terra do Algarve,
Terra de pouco sustento,
Só comem castanha pôdre
E algum figo *bularento*.

(A.)

34 Cantas bem, não cantas mal,
Mas tens postura d'alarve,
Andas de terrinha em terra
A vender passas do Algarve.

(A.)

35 Meu amor é algarvio,
Passa as passinhas do Algarve,
Quando vem p'r'*ó* Alemtejo
Vende passinhas alarves.

(A.)

36 Meu amor é algarvio,
Passa as passas do Algarve,
Quando vem *ó* Alemtejo,
Vem cá dar passos d'alarve.

(A.)

3537 Rapazes, rapazes,
Amigos, amigos,
Andam pelas ruas
A tres, como os figos.

3538 Tenho uma laranja d'oiro,
Vermelha como a cereja,
Para dar ao meu amor,
A' sahida da egreja.

3539 Tenho uma laranja d'oiro,
Ao canto do meu bahú,
Para dar ao meu amor
Queira Deus que sejas tu.

3540 A laranja quando nasce
O rouxinol a namora,
Anda de folhinha em folha,
Dá-lhe um beijo e vae-se emb
(T.

3541 A laranja quando nasce
Logo traz a casca dura,
E' como a moça solteira,
Que até no andar é pura.

3542 A laranja quando nasce
Logo nasce redondinha,
Tambem tu, minha menina,
Nasceste para ser minha.

43 Aqui tens esta laranja,
Tira-lhe o sumo de dentro,
Da casca faz um navio,
Embarca o teu pensamento.

(A.)

44 Ahi vae essa laranja,
Mesmo agora aqui colhida,
Dentro d'ella has-de achar
Lagrimas d'arrependida.

(A.)

45 Toma lá esta laranja,
Olha que tem o pé duro,
Quem te dá uma laranja
Tambem te dá por seguro.

(A.)

46 Toma lá esta laranja,
Não digas eu que t'a dei,
Que eu não tenho laranjal,
Dirão eu que a furtei.

(M.)

47 Toma lá esta laranja,
Toma lá que t'a dou eu,
Por ser a primeira fructa
Que o pomar de meu pai deu.

(T. M.)

48 Toma lá esta laranja,
Nunca digas quem t'a deu,
Que foi o primeiro fructo
Que o pomar de meu pae deu.

(A.)

3549 Pediste-me uma laranja,
Meu pae não tem laranjal,
Toma lá um limão doce,
Que trago no avental.

(A.)

3550 Pediste-me uma laranja,
Meu pae não tem laranjal,
Toma tu lá, e contenta-te,
Um limãosinho bical.

(A.)

3551 Pediste-me uma laranja,
Meu pae não tem laranjal,
Se queres ùm limão dôce
Vem á porta do quintal.

(A.)

3552 Atirei c'uma laranja
Pelo vall' de Chaves fóra,
A laranja ficou dentro,
Eu de Chaves vou-me embora.

(M.)

3553 Atirei c'uma laranja
A's muralhas de Arzil;
Quem por mim perdia o somno
Já póde agora dormir.

(A.)

3554 O' Coimbra das laranjas,
O' Montemór dos limões,
Adeus Maiorca das limas,
Figueira dos corações.

(D

ens uma laranja,
anjeira colhida,
te dá uma laranja
-te dar a vida.

(A.)

a do laranjal,
ne uma laranjinha,
ue ella seja azeda,
ı mão é docinha.

(D.)

nja de Carvão
ı outra que lhe eguale,
ıei uma pançada,
ei baixa ao hospital.

(A.)

nja regadia
asca se conhece;
ı amor de algum dia
hoje me não 'squece.

(A.)

me déra um pão molle
ı laranja partida,
ar ao meu amor,
ıda de tromba cahida.

(A.)

e tussa, não me rasque,
› tenho nenhum erro,
como a laranjinha
o sahe do arvoredo.

(T. M.)

3561 O' laranja, ó laranja,
Tres laranjas n'um pé só;
Hei-de cantar esta moda
A' neta de minha avó.

3562 O retrato da laranja,
E' tirado do limão,
O teu retrato, meu bem,
Trago eu no coração.

3563 Quem me déra 'ma laranja,
P'r'ájuntar com um limão;
Ai, tanta saudade falsa!
Tanto bem querer em vão!

3564 O' laranja miudinha,
Custosa de descascar;
Se tu tens de vir ser minha,
P'ra que te andas a desviar.

3565 Tenho dentro do meu peito
Laranja, cidra, limão,
P'ra trazer as fructas todas
Falta-me o teu coração.

3566 Pediste-me uma laranja,
P'ra regar teu coração,
Qu'ria me visses comer
Laranja, cidra e limão.

3567 Fui *ó* jardim colher fructas,
Colhi laranjas e cidras;
Amor, não dês *créto* a sonhos,
Que são palavras dormidas.

(A.)

3568 A laranja tangerina
Tem a casca luzidia;
Como posso eu esquecer
O meu amor d'algum dia.

(A.)

3569 A laranja madurinha
E' melhor que a tangerina;
A mulher que é bem formosa
Sempre parece menina.

(A.)

3570 O' laranja tangerina,
Aqui 'stá quem te colheu;
P'ra que te fazes tão fina
Se tu não és mais de que eu.

(A.)

3571 O' que bellas tangerinas,
Ha na quinta do Gaião;
Esses teus olhos, menina,
São a minha perdição.

(A.)

3572 Para ir á horta,
Mais vale ir á quinta
Buscar 'ma laranja
P'ra metter na cinta.

(A.)

3573 O amor dos homens
E' de pouca dura,
E' como a laranja
Quando está madura.

(A.)

3574 Ailé,
Laranja chineza,
Repara p'ra mim
Que sou camponeza.

(A.)

3575 Ailé,
Laranja chineza,
A mim não me engana
A tua esperteza.

(A.)

3576 Laranja da China,
Do jardim do rei;
O casar é doce,
Isso é que eu não sei;
Isso é que eu não sei
A mim não me importa,
Laranja da China,
Lá no meio da horta.

(A.)

3577 Laranja da China,
A' mesa do rei;
Se o casar é doce,
Isso é que eu não sei;
Isso é que eu não sei,
Mas hei-de exp'rimentar;
Laranja da China
No meu laranjal.

(A.)

578 Ailé,
O' amor leal,
Dá-me uma laranja
Do teu laranjal.

(A.)

579 Ailé,
O' laranja azeda,
Se tu me não queres
Além vae a v'reda.

(A.)

580 Ailé,
Manoel, amor,
Vamos á laranja,
Que ella está em flôr.

(A.)

581 Ailé, ailé,
Laranja e limão;
Se o teu mal é febre
Eu sou *surgião*.

(A.)

582 O limão bem dôce aos gômos,
Com *assucre* é bom p'r'ó peito,
Dá trabalho a descascar
Mas bem serve de sustento.

(A.)

583 O' que bello limão dôce,
Colhido no laranjal;
Se eu te não tivera amado,
Menos seria o meu mal.

(A.)

3584 O' limão, verde limão,
Que lá estás no limoeiro;
Não ha flôr como a violeta,
Nem amor como o primeiro.

(A.)

3585 Quem me déra um limão
Do limoeiro azedo,
Para tirar o fastio
A quem o ganhou tão cedo.

(A.)

3586 Já não ha quem dê limões
Do limoeiro da verdade;
Quem ama a dois corações
Ama algum com falsidade.

(A.)

3587 O limão tira o fastio,
A laranja o bem querer;
Tira da moça o sentido
Nunca te ha-de pertencer.

(A.)

3588 O' meu amor, meu amor,
Meu amor do coração,
Se te doer a cabeça
Bebe-lhe o chá do limão.

(A.)

3589 O limão é fructa azeda,
Criada no verde escuro,
Ninguem se póde gabar
Que tem o amor seguro.

90 O limão é fructa azeda
Que se vende na botica;
Ama-se quem é de gosto,
Quem não é de gosto fica.

(T. M.)

91 Canta, canario verde,
Verde é, verde limão;
Tu bem sabes, meu amor,
Qual é a minha tenção.

(A.)

92 Algum dia, por te vêr,
Dava voltas ao limão,
Agora, por te não vêr,
Dou voltas ao coração.

(A.)

93 Já não ha quem queira dar
Um limão por um vintem,
Que é para tirar 'ma nodoa
Que este meu coração tem.

(A.)

94 Da janella do meu bem
Me atiraram c'um limão,
Bateu-me a casca no peito
E o sumo no coração.

(A.)

95 Limão dôce, limão dôce,
Só a casca te amaruja;
Prenderei o meu amor
Com laços, que me não fuja.

(D.)

3596 Chamaste-me triste, triste,
Como a folha do limão,
Eu sou triste para ti,
Alegre para João.

(A.)

3597 Tenho um lenço pelas pontas
Cheio de limões bicaes;
Eu quiz vêr se me esquecias,
Cada vez me lembras mais.

(A.)

3598 Tenho um lenço de cambraia
Com folhinhas de limão;
Eu venho de peito feito
A ganhar teu coração.

(A.)

3599 Atirei co' o limão verde,
A' *t'a* porta foi rodando,
Elle te foi avisar
De que eu te estava esperando.

(A.)

3600 Atirei co' o limão verde,
A' tua porta parou,
Quando o limão te quer bem,
Que fará quem o deitou.

(A.)

3601 Deitei o limão correndo,
A' tua porta parou,
Quando o limão toma amores,
Que fará quem o deitou.

(T. M.)

3602 Deitei um limão correndo,
A' tua porta parou,
Olha a graça do limão,
Parece que adivinhou!

(A.)

3603 Atirei um limão dôce
A's janellas de Guiomar,
Ai, Jesus! que lá matei
Aquella pomba real.

(D.)

3604 Deitei o limão correndo,
A' tua porta parou,
Verde foi, e verde veio,
Ai, falso que me enganou!

(A.)

3605 Deitei o limão correndo
Lá pelo adro da sé;
Amores que eu não pretendo
Deito-os p'r'á banda co' o pé.

(A.)

3606 Deitei o limão correndo,
Correndo foi ao Brazil;
Quem por mim perdia o somno,
Já póde agora dormir.

(A.)

3607 Deitei o limão correndo
A' roda do verde v'llado,
P'*ra o meu* amor entender
Que eu ando desconfiado.

(A.)

3608 Deitei o limão correndo
Da praça ao pelourinho,
Quanto mais o limão corre
Mais te eu quero, meu bemsinho.

(A.)

3609 Deitei um limão correndo,
Correndo foi á botica;
Anda agora muito em moda:
Quem é tolo, asno se fica.

(A.)

3610 Botei o limão correndo
De Villa Nova ó *acáes*,
Pensando que me esquecias
Cada vez me lembras mais.

(D.)

3611 O limão, verde limão,
Tem a casca, como a lima;
Nasce o sol em S. Romão,
Deita raios á Franquinha.

(A.)

3612 Não posso comer, não posso,
Nem com sumo de limão;
Nem posso tirar meus olhos
De aonde eu tenho a tenção.

(A.)

3613 Os labios do meu amor
São gomminhos de limão,
Que misturados com beijos
Dão allivio ao coração.

(A.)

14 Disse a lima p'r'ó limão:
—Qual de nós será mais dôce?
Dava-te o meu coração
Se o teu p'r'ó meu assim fosse.

(A.)

15 Rua da Egreja é lima,
E a detraz é limão,
O Rocio penna verde,
E o adro mangericão.

(B. B.)

16 Ailé,
Folha de limão,
O meu lindo amor
Chama-se João.

(A.)

17 Ailé,
Toma lá limão,
Colhido de noite,
Pela fresquidão.

(A.)

18 Tanta lima, tanta lima,
Tanta silva, tanta amora,
Tanta menina bonita,
E meu pae sem ter 'ma nóra.

(A.)

19 Eu matei a minha sêde
Com o sumo d'uma lima;
Deixar de amar eu não hei-de
Quem a mim tanto me estima.

(A.)

3620 Um botão tão fechadinho,
Com o peso d'uma lima,
Onde havia de ir nascer,
No quintal da minha prima!

(A.)

3621 No largo da Miser'cordia
Está um pomar de limas;
Viva quem ha-de lograr
Esses teus olhos, menina.

(A.)

3622 Na rua da Abebereira
'Stá um pomar de maçãs;
Viva quem ha-de lograr
Uma das duas irmãs.

(A.)

3623 A maçã na macieira
Depois de madura cáe;
Se eu quizer dizer, bem sei
D'onde *rescende* o meu ai.

(D.)

3624 A maçã na macieira
Sempre nasce redondinha,
Tambem tu, minha menina,
Nasceste para ser minha.

(E.)

3625 A maçã na macieira
Não se quer abocanhada,
E' como a moça solteira
Que espera de ser casada.

526 Minha maçã vermelhinha,
Não a comi nem a dei,
Tenho-a ao canto da caixa,
Com ella te pagarei.

(D.)

527 Minha maçã camoeza
Navega, não vás ao fundo;
Antes que queira não posso
Ir tapar a bocca ao mundo.

(T. M.)

528 Eu sou como a camoeza
Criada no ramo alto;
Pódes viver na certeza,
Ao que prometto não falto.

(A.)

529 Não sei como ha quem coma
O marmello debulhado;
Não sei como ha quem traga
O seu amor enganado.

(A.)

530 Não sei como ha quem coma
Marmello mal mastigado;
Não sei como ha quem queira
Amor d'outro namorado.

(A.)

531 Não sei como ha quem coma
Marmello de casca velha;
Não sei como ha quem traga
Duas mocinhas á tréla.

(A.)

3632 Não sei como ha quem coma
Marmello com casca e tudo;
Não sei como ha quem traga
Dois amores pelo mundo.

(A.)

3633 Não sei como ha quem coma
Marmello com casca e tudo;
Não sei como ha quem queira
Só um amor n'este mundo.

(A.)

3634 Menina, se tem fastio,
Coma marmello azêdo,
Beba agua, não se embace,
Não descubra o seu segredo.

(A.)

3635 Aqui tens meu coração,
Retalha-o como o marmello,
Que lá dentro has-de achar
O mal ou bem que te eu quero.

(D.)

3636 Não olhes p'r'ó meu cabello,
Nem p'r'ó meu metter do pente;
Eu não sou marmello das balsas
Que tu lhe mettas o dente.

(A.)

3637 Chamaste-me triste, triste,
Como a folha do marmello,
Eu sou triste para ti,
Alegre p'ra quem eu quero.

3638 Marmello com sua ameixa,
Laranja com seu limão,
Damasco com fructa nova,
Melancia com melão.

(A.)

3639 Ailé,
Monte d'Alcobaça;
Não me dê marmello,
Que o marmello embaça.

(A.)

3640 Não ha coisa que mais lavre
Que é o pé da melancia;
Quem tem o amor soldado
Chora de noite e de dia.

(A.)

3641 Eu hei-de escrever, ó ai,
Na casca da melancia;
Quem tem o amor soldado
Chora de noite e de dia.

(A.)

3642 Aldeia de Vendas Novas,
Quartel d'artilheria,
Adeus campos d'essa aldeia,
Onde eu ia ás melancias.

(A.)

3643 Andas morta por saber
Onde o meu bem lava o rosto,
Na casca da melancia,
Colhida no mez d'agosto.

(A.)

3644 O' minha cara de neve,
Com que lavas o teu rosto?
Com agua de melancia,
Colhida no mez de agosto.

(D.)

3645 Os amores hoje em dia
São falsos como o melão,
Preciso é partir-se um cento
Para se encontrar um são.

(A.

3646 Tenho feito juramento
Na casca da noz, que é forte,
De não deixar os teus olhos
Senão á hora da morte.

(D

3647 Não se me dá d'apostar
Uma cestinha de nozes,
Que no dia em que casar
Não hei-de fazer filhozes.

(

3648 Déste-me um lenço de nozes,
Isso são arcas fechadas;
Vae amar quem tens amado,
Que eu não sou quem tu cuida

(.

3649 Canta, canta, meu amor,
Que te quero ouvir a voz,
Que te quero vêr mettida
Dentro da casca da noz.

(

50 Aquí 'stou partindo as nozes,
Além 'stão migando a couve,
Uma vez que fiz filhozes,
Logo todo o mundo o soube.

(A.)

51 Em Villar se faz' camisas,
Em Massarellos botões,
Tambem no Porto se vendem
Pecegos maracotões.

(D.)

52 O pepino quer-se verde
E o tomate encarnado,
A uva quer-se madura,
O amor firme e calado.

(A.)

53 Hortelão da Horta Nova
Regae o pé ao pepino,
Regae o pé ao meu bem,
Que cresça, que é pequenino.

(A.)

54 Estes rapazes d'agora
Não comem senão pepino,
Para forrarem dinheiro
Para cintas de merino.

(A.)

55 O amor dos homens
E' como o pepino,
Quando elles choram
O calote é fino.

(A.)

3656 Déste-me uma pêra verde,
Que havia de amadurar,
O que é verde é sempre verde,
'Scusavas de me enganar.
(M.)

3657 Déste-me uma pêra verde,
Não *na* comi, nem *na* dei,
Pul-a no madureiro,
Com ella te pagarei.
(M.)

3658 Déste-me uma pêra verde,
Na minha mão é madura;
Não cuidei, ó meu amor,
Que eras de tão pouca dura.
(M.)

3659 Dá-me tu da pêra parda,
Da maçã um bocadinho,
De teus braços um abraço,
Da tua bocca um beijinho.
(A.)

3660 Chamaste-me pêra parda,
Pêra parda quero ser,
Lá virá o mez de agosto
Em que me queiras comer.
(A

3661 Chamaste-me pêra parda,
Pêra parda quero ser.
Quando as verdes te deixarem
Então é que me has-de q're

3662 Toda a moça que não tem
O seu amor hortelão,
Não é moça, não é nada,
Nem come pêras no v'rão.

(A.)

3663 —Hortelão da Horta Nova
Deita para cá 'ma pêra.
—Ainda não 'stão maduras,
Minha boneca de cêra.

(A.)

3664 —Dá-me da pêra madura
E da maçã 'ma talhada.
—Quem tem amores dá tudo,
Quem os não tem não dá nada.

(A.)

3665 Os olhos do meu amor
São duas pêras n'um ramo,
Redondinhos, á franceza,
Deitados ao desengano.

(A.)

3666 De Lisboa me mandaram
Quatro pêras n'um raminho;
Viv'ó noivo, viv'á noiva,
Viva tambem o padrinho.

(A.)

3667 De Lisboa me mandaram
Quatro pêras n'um tronquinho;
Quem me déra agora vêr
Quem me deu este raminho.

(A.)

3668 De Lisboa me mandaram
Tres pêras n'um ramalhinho,
Quem me déra agora vêr
Quem fez o ramalhetinho.

(D.)

3669 Tod' *á* moça que é bonita
Mais valera não o ser,
E' como a pêra madura,
Todos a querem comer.

(A.)

3670 O' filha, deixa-te estar
Como a pêra na pereira,
Para te vêr mal casada,
Quero-te antes vêr solteira.

(A.)

3671 Ao almoço me dão pêras,
Ao jantar pêras me dão,
A' merenda pão com pêras,
A' ceia pêras com pão.

(A.)

3672 O baguinho de pimenta
E' pequenino, mas queima;
Tenho visto amores deixados
Tornarem á mesma teima.

(A.)

3673 Meu grãosinho de pimenta,
Tão pequenino, mas queima;
Deixa lá falar quem fala,
Seguimos a nossa teima.

3674 Chamaste-me trigueirinha,
Sou trigueirinha, bem sei,
Tambem a pimenta é negra
E vae á mesa do rei.

(A.)

3675 A salada 'stá temp'rada
E só lhe falta a pimenta;
O pae quer, a mãe consente,
A filha diz-me que entre.

(A.)

3676 A salada 'stá temp'rada,
Só lhe falta o pimentão;
O pae quer, a mãe consente,
E a filha não diz que não.

(A.)

3677 Ailé, ailé,
Toma lá pinhões,
Come poucochinhos,
Que te dão sezões.

(A.)

3678 Adeus, villa de Reguengos,
Cercada de cachos d'uvas;
Vão-se os rapazes embora,
Ficam as moças viuvas.

(A.)

3679 Quem tem ramadas tem uvas,
Quem tem uvas tem que dar,
Quem tem carneiros tem lã,
Quem tem lã tem que cardar.

(A.)

3680 Eu bem vi andar a morte
N'uma vinha a apanhar uvas,
Tira-te d"hi, morte negra,
Desamparo das viuvas.

(D.)

3681 A morte encontrei no adro,
Comendo n'um cacho d'uvas;
Vae-te falso, vae-te ingrato,
Desamparo das viuvas.

(A.)

3682 Antoninho pede, pede,
Que eu não tenho que te dar,
Darei te um cachinho d'uvas
Quando meu pae vindimar.

(B. A.)

3683 Não colhas o cacho verde
A' parreira essencial;
Ninguem descubra o seu peito
A quem lhe não fôr leal.

(A.)

3684 'Nina, dá-me um cacho d'uvas,
E senão dá-me um baguinho;
Dá-me menin' *ós têS* olhos,
P'r' andar melhor o caminho.

(A.)

3685 Oh que lindo cacho de uvas!
Oh quem me déra um baguinho!
Oh, que lindo gesto d'olhos
Para quem vae de caminho!

(A.)

586 O largo de S. Domingos
'Stá cheio de cachos d'uvas;
Vão-se embora os artilheiros,
Ficam as moças viuvas. (A.)

587 Adeus, ó cidade d'Elvas,
Cercada de cachos d'uvas;
Anda agora muito em moda:
Tira o cavallo da chuva. (A.)

588 Tens á porta uma latada,
Por cima cachos ferraes;
Eu quero bem ás Marias,
Mas ás Annas inda mais. (A.)

589 O' meu amor, se quer's uvas
Bota cá o teu barrete,
Que a ramada ainda tem
Para ti, meu ramalhete. (A.)

590 O' meu amor se quer's uvas,
Traz-me cá o teu chapeo,
Que a ramada ainda tem
Para ti, anjo do ceo. (D.)

espeito a esta secção, veja tambem os *Cantos* n.os 41, 140, 144, 162, 175, 206 a 208, 220, 227, 232, 235 a 237, 240, 52, 256, 260, 267, 270, 293, 302, 317, 330, 332, 336, 345 a 7, 390, 408, 411, 414, 418, 427, 446, 448, 451, 458, 468, 491, 5, 547 a 550, 553, 562, 563, 566, 573, 583, 588 a 590, 592 601, 616, 625, 627 a 629, 633, 637, 639, 642, 643, 651, 653, 4, 667, 669 a 671, 680, 690, 709, 716, 725. 729, 767, 772, 9, 917 a 927, 931, 932, 957 a 959, 961, 972, 1003, 1010, 1014, , 1027, 1035, 1057, 1096, 1109, 1110, 1128, 1129, 1154, 1170, 1279, 1290, 1291, 1293, 1317 a 1319, 1335 a 1354, 1357 a 1387, 1389, 1390, 1429, 1436 a 1438, 1478, 1554, 1591, 1598, *1626 a 1651, 1663,* 1664, 1676, 1677, 1679, 1683, 1692 a *1712 a 1718, 1721,* 1726, 1728, 1730 a 1732, 1734, 1755, *1773, 1799, 1800,* 1802, 1805, 1807, 1815, 1817, 1820, 1856, *1864, 1878, 1889, 1899,* 1913, 1914, 1926, 1964, 1966, 2011 *2109, 2196* a 2129, 2152, 2153, 2166 a 2170, 2172 a 2174. *1 a 2353, 2361,* 2387, 2490 a 2492, 2522, 2525.

i) Os animaes

3691 Oh, que linda *barboleta*,
Salpicada de mil côres!
Ai! quem me déra apanhal-a,
Para dar aos meus amores.

(ALG.)

3692 O' meu amor, se tu fôres,
Leva-me na tua alminha,
Que eu sou como a borboleta,
Onde quer vou mettidinha.

(D.)

3693 Em Coimbra succedeu
Um caso muito galante,
Fez uma cigarra o ninho
Nas barbas de um estudante.

(D.)

3694 Encontrei um esc'ravelho
Quando vinha de ceifar,
C'uma pragana n'um olho,
Um pico no calcanhar.

(A.)

3695 Encontrei um esc'ravelho
Quando vinha do restolho,
C'um pico no calcanhar,
Uma pragana n'um olho.

3696 Deitei-me a dormir um somno
A' sombra d'uma formiga,
Uma pulga deu-me um couce,
Ninguem me julgava a vida.

(A.)

3697 Eu já fiz 'ma sementeira
C'um gafanhoto e um grillo,
Depois metti-os na eira
A debulhar com um trilho.

(A.)

3698 Toda a vida meu pae disse:
Filho não sejas maroto,
Desvia-te das mulheres
C'm'ó peixe do gafanhoto.

(A.)

3699 Eu já vi uma mosca prenhe,
Depois de prenhe parir,
Depois de parir morrer,
Depois de morrer bulir.

(D.)

3700 Eu hei-de casar este anno,
Convidar a gente toda,
Hei-de matar um mosquito,
P'ra fazer 'ma grande boda.

(A.)

3701 Esta noite sonhei eu
Que te estava dando beijos,
Acordei, achei-me só,
Puz-me a catar persevejos.

(A.)

3702 De Lisboa me mandaram
As orelhas d'um piolho,
Mettidas dentro d'um cofre
Do feitio d'um repolho.

(A.)

3703 De Lisboa me mandaram
Uma condeça de riso,
Um piolho c'um chocalho,
Uma pulga com seu guiso.

(A.)

3704 A pulga é bicha preta,
Tem dente de *marafim*,
Dorme na cama das moças,
Quem me déra a mim assim.

(A.)

3705 O meu amor é um dengo,
Mandei-o pôr de varanda,
Deu-lhe uma pulga um coice,
Foi parar á Outra Banda.

(E.)

3706 O *mè* amor é um dengo,
Vou á cama *nan no* acho,
Dê-le uma pulga o *sè côce*,
Dêtô m'o da *cam'ábaxo*.

(A.)

3707 Se tu visses o que eu vi
Lá no Rio de Janeiro:
Uma pulga a bater sola
Na testa d'um sapateiro.

(A.

3708 *O'* subir d'uma *escalera*
Uma pulga me picou,
Agarrei-lhe pelo rabo,
Tres sopapos me levou.

(A.)

3709 De Lisboa me mandaram
Um guisado com seu molho,
O coração d'uma pulga,
A cachola d'um piolho.

(A.)

3710 A mãe era pobresinha,
O pae pescador d'anzol,
E a filha ficava em casa
Catando as pulgas ao sol.

(A.)

3711 A *pulega* está doente,
A' pulga doe-lhe a barriga,
O ladrão do persevejo
Tem a espinhela cahida.

(A.)

3712 A cama do soldado
E' um belo paraiso,
A pulga toca viola,
O piolho toca o guiso.

(A.)

3713 De uma fala que te dei
Logo te foste a gabar,
Pela bocca perde o peixe,
Bem te poderas calar.

(B. A.)

3714 O meu amor eras tu,
Se não te foras gabar,
Pela bocca morre o peixe,
Quem te mandou ir falar ?

(D.)

3715 Eu penteio o meu cabello
Com pentes de *marafim* ;
Pela boca morre o peixe,
Assim te aconteceu a ti.

(A.)

3716 Eu sou dos que sempre vivem
Sem que a desventura os deixe ;
Quantos há que sempre tiram
As redes cheias de peixe !

(A.)

3717 Os teus olhos são dois peixes
Que me vieram d'Angola,
Inda não foram captivos,
Mas captivaram-se agora.

(A.)

3718 Tenho dentro do meu peito
Duas espinhas de peixe,
Uma diz que te não ame,
Outra diz que te não deixe.

(A.)

3719 Se tu visses o que eu vi,
Pasmavas como eu pasmei,
Eu já vi a morte ás costas,
A's costas de um peixe-rei.

(A.)

10 De Lisboa me mandaram
Um presente nada mau,
O teu retrato mettido
Nas *guerlas* d'um bacalhau.

(A.)

11 Caranguejo não é peixe,
Caranguejo peixe é,
'Stá metido na taloca
A' espera da maré.

(D.)

12 Mandei fazer um relógio
Dos ossos do caranguejo,
Para contar os minutos
Das horas que te não vejo.

(A.)

23 Adeus ó bairro d'Espinho
Arrasado sejas tu,
De carapau e faneca,
Permita Christo Jesus.

(D.)

24 Se pensas que eu por ti morro,
Nem por ti rompo sapatos,
Minha cara de faneca,
Toda roida dos ratos.

(A.)

25 A' roda, menina, à roda,
A' roda como a lampreia;
Quem tem a mulher bonita
Dá pena a quem a tem feia.

(D.)

3726 As sardinhas são da praia,
Lagostas de S. Martinho,
Uma terra tão bonita
Onde se bebe bom vinho.

(E.)

3727 Já lá vem o barco á vela,
Lá vem a sardinha boa,
Lá vem o meu amorsinho,
Vem assentadinho à proa.

(D.)

3728 Hei-de-te dar um remédio
Para a tua catarrheira:
Uma sardinha salgada
A sahir da salgadeira.

(D.)

3729 Canta, camarada, canta,
Meu camarada não canta,
o meu sardinhas salgadas,
Ficou-lhe o sal na garganta.

(A.)

3730 Cala a bocca, tola, tola,
Cara de sardinha crúa,
Se eu fôra a dona da casa
Já 'stavas no meio da rua.

(A.)

3731 Tira-te d'essa janella,
Cara de sardinha frita,
De cada vez que te vejo
Se me revolvem as tripas.

(A.)

32 Siga a roda, siga a roda,
Esta é tua, aquela é minha,
Cada um tem que puxar
A brasa á sua sardinha.

(A.)

33 Lá na França se formou
Um valente regimento
De cabeças de sardinhas,
De que um gato era o sargento.

(E.)

34 Um estudante, menina,
E' comparado á sardinha.
Salgadita com escamas,
Pouca carne e muita espinha.

(A.)

35 Lindos olhos tem a truta,
Quando olha de repente,
Lindos amor's tinha eu,
Se êles me durassem sempre.

(D.)

36 Da minha janella á tua
E' um salto d'uma rã;
Inda espero de chamar
Cunhada a tua irmã.

(A.)

37 Eu sou como a cobra d'água,
Feito todo de mil côres;
Dê-me licença, menina,
Que lhe conte os meus amores.

(A.)

3738 Da minha janella á tua
E' o salto duma cobra ;
Quem me dera já chamar
A tua mãe minha sogra.

(A.)

3739 Lindos olhos tem *na* cobra.
Quando olha de repente ;
Mais val' um bom desengano,
Que andar enganada sempre.

(A.)

3740 Quem falar da minha vida,
Quem d'ella fizer leilão,
Arrastado o vejo eu,
Como a cobra pelo chão.

(A.)

3741 A cobra vae pelo monte,
Cuida que ninguem a vê,
Assim são os namorados . . .
Não digo isto por você.

(A.)

3742 Se tu viras o que vi,
Fugiras como eu fugi,
Uma cobra com sapatos,
A correr atraz de *mi*.

(A.)

3743 Se tu visses o que eu vi,
Fugias, como eu fugi,
Uma cobra com 'ma roca,
Que par'cia 'ma cachopa.

3744 Os olhos do meu amor
São duas cobrinhas vivas,
Entram dentro do meu peito,
Mordem, e não fazem f'ridas

(A.)

3745 O lagarto, coitadinho,
De inverno não apparece,
E' como o amor dos homens,
E' firme, não esmorece.

(A.)

3746 O lagarto, coitadinho,
'Stá enterrado na areia.
Quem o fôr desenterrar
Tem dez annos de cadeia.

(A.)

3747 De Lisboa me mandaram
Um lagarto de presente,
Com'ma fitinha ao pescoço,
Vinha doido de contente.

(A.)

3748 O lagarto mais a cobra
Foram passear ao Jordão;
O lagarto de casaca,
A cobrinha de balão

(A.)

3749 O lagarto é pintadinho
Da cintura até ao meio;
Não sei como as moças pódem
Com tanta carne no seio.

(A.)

3750 A serpente larga a pele
Tambem larga a lã o gado;
Só a mim nunca me largam
Os meus dias desgraçados

(A.)

3751 Foste dizer mal de mim,
Lingua de vib'ra damnada,
Não te era melhor dizeres:
—Dessa moça não sei nada?

(A.)

5752 Todas as aves em maio
Buscam o seu aposento,
Eu, sem procurar, achei,
Amores a meu contento.

(A.)

3453 A ave canta nos bosques,
Canta o 'scravo no degredo;
Prometto casar comtigo,
Mas por ora ainda é cedo.

(A.)

3754 Bençoada a ave que pousa,
Nas terras de Moçambique;
Já me dizem tanta coisa,
Que não sei se as acredite.

(A.)

3755 Já não há papel em Elvas,
Nem tinta pelos conventos,
Nem aves que criem pennas.
Para escrever sentimentos.

(A.)

56 Já não há papel nas tendas,
Nem tinta na Vedoria,
Nem aves que botem pennas,
Para te escrever, Maria.

(A.)

57 O' aguia, que vaes tão alta,
Por essas terras álém,
Leva-me ao céo, onde está
A alminha do meu bem.

(D.)

58 O' anabó, anabó,
Anabó, bico de chá,
Quem fala p'r'ó meu amor
Pouca vergonha terá

(A.)

59 Adeus que me vou embora,
P'r'á terra das andorinhas,
Mette cartas no correio.
Se quer's saber novas minhas.

(A.)

60 O, triste da minha vida,
O' triste da vida minha,
Quem me dera ir comtigo
Onde tu vaes andorinha.

(E.)

61 M'nina não se fie nos homens,
Nem *das suas palav*rinhas,
Pois que os homens são mais falsos
Do que o fel das andorinhas.

(A.)

3762 As andorinhas no inverno
Andam longe passeando,
Deixem vir a primavera,
Que ellas se virão chegando.

(A)

3763 De entre as aves que ha no mundo
A mais linda é o canário,
Como o não posso apanhar,
Cada oito é um Calvario.

(A.)

3704 Esta noite, á meia noite,
Cheguei á janella a ver,
Vi uma c'ruja no ar
Que andava p'ra me comer.

(A.

3765 Da minha janella á tua
E' só o salto de um corvo;
Quem me déra já chamar
Ao teu pae senhor meu sogro.

(A.

3766 O *amore* do soldado
E' como o da cotovia,
Em tocando o ran tan plan,
Fica-te com Deus, Maria.

(A.

3767 Despedida, despedida
Como fez a cotovia,
Que se despediu cantando:
— Adeus, até outro dia.

3768 Anda cá, se queres
Vêr minha alegria,
Coberta de *pennas*
Como a cotovia.

(A.)

3769 Lindos olhos tem o cuco,
A respeito de engraçados.
Quando olham para a gente
Parece que estão fechados.

(A.)

3770 Na aldeia de S. Romão
Onde o cuco vae cantar
Vae á mãe que te dê pão,
Que te acabe de criar.

(A.)

3771 Bem pudera o senhor cuco
Casar com a cotovia,
Mas não quer o senhor cuco
Mulher que tanto assobia.

(A.)

3772 Não quero mulher com pôpa
Nem em casa me ha-de entrar,
Que eu não quero que o cuco venha
Atraz da pôpa a cantar.

(A.)

3773 O' ai, ó ai,
No ar canta o cuco;
Por môr dos amores
Stou parvo e maluco.

(A.)

3774 Ailé, meu bem,
Retruco, retruco,
Lá no mez de maio
E' que canta o cuco.

(A)

3775 O' lavrador, casa a filha,
Senão tira-a da janella,
Anda um gaio pela rua
E quer tomar posse d'ella.

(D.)

3776 Com a penna da gaivota
Escrevi a letra V;
Já perdi a minha nota
Agora me ganhas tu.

(A.)

3777 E's parente dos surzaes,
E sobrinho das gaivotas,
Andivestes p'los curraes
E fostes feito às esmolas.

(A.)

3778 O tocador da guitarra
'Stá doente quer gallinha,
Passada pelos meus dentes,
Cá p'r'á minha barriguinha.

(A.)

3779 Não posso comer gallinha
Nem a poder de limão;
Não posso levantar meus olhos
D'onde tenho na tenção.

(A.)

180 Rapariga, tu 'stás rouca
Bem sabias p'r'onde, vinhas,
Mandáras teu pae aos ovos,
A tua mãe ás gallinhas.

(D.)

181 Rapariga, aonde vaes?
Rapariga, donde vinhas?
Teu pae foi a comprar ovos,
P'ro t'a mãe vender gallinhas

(A.)

182 Eu cá tenho á minha porta,
Duas galinhas d'Angola;
Dois amor's a pretender-me,
Algum ficará sem 'smola

(A.)

183 Tenho somno de gallinha,
Que a gallinha dorme em pé;
Não há falinhas mais doces
Do que são as de José.

(D.)

184 Menina, não se namore
De homem que já viuvou.
Não queira criar os pintos
que outra gallinha chocou,

(D.)

185 O' minha mãe não me case
Com homem que *enviuvou*,
Que eu não quero criar filhos
Que outra gallinha deixou.

(A.)

3786 O amor do homem
E' bom, dura pouco,
E' como a gallinha
Quando está no chôco.

(A.)

3787 Tenho um gallo em Coimbra,
Uma gallinha na guerra,
Tenho o meu amor no chôco,
Tira pintos como terra.

(A.)

3788 Canta o galo, é manhã,
Relógio dos namorados,
Vamo-nos d'aqui embora,
Que nos chamam descuidados.

(B. A.)

3789 Quem tem amores no dorme
Seu somninho descansado;
Deita-se á meia noite,
Ergue-se ao cantar do gallo.

(A.)

3790 A' noite, menina, á noite,
A' noite, ao cantar do gallo,
O nosso pae é vélhinho,
Não queremos enganal-o.

(A.)

3791 O gallinho bate as azas
Quando está para cantar;
Meu amor desfaz-se em choro
Quando está para abalar.

:m sei, minha menina,
i nos teus alcances anda,
lo, por ser pequeno,
arriba, galla a franga.

(D.)

io no seu poleiro
is azas, treme o chão,
no o Zé marchantinho
do chega a 'ma funcção

(A.)

fôr gallo mostra a crista
cimo da cabeça;
tiver alma, resista,
a não tiver, padeça.

(A.)

gallo levanta a crista,
frangão larga a *penuge*,
poeta no cantar,
sapatos e *fuge*

(A.)

fôra gallo, cantára
as *ó* meio dia,
fôra homem falára,
fôra mulher dizia.

(A.)

tão certo,
cantar o gallo
bico aberto.

(A.)

3798 Tu, cantador, não sabias
Que eu vinha a esta funcção!
Abre as azas, 'stende as guias,
Que é chegado o gavião.
(A.)

3799 Eu sou como o gavião,
Que no ar faço chalhaça,
Qusndo abaixo até ao chão
Nunca alevanto sem caça.
(A.)

3800 Eu sou como o gavião,
Que no ar faço firmeza,
Quando abaixo até ao chão
Nuuca alevanto sem prêsa.
(A

3801 Não entres a *esgravulhar*,
Não deites terra p'r'ó lombo.
Onde chega o gavião
Não tem que fazer o pombo.

3802 Eu venho a esta funcção
P'ra lograr os teus carinhos,
E' chegado o gavião,
Fujam, fujam, passarinhos.

3803 *Iudas* que eu te veja ir
Nas azas do gavião,
Pedr ao Senhor que te aju
Que eu da minha parte di

3804 Andas abaixo e acima,
C' o pé no ar como o grou,
Vae mangar com quem quizeres,
Que isso para mim acabou.

(A.)

3805 Que ninguem se fie nos homens,
Já um falso me enganou,
Agora falo com outro
C'o pé no ar com'ó grou.

(A.)

3806 Esta noite a noute
Ouvi cantar a laverca,
Pensei que era o meu amor,
Já lhe tinha a porta aberta.

(D.)

3807 Negro *merlo*, negro *merlo*,
Negro *merlo*, passarinho,
Quem quer vêr o negro *merlo*
Suba acima, *trôpe ó* ninho.

(A.)

3808 O ladrão do negro melro
Toda a noite assobiou,
Lá por essa madrugada
Bateu as azas, voou.

(A.)

4809 Menina, prenda o *sê* melro,
Que vem á minha gaiola,
Vem a ter c'o *mê* canário,
Tod'á cabeça lhe esfolla

3810 O' rapaz, faz-te milhano,
Que a passarada está junta,
Se te não casas este anno,
Já te não casas nunca.

(A.)

3811 Nas altas campinas
E' que canta o môcho.
O teu palavriado
Para mim 'stá chôcho.

(A.)

3812 Papagaio, penna verde,
Não cantes que 'stou doente:
Não pode haver maior pena,
Que o amor estar ausente.

(A.)

3813 Papagaio, penna verde,
Onde aprendeste a cantar?
No palacio da rainha,
Onde o rei foi passear.

(A.)

3814 Papagaio, penna verde,
Que tens o bico dourado,
Vae levar esta cartinha
Ao meu lindo namorado.

(A.)

3815 Papagaio, penna verde,
Empresta-me o teu chapeu,
O teu chapeu é de pennas,
Quem tem penas vae ao ceu.

(A.)

6 Papagaio, penna verde,
Empresta-me o teu vestido.
O teu vestido são penas
Em que eu ando mettido.

(T. M.)

17 Papagaio, penna verde,
Não venhas ao meu jardim;
Todas as penas se acabam,
Só as minhas não tem fim.

(T. M.)

18 Papagaio, penna verde,
Dá-me uma penna da aza;
Por causa dos meus amores
Encho-me de ouvir em casa.

(T. M.)

19 Papagaio, penna verde,
Dae-me uma penna da aza;
Não quero falar para ti,
Que me dás guerra em casa.

(M.)

20 Vou-te escrever uma carta
Nas azas d'um papagaio;
O teu amor é vadio,
Dae-lhe um tiro e matae-o.

(D.)

21 Marinheiro, marinheiro,
Que levas no teu navio?
Levo papagaios que cantam,
Rouxinois que assobiam.

(A.)

É rapaz solteiro,
Parece um morgado

3823 Quem tem amores
Toda a noite leva a
Com fezes, e com e
Não lh'os comam o

3824 Anno doente do pe
Tu és a causa do n
Diz o mesmo a par
A respeito do pard

qui tens o meu
oração leal,
oberto de *penas*
omo o pardal ;
qui tens o meu
eal coração,
oberto de *penas*
omo o pavão

(A.)

assarinhos que cantaes
as manhãsinhas serenas
todas alliviaes,
ó a mim dobraes as penas.

(A.)

assarinhos que cantaes
ntre Móz e Ferrerim,
erguntae aos meus amores
omo passam lá sem mim.

(B. A.)

assarinho que cantaes
o campo com liberdade
anta tu, chorarei eu
inha eterna saudade.

(A.)

assarinho que cantaes
esse raminho de flôres,
nta tu, cantarei eu,
: *assim faz* quem tem amores.

(A.)

3832 Passarinho, que bem cantas,
Quem te ensinou a cantar?
E's como os rapazes novos,
Que todos sabem amar

3833 Canta, canta, passarinho,
Canta, canta, até mais não
Quanto melhor tu cantares
Mais se alegra o coração

3834 Entre as flôr's do meu jardim
Cantam dois mil passarinhos,
Vão dizendo em altas vozes
Que são falsos teus carinhos.

3835 Se pensas que por cantar
A vida alegre me corre,
Eu sou como o passarinho,
Que até canta quando morre.

3836 Abre as azas passarinho,
Vae ao peito do meu bem,
Entrega-lhe êste suspiro
Não o digas a ninguem.

3837 Passarinho enôa, enôa
Onde irás tu a parar,
A' janella da menina
Com quem tu vaes a falar.

3838 Passarinho, *avôa*, *avôa*,
Caminho de S Lorico,
Leva cartas ao meu bem,
Apertadinhas no bico.

(A.)

3839 As telhas do meu telhado
Um passarinho as correu,
Levava cartas d'amores,
Só da minha se esqueeeu.

(A.)

3840 O' meu amor, se te fôres,
Escreve-me do caminho,
Se não houver portador,
Nas azas d'um passarinho.

(A.)

3841 Nas azas d'um passarinho,
Feliz carta vai voando,
Tenho um bem que Deus me deu
Por quem fico suspirando.

(D.)

3842 Nas azas d'uma pombinha
Vae esta carta voando,
Vae ditosa possuir
Por quem fico suspirando.

(A.)

3843 Carta vai onde te eu mando,
Nas azas dum passarinho,
Spero que nellas me mandes
Um abraço e um beijinho.

(A.)

3844 Meu sonoro passarinho,
Se sabes do meu tormento,
Dá-me cantando, cantando,
Um doce contentamento.

(ALG.)

3845 A rua da Conceição
Tem 25 janellas
Oh! quem fôra passarinho,
Que entrára por uma d'ellas.

(B. B.)

3846 Dizeis que te vaes embora,
Que te andaes aparelhando.
Se eu fôra passarinho
Fôra-te eu acompanhando.

(M.)

3847 Se os passarinhos vendessem
As pennas que Deus lhe deu,
Eu também vendia as minhas
Que ninguém tem mais do que eu

(D.)

3848 Os passarinhos no ar
Com pennas vivem cantando,

50 O' que lindo passarinho!
Anda no ar e não cáe,
Sempre anda c'o bico, bico:
Quero aquella que além vem.

(A.)

51 Tendes olhos de pau preto,
Riscadinhos ao compasso;
Hão-de ter muito que ver,
Dois passarinhos num laço.

(A.)

52 Passarinhos á janella
E' signal de gravidade;
Como queres tu que eu te ame
Se eu não te acho lealdade.

(A.)

53 Quando os passarinhos choram,
Que não têm entendimento,
O que fará quem não vê
Seu amor ha tanto tempo.

(A.)

54 Oh! se os leves passarinhos,
Eu pudesse acompanhar,
Sabia para que parte
Me havia de encaminhar.

(A.)

55 Andaes abaixo e acima,
Não ataes nem desataes,
Outros caçam passarinhos
Nos laços que vós armaes.

(B. A.)

3856 Eu hei-de armar um laço
Como se arma aos passarinhos,
Hei-de me dar bem comtigo,
O' meu Manoel Antoninho.

(B. B.)

3857 D'aqui onde estou bem vejo
Dois patinhos a beber;
Tanto sabes tu cantar
Como um burro sabe lêr.

(A.

3858 Adeus, quinta da Araúja,
Que estás ao pé das Hortinhas,
Tens lá uns patos reaes
Que mais parecem gallinhas.

(A

3859 Hei-de escrever uma carta,
Hei-de escrever 'ma cartinha,
Com a penna do pavão
E o sangue da andorinha.

(

3860 Com a penna do pavão,
C'o sangue da cotovia,
Hei-de escrever uma carta
Ao meu amor d'algum dia

(

3861 Com a penna do pavão,
E o sangue da cotovia,
Hei-de escrever o meu nome
No teu coração, Maria.

3862 Com a penna do pavão
C'o sangue do meu amor,
Hei-de fazer relação
Das meninas do Védor.

(A.)

3863 No alto da Porta Nova
Caíu a penna *d* pavão,
Não me caias na cabeça,
Amor do *mê* coração.

(A.)

3864 Tenho uma pena em meu peito
Não m'a deu nenhum pavão,
Por mais que eu faça á pena
Não me sahe do coração.

(A.)

3865 E' da penna do pavão,
Da aza da *paquitá*;
Ausente de ti, amor,
Triste de mim, que será!

(D.)

3866 Eu cortei o rabo á pêga
E o bico ao papagaio;
O' raparigas de Espinho,
Se quereis comer, ganhae-o.

(D.)

3867 *Aqui* n'este canto, canto,
Aqui n'este recantinho,
Aqui bate a pega a aza,
Aqui faz o gaio o ninho.

(D.)

3868 Aldeia de S. Romão,
Cercada de parreiraes,
Onde vão cantar as pêgas
Tambem os cucos reaes.

(A.)

3869 Quando ouço cantar a pêga
Digo mal á minha vida;
Tenho cama, tenho roupa,
Só me falta a rapariga.

(A.)

3870 Levantei-me manhã cedo
Para ouvir cantar a pêga,
Ouvi chorar a desgraça,
Tinha morrido a gallega.

(A.)

3871 Perdigão perdeu a pedna,
Todo o mal em cima tem.
Mal da moça que se deixa
Enganar pelo seu bem.

(A.)

3872 Andam dois á pretender
D'este meu peito um abraço;
Ha-de ter muito que vêr
Dois perdigões em um laço.

(A.)

3873 Ando por aqui de noite
Como o perdigão perdido
Minha mãe deitou-me fóra,
Deixa-me dormir comtigo.

(B. A.)

3874 A perdiz anda no monte,
O perdigão no vallado.
A perdiz anda dizendo:
Anda cá meu namorado

(B. A.)

3875 Minha perdiz amarella
Que é d'elle o teu perdigão?
Não te val' andar's á tréla,
Que tu não *no* caças, não,

(A.)

3876 Minha perdiz amarella,
Que é d'elle o teu perdigoto?
Não te val' andar's á trela,
Que não caças o maroto.

(A.)

3877 A perdiz vae pela serra,
Julga que ninguem a vê
Todos os homens são falsos,
Também lá entra você.

(A.)

3878 A perdiz canta no bosque,
Na charneca o lavrador,
Eu só canto quando vejo
Os olhos do meu amor.

(A.)

3879 A perdiz canta na balsa,
Da balsa vae p'ra o bacêllo;
Se a inveja fôsse tinha
Já tu não tinhas cabello.

(A.)

3880 A minha terra é Alter,
Onde canta o pintasilgo;
Nas manhans da primavera
E' um gosto estar comtigo.

(A.)

3881 Despedida, despedida,
Como fez o pintasilgo,
Que se despediu cantando,
Deixou-m'as *penas* commigo

(M.)

3882 O pintasilgo tem pennas,
Cada penna a sua côr;
As pennas que a gente apanha
São sempre penas d'amor.

(A.)

3883 Já não canto senão esta,
Que me quero ir embora,
São horas de recolher,
Pintasilgos á gaióla.

(A.)

3884 Antonio é meu bem,
Ratinho d'armario;
Canta o pintasilgo,
Responde o canário.

(A.)

3885 Estes rapazes d'agora
De asseados mettem nojo,
São como os pintos d'inverno,
Que andam com as azas de rojo.

(E.

3886 Fica sabendo, Cath'rina,
Que eu hoje não canto mais,
Fez-se a cevada p'r'ós pintos
E o trigo para os pardaes.

(A.)

3887 Amores ao pé da porta
Não se podém aturar,
São como os pintainhos,
Não fazem senão piar.

(A.)

3888 Pirolito bate, bate,
Toda a vida há-de bater;
Todo o home' é pirolito
Quando a mulher o faz ser.

(E.)

3889 Pirolito bate, bate,
Pirolito já bateu;
Quem gosta de mim é ella,
Quem gosta d'ella sou eu.

(A.)

3890 Onde a pomba põe o bico
Logo o pombo é rulador,
Tambem nas aves se encontra
O ciume no amor.

(A.)

3891 Já morreu a pomba ao pombo
Ficou o pombo sósinho,
Toda a vida ouvi dizer:
Uma ave só não faz ninho.

(A.)

3892 Aqui n'este canto, canto,
Aqui n'este recantinho,
Aqui bate a pomba as azas,
Aqui tem a pomba o ninho.

(A.)

3893 Em Coimbra não há panno,
Os 'studantes que farão ?
Cortam as azas ás pombas,
Estudantes pombas são.

(D.)

3894 Fizeste-me assentar praça
No coração d'uma pomba,
E depois da praça assente
Déste-me baixa redonda

(A.)

3895 A pomba no seu pombal
E' como o rei no seu throno,
E' como a moça solteira,
Em quanto não tem seu dono.

(A.)

3896 Vem tu cá, ó meu amor
Da cabeleira redonda,
Tuas falas são de vicios,
O coração d'uma pomba.

(D.)

3897 Se ides matar a pombinha,
Matae o pombo tambem,
Que a pombinha sem o pombo
Maldita a graça que tem!

3898 O' minha pombinha branca;
O' meu pombo côr de rosa;
Se a inveja fôsse tinha
Muita gente era tinhosa

(D.)

3899 A minha pombinha branca
Já não vae beber á valla;
Por causa de ti, pombinha.
Já meu amor me não fala.

(E.)

3900 Que desgraça a da pombinha,
Ter azas e não voar!
Maior desgraça é a minha,
Ter amor's não lhe falar.

(A.)

3901 Vae, vae, pombinha saudosa,
Por êsse mundo sem fim,
Dize ás tuas companheiras
Que não se esqueçam de mim.

(D.)

3902 A al'eia das Alpedreiras
Tem tres e quatro janellas,
Quem me dera ser pombinha,
Para poisar n'uma d'ellas.

(A.)

3903 Eu tenho o teu nome escripto
Nas azas de uma pombinha,
Tenho fé em Deus bemdito
Que inda has-de vir a ser minha.

(D.)

3904 Fugiu-me a minha pombinha,
Já não tenho portador,
Já não tenho quem me leve
Uma carta ao meu amor.

(T. M.)

3905 Ó minha pombinha branca
Dá-me uma penna da aza,
Quero dal-a ao meu amor
Que me dizem que se casa.

(T. M.)

3906 Ó minha pombinha branca
Empresta-me o teu vestido,
O teu vestido é de pennas,
Eu também em penas vivo.

(D.

3907 De branco veste a pombinha
De pardo o rôlo rulhador;
De encarnado vísto eu,
De azul veste o meu amôr.

(A.

3908 Hi vai uma, hi vão duas,
Três pombinhas *ávoar*,
Uma é minha, outra é tua,
Outra é de quem a agarrar.

(A

3909 Ailé,
No pombal das pombas,
Tenho o meu amor
Na quinta das Lóngas.

10 'Rulha o pombo, rulha a pomba.
'Rulha o pombinho também,
Todos teem seus amores.
Só eu não tenho ninguem.

(A.)

11 Os pombinhos innocentes
Namoram-se e *dan bêjinhos*,
Fazemos, amor, fazemos,
Como fazem os pombinhos.

(A.)

12 Quem me dera ser pombinho,
Ou rolinho do sertão,
Que q'ria fazer o ninho,
Dentro do teu coração.

(A.

13 Canta o rôlo, canta a rôla
E também canta a pombinha;
Não digas que me não queres,
Pois que tu já foste minha.

(A.)

14 Eu cortei o bico á rôla,
Cortei a penna ao pavão,
Para livrar as mocinhas
Dos calores do verão.

(A.)

15 Quem me dera ter 'ma lima,
Para limar a garganta,
Para cantar como a rôla,
Como a rôla ninguem canta.

(A.)

3916 Quem cantára como a rôla,
Como a rôla ninguem canta,
Dár um bom geitinho á fala,
Derramál-a na garganta.

(B.)

3917 Namorei me foi meu gosto,
Olhar foi o meu regalo,
Não quero ser como a rôla
Que morreu ao desamparo.

(M.)

3918 Canta a rôla, chia a rôla,
Chia a rôla na tapada,
Todos trem, só eu não,
Na função a sua amada;
Na função a sua amada,
Na função o seu amor,
Canta a rôla, chia a rôla,
Chia a rôla no vapor.

(A.)

3919 O' ai
No ar canta a rôla,
Por amôr de ti
Passo vida tôla.

(A.)

3920 Das aves que andam no campo,
O rouxinol é o rei;
Dá-me a tua liberdade
Que eu a minha já t'a dei.

ia em que tu nasceste,
is as flores brotaram
ia pia do baptismo
os rouxinoes cantaram.

(A.)

› bem canta Maria,
ao um rouxinol parece,
guardada p'ra hortelão,
o maltez não a merece.

(A.)

ianhã o rouxinol.
iamoro á cotovia;
ntão é pela noite
falo á minha Maria.

(E.)

tinol canta de noite
dia a cotovia;
os cantam seus amores,
u chor' sem alegria.

(A.)

mi e já bebi,
olhei minha garganta,
ou como o rouxinol,
em bebendo logo canta.

(D.)

ndo o rouxinol padece,
é uma ave tão pequena,
irá o meu coração
anta mágua e pena!

(A.)

3927 Que rouxinol tão bonito
O que tem a minha amada,
Tanto canta *á* anoitecer
Como canta *á* madrugada.

(A.

3928 Quando o rouxinol fôr corde
E a cotovia condessa,
Então deixará de haver
Mulheres varias da cabeça.

(A.

3929 Raparigas cantae todas
Ajudai o rouxinol,
Ajudai quem tem amores
Que eu já 'stou fóra do sol.

(D.

3930 A minha terra é Alter,
Onde canta o trigueirão,
Nas manhans da primavera
E' um gosto ver João.

(A.

3931 Despedida, despedida,
Que me fez o trigueirão
Que se despediu cantando,
Deixou as pennas no chão.

(A.

3932 Anda cá, se quereis
Vêr meu coração
Coração de *penas*,
Como o trigueirão.

(A.

133 Haja no [illegible] perceito
Haja nas falas cautelas
Bicha que mette respeito
E' chamada a bicha féra

(A.)

134 Parece que já te deram
Sangue de fera a beber.
Tens um génio tão altivo
Tão custoso de soffrer

(A.)

135 Vae-te falso, vae-te ingrato
Vae-te p'rás feras viver,
Que eu acho que as próprias feras
Horror de ti hão de ter

(A.)

136 Já morreu o boi Capote,
Camarada do Pombinho,
Quem não é capaz não bote
Regos ao pé do caminho.

(A.)

137 Lá nos campos de Valêra
Lávrê com dois bois torrados,
Nunca dei tamanha *gêra*,
Nem regos tão abrutados.

(A.)

138 Já fui ganhão na Palheta,
Também fui semeador,
Eu trago os bois á direita,
Como trago o meu amor.

(A.)

3939 O meu amôr é boieiro,
Guarda bois na Vedoria,
Quando vem já s'tou deitado,
É quando abala é de dia.

(A)

3940 O meu amor é b ieiro
E' boieiro e guarda bois
Mora lá nos Reboleiros
Ha de cá vir *ó despois.*

(A)

3941 Coitadinho de meu pae,
Que não tem senão a mim,
Furtaram os b is do aido,
Cedo furtarão a mim.

(D)

3942 Eu não quero amor toureiro
Só se mudar o sentido,
Póde vir a boi matreiro,
Fica a mulher sem marido.

(A)

3943 Eu não quero amor toureiro,
Posso mudar de opinião,
Pode vir um boi matreiro,
E atirar com elle ao chão.

(A)

3944 Ailé,
Monte do Rocha,
Quando um boi puxa
Ó outro *affróxa.*

(B

15 Hei-de casar'me êste anno,
Em que seja c'uma burra,
Que é para andar a cavallo,
Esta vida não se atura.

(A.)

16 De Lisboa me mandaram
Quatro frades n'uma burra,
Frei machete, frei viola,
Frei guitarra, frei bandurra.

(A.)

17 Eu subi á serra d'Ossa
A cavallo n'um burrinho,
Fui com medo de cair
Dentro d'algum barranquinho.

(A.)

18 O' meu amor da minh'alma,
Amor do meu coração,
Quem leva a cabeça a burros
E' gastador de sabão

(A.)

19 Ó' vida da minha vida,
Tres com um burro andam bem.
Um carrega outro arrocha,
Outro olha se vae bem.

(B. A.)

20 Se um dia tomar amores
Ha-de ser c'um carvoeiro
Ao sabbado leva o burro,
Ao domingo traz dinheiro.

(M.)

3951 Aqui n'esta rua mora,
Uma grande alcoviteira
Leva cartas e traz cartas,
Anda o burro na carreira.

(D.)

3952 Um burro a fazer troça
Do cantar dos passarinhos,
Um sapo a tocar guitarra,
Ma rã a bater ferrinhos.

(T. M.)

3953 Isso nunca foi cantiga
E' uma zorra ruim,
Eu não duvido dizer
Que os burros cantam assim.

(A.)

3954 O homem casado é burro,
O homem solteiro é cão,
O homem viuvo é porco
Que anda a fossar pelo chão.

(D.)

3955 Se tu viras o que eu vi,
Lá detraz daquele oiteiro;
Quatro cabras a bailar,
Que fugiram ao cabreiro.

(A.)

3956 O' minha cabra amarella
Pellada pela barriga,
Tambem eu me ando pellando
Por aquella rapariga.

(T. M.)

57 Se tu viras o que eu vi.
Nas ruas da Guimarães:
Uma cadela com pintos,
Uma galinha com cães.

(A.)

58 Se tu viras o que eu vi
Havias de te admirar,
Uma cadella com pintos,
Uma gallinha a ladrar.

(A.)

59 Se queres que vá e venha,
De noite, pelo luar,
Hasde matar a cadella,
Que não faz senão ladrar

(A.)

60 Andas para me enganar
Tira de mim o sentido,
Muitos cães me têm ladrado,
E poucos me têm mordido.

(D.)

61 Tenho corrido mil terras,
Mil terras tenho corrido,
Muito cão me tem ladrado,
Mar nenhum me tem mordido.

(A.)

62 E' de noite, faz escuro,
Ladram os cães, tenho medo;
Bem poderas tu, menina,
Tirar-me deste segrêdo

(A.)

3963 Na rua do Esp'rito Santo
Não se pode namorar,
De dia as velhas á porta,
De noite os cães a ladrar.

(A)

3964 O homem p'ra namorar,
Deve ter as pernas tortas,
Nariz de cão perdigueiro,
Uma corcunda nas costas.

(A.)

3965 Oh olhos de cão damnado!
Oh coração de peçonha!
O meu corpo não tem êrros
Que a tua bocca lhe ponha.

(D.)

3966 *Ru'dsima ru'ábaixo*
C'o meu cãosinho *bébéu*,
Cortei lhe a ponta do rabo
P'r'á borla do meu chapéu

(A.)

3967 Alegra-te cão carocho,
Que ámanhã há fartadella,
Já morreu o chibo mocho,
Filho da cabra amarella,

(A.)

3968 Vós de cá e nós de lá,
Cantamos melhor que a vós,
Se c'mpramos um carneiro
Os cornos comei-l'os vós.

(N

3969 Sete annos eu fui soldado.
Sete cavallos matei;
Se mais tempo sirvo o estado,
Deitava a perder o rei.

(A.)

3970 Lá cavallo como o meu,
Nem o tem el-rei de Hespanha,
Para menear uma p ta
E perciso uma semana,

(A.)

3971 Oh' menina esper'me aqui
Que o meu cavall' vae ferrar,
P'ra ir vêr o meu amor,
Que veio do Ultramar.

(A.)

3972 Venho do monte dos Gueros,
E passei á Atalaya:
'Stá por 'hi um chibo aos berros,
Fechem-lhe a porta na cara.

(A.)

3973 Eu sou coelhinho manso,
Que no m tto ar do mettido,
Não há galgos que me apanhem,
Só se fôr o teu sentido.

(A.)

3974 E' o coelho matreiro,
Dorme c'os olhos abertos,
Eu durmo c'os meus fechados,
Porque tenho amores certos.

(A.)

3975 O' meu amor, meu amor,
Quando vamos á conselha?
Se me quizer's apanhar,
Has ter dente de coelha.

(A.)

3976 Fui á serra armar um laço
Para agarrar um coelho,
E agarrei uma menina,
P'las tranças do seu cabello,

(A.)

3977 Caçador que vaes á caças,
Não vaes lá pelo coelho.
Tu vaes por vêr a menina
Do colletinho vermelho.

(E.)

3978 O' José, ó Josénho,
Olhos de coelho manso,
Diz-me quando me hás de dar
Nêsses braços o descanço.

(A.)

3979 Lá em cima n'aquella serra
Andam dois coelhos bravos,
Já é tempo que se juntem
Dois corações desejados.

(T. M.)

3980 Onde há mattos há coelhos,
Onde há coelhos há camas;
Não te leves por conselhos
Não deixes de amar quem amas.

81 Fui á tapada do rei
Para apanhar uma corça ;
Quem não cantar bem
Fazem-no cantar á fôrça.

(A.)

82 As velhas gostam de gatas,
Tratam-nas com muito dó ;
Não há gata mais bonita,
Que aquella da minha avó.

(A.)

83 Minha sogra é remelosa,
Tem dentes arreganhados,
Já correu atraz de mim.
Como os gatos assanhados.

(A.)

84 As mulher's que a moda usam
Dos cabellos erriçados,
Tanto se querem compor,
Que são gatos assanhados.

(A.)

85 Minha mãe quando me ralha
Bate c'os pé n'uma banca,
C'o'o *lavarinto* que faz,
Inté o gato se espanta.

(A.)

86 Não digas ao gato : sape,
S'não anda cá bichano :
Nem digas ao burro : vae-te,
Mas sim ; anda cá meu mano.

(A.)

3975 O' meu amor, meu amor,
Quando vamos á conselha?
Se me quizer's apanhar,
Has ter dente de coelha.

(A.)

3976 Fui á serra armar um laço
Para agarrar um coelho,
E agarrei uma menina,
P'las tranças do seu cabello,

(A.)

3977 Caçador que vaes á caças,
Não vaes lá pelo coelho.
Tu vaes por vêr a menina
Do colletinho vermelho.

(E.)

3978 O' José, ó Josénho,
Olhos de coelho manso,
Diz-me quando me hás de dar
Nêsses braços o descanço.

(A.)

3979 Lá em cima n'aquella serra
Andam dois coelhos bravos,
Já é tempo que se juntem
Dois corações desejados.

(T. M.)

3980 Onde há mattos há coelhos,
Onde há coelhos há camas;
Não te leves por conselhos
Não deixes de amar quem ama

3981 Fui á tapada do rei
Para apanhar uma corça ;
Quem não cantar bem
Fazem-no cantar á fôrça.

(A.)

3982 As velhas gostam de gatas,
Tratam-nas com muito dó ;
Não há gata mais bonita,
Que aquella da minha avó.

(A.)

3983 Minha sogra é remelosa,
Tem dentes arreganhados,
Já correu atraz de mim.
Como os gatos assanhados.

(A.)

3984 As mulher's que a moda usam
Dos cabellos erriçados,
Tanto se querem compor,
Que são gatos assanhados.

(A.)

3985 Minha mãe quando me ralha
Bate c'os pé n'uma banca,
C'o o *lavarinto* que faz,
Intê o gato se espanta.

(A.)

3986 Não digas ao gato : sape,
S não anda cá bichano :
Nem digas ao burro : vae-te,
Mas sim ; anda cá meu mano.

(A.)

3987 Chamaste-me olhos de gata.
Muitas senhoras os teem.
Eu não fui tirar meus olhos
Aos gatinhos de ninguem.

(A.)

3988 Appareça, não se esconda,
Que eu bem a vi ó buraco,
E' bonita, não é feia,
Olhe não a lamba o gato.

(A.)

3989 Eu já vi um gato morto
Com a mão no coração,
A pedir em altas vozes
A's ratazanas perdão.

(A.)

3990 Eu já vi um gato lêr,
Um grillinho andar á escola,
Nas azas duma formiga
Armar-se o jogo da bola.

(A.)

3991 O' bairro do Monte Arroio,
Que te reclinas alegre,
Quem n'elle tomar amores
Ha de saltar como a lebre.

(A.)

3992 O' rapaz, bem me percebes,
Sei que no cantar tens fama,
Gostas d'apanhar as lebres
Que estão deitadas na cama.

(A.

13 Eu fui a uma caçada
A Santo Amar' da Correia
Vi uma lebre deitada,
Dei-lhe com o pé, levantei-a.

(A.)

14 Minha mãe é coelheira,
Meu pae caçador de lebres,
Eu por ser o mais mocinho,
Sou caçador de mulheres.

(A.)

15 Já sei do passo da lebre,
Cá m'o vieram dizer,
Aguentar-te e cara alegre,
Isso é que não pode ser.

(A.)

16 Vou-me por aqui abaixo,
Aos saltinhos, como a lebre.
Não há galgo que me apanhe,
Nem caçador que me leve.

(A.)

17 Lebre que vai pelo monte
Corre que desapparece;
Quem dá falas a malandros
Grande castigo merece.

(A.)

18 Eu já vi lebres á canga,
Coelhinhos a lavrar;
Rapazes e raparigas
E' mau gado de guardar.

(A.)

3999 Os homens são como os lobos,
O que lhes falta é o rabo,
Em ganhando um uma teima
Hão-de a levar ao cabo.

(D.)

4000 Os homens quando pretendem
Fazem papel de cordeiros
Apanhando o que desejam
Fazem-se lobos matreiros

(A.)

4001 De Lisboa me mandaram
Um macaco de presente,
Com 'ma fita atada ao rabo
Fazendo festas á gente.

(A.)

4002 Eu vou por aqui abaixo
C'o meu machinho, traz, traz,
Em cata das raparigas,
Para mim, que sou rapaz.

(D.)

4003 Eu não quer fazer viagens,
Eu só quer o meu socego,
P'ra não ir de terra em terra
Ser figura de morcego.

(A.)

4004 Eu sou capaz de cantar
Toda a noite ao desafio,
N'uma praça tourear
Qualquer novilho bravio.

95 Cova da onça.
Alto pinheiro,
Meu lindo amor
E' lisongeiro;
E' lisongeiro
Que eu bem o sei.
Cova da onça.
Jardim do rei.

(A.)

96 O meu amor é pastor,
Guarda ovelhas d'alavão.
Já cá tem malhada asseute
Dentro do meu coração.

(A.)

97 Toda a vida fui pastor
Toda a vida tive ovelhas;
D'aquellas que vestem saias,
Trazem brincos nas orelhas.

(A.)

98 Eu já fui moiral das cabras,
Sargento-mór das ovelhas,
Quem *traz* luvas nas pernas
Traz brincos nas orelhas.

(A.)

99 Minha mãe quando morreu
Prometteu-me tres ovelhas,
Uma *coxa, outra* cega,
E outra não tinha orelhas.

(A.)

4010 Os rapazes de Viciros
São poucos, mas são valentes,
Quando comem com os porcos
Quebram a pia co' os dentes.

(T. M.)

4011 Esses rapazes do Porto
São poucos mas são valentes,
Levam a pia dos porcos
Atravessada nos dentes.

(A.)

4012 As meninas lá do Porto
Já não sabem ir á missa,
Ficam na côrte dos porcos
Rilhando palha paínça.

(M.

4013 O rato era roqueiro,
Fazia rocas de vidro,
Livrou m'nha mãe de pancadas
Por causa d'um indivíduo.

(A

4014 O amor é como o rato,
Não lhe escapa buraquinho,
Entra por'qui e sae p'r alli
Vae seguindo seu caminho.

(A

4015 Colhi um rato da tulha,
Por vir em tão boa hora
Tu deitas os mais á bulha,
Ficas c'o rabo de fóra.

16 Se pensas que eu por ti morro
Nem por ti rompo sapatos,
Minha cara de faneca,
Toda roída dos ratos.

(A.

17 Foram as unhas dos ratos,
Mais os dentes das formigas,
Que me romperam o saco
Onde eu tinha as cantigas.

(A.)

18 António, ratinho novo,
Criado entre as ervilhas,
Não penses, ratinho novo,
Por ser novo, que me pilhas.

(D.)

19 A moça para ser boa
Ninguem lhe há de pôr mão,
Ha de ser como a toupeira
Que anda por baixo do chão.

(B.)

20 Não se me dá de ir á guerra
A levar golpes mortaes;
O touro que muito berra
Não é dos que marra mais.

(A.)

21 Bella Tapada Real,
Perto de Villa Viçoza,
Manda de lá um veado,
Com a pelle côr de rosa.

(A.)

4022 Já vou de caras a Hespanha,
Já volto p'ra Portugal,
As mulher's teçm mais manhas
Que sete zorras n'um valle.

Em respeito a esta secção veja tambem as Cas. 72, 75, 76, 119, 138, 186, 200, 227, 242, 257, 270 349, 380, 387, 426, 703, 715, 824 a 826, 862, 863, 964, 965, 1027, 1076, 1083, 1256, 1300, 1302, 1311 1490, 1536 a 1543, 1552, 1567, 1568, 1597, 1702, 1736, 1789, 1790, 1804, 1806, 1809, 1825, 1827, 1843 a 1845, 1854, 1858, 1873, 1880, 1886 1900 a 1910, 1912, 1929, 1931, 1935, 1950, 1952, 1958, 1967, 1983, 1984, 1987 a 1989, 1994, 1995, 2006, a 2019, 2020, 2025 a 2027, 2031 a 2033, 2128, 2145, 2411, 2556, 2633, 2774, 2887, 2894, 2895, 2934, 2991, 2992, 3021, 3031, 3048, 3062, 3063, 3102, 3287, 3340, 3457, 3497, 3498, 3540, 3591, 3603.

121

O HOMEM E A SOCIEDADE

a) Cantos de berço

4023 O' papão, vae-te d'ahi
De cima d'esse telhado,
Deixa dormir o menino
Um somninho descançado.

(A.)

4024 O' papão, vae-te embora,
D'ahi d'esse cantinho,
Deixa dormir o menino
Um somninho pequenino.

(A.)

4025 O' meu filho dorme dorme,
Olha o papão que além está;
O' papão vai-te embora,
Que o menino dorme já.

(A.)

4026 Rouxinol do bico preto,
Deixa a baga do loureiro,
Deixa dormir a menina,
Que está no somno primeiro.

(B. B.)

4027 O rouxinol quando canta
Põe o pé no amieiro,
Deixa dormir a menina,
Que está no somno primeiro.

(A.)

4028 Faz ó ó, ó meu menino
Que te quero ir deitar
N'uma caminha bem fófa,
Teu corpinho consolar.

(A.)

4029 O meu menino tem somno
Tem somno e quer dormir,
Venham os anjos do céo
Ajudal-o a dormir.

(A.)

4030 Meu menino, dorme, dorme,
O somno não te quer vir,
Venham os anjos do céo
Ajudál-o a dormir.

(A.)

4031 Dorme, dorme, meu menino,
Que é alegre o somno teu,
Emquanto na terra dormes,
Folgam os anjos no céo.

(A.)

4032 O meu menino é de oiro,
E' de oiro mui fininho,
Hei-de mandal-o p'r'os anjos
Em quanto fôr pequenino.

(A.)

13 N'este berço de descanço,
Descança o corpo gentil,
Dorme, dorme, meu menino,
Bella flor do meu abril

(A.)

14 Só á meia noite durmo
Um somninho descançado,
Quando os filhos 'stão dormindo
E o marido está deitado.

(A.)

15 Uma mãe que um filho embala,
Todo o seu fim é chorar,
Só por não saber a sorte
Que Deus tem para lhe dar.

(A.)

16 Quando uma crença dorme
Vela a mãe o seu dormir,
Rodeando-a de cuidados,
P'r'ó filhinho não cahir;

(A.)

17 Quando uma creança dorme,
Estão os anjos a sorrir,
Abrem-se as portas do céo
Para Deus as vêr dormir.

(T. M.)

18 Quem tem pinheiros tem pinhas,
Quem tem pinhas tem pinhões,
Quem tem amores tem filhos,
Quem tem filhos tem pensões,

(A.)

4039 Quem tiver filhos pequenos
Por fôrça lh'há-de cantar;
Quantas vezes chora a mãe
Com vontade de chorar!

(A.)

b) Carinhos e penas filiais

4040 O' minha mãe da minh'alma
O' meu pae do coração,
Duzentos annos que eu viva,
Não lhes pago a creação.

(A.)

4041 Minha mãe, minha mãesinha,
Minha mãesinha do céo,
Que me trouxe nove mezes
Debaixo do seu mantéo.

(D.)

4041 Minha mãe, minha mãesinha,
Que aos seus peitos me criou,
Valha-me por caridade,
Que eu nem sei aonde estou.

(E.)

4043 Minha mãe, minha mãesinha,
O' minha mãe, minha amiga,
Quem perde o amor de mãe
Perde tudo n'esta vida.

4044 Minha mãe, minha mãesinha,
Caixinha dos meus segredos,
Qu'ria-lhe contar um conto,
De lh'o contar tenho medo,
— Conta, minha filha, conta,
Conta tudo que quizeres,
D'estas portas para dentro,
Todas nós somos mulheres.

(A.)

4045 Minha mãe, minha mãesinha,
Caixinha dos meus segredos;
Q'ria-lhe dizer: já amo,
Mas não digo, tenho medo.

(A.)

4046 O' minha mãe, minha mãe,
Companheira de meu pae,
Tambem serei companheira
D'aquell' moço que alem vae.

(A.)

4047 O' minha mãe, minha mãe,
Não se pode ser mulher,
Se é bonita tem seu êrro,
Se é feia ninguem a quer.

(D.)

4048 Minha mãe que me creou
Ao peito com tanto mimo
Se um dia lhe pagar mal,
Não foi por falta de ensino.

(A.)

4049 A minha mãe quer-me muito,
Traz-me no seu coração,
Eu e ella dentro d'elle,
Não lhe devo nada, não.

(A.)

4050 Minha mãe é uma rosa,
Eu sou filha da roseira,
E não me atrevo a apartar
De rosa que também cheira.

(A.)

4051 Minha mãe é camponeza,
Eu como camponez sou,
E' como a chita franceza
Da primeira que se usou.

(A.)

4052 Não há amor de mulher,
Por mais pura e virtuosa,
Não há amor que eu compare
Ao d'uma mãe carinhosa.

(D.)

4053 Não há 'mor como o de mãe
Por firme que seja o amante,
O d'este pode variar,
Mas o de mãe é constante.

(A.)

4054 O' meu pae, ó minha mãe,
Senhora tia Maria,
Bote-me as suas bençãos,
Que eu venho da romaria.

(D

4055 Minha mãe bem me dizia,
Eu não q'ria acreditar:
Qual é que há de ser o dia
Que de mim te hás de lembrar!

(A.)

4056 E' tal a minha desgraça,
Que me desatò a chorar,
E nem mesmo a minha mãe
Me pod: a mim consolar.

(A.)

4057 Meu pae chora que se mata
Por eu chegar ao estalão,
Não chore, meu pai não chore,
Que eu hei de ter livração.

(B. A.)

4058 Chora meu pae que se mata,
Por eu chegar ao estalão,
Não chore, meu pai, não chore,
Os homens para que são?

(D.)

4059 Oh quanto meu pae chorou
Quando me viu ao estalão!
Não chore, meu pae, não chore,
Que os homens p'r'á guerra são.

(D.)

4060 Adeus meu pae, adeus mãe,
Adeus ó minha *soidade*,
Eu vou a servir o rei,
Captivar a liberdade.

(A.)

4061 Oh minha mãe, minha mãe,
Oh meu pae querido, amado!
Ao cabo de vinte annos
Eu cá vou para soldado.

(A.)

4062 Coitado d'um pae que cria,
Um filho para soldado.
Fica co'o tempo perdido
E o coração magoado.

(B. B.)

4063 Minha mãe, que me creaste
Com tanto amor e carinho!
Agora vou para a guerra
Morrer como um passarinho!

(D.)

4064 Vejo a guerra, vejo a guerra,
Vou marchar para a marinha,
Quem por mim tem sentimento
É' minha mãe, coitadinha.

(A.)

4065 Quando deixei minha aldeia
Olhei para traz chorando:
Minha mãe do coração,
Tão longe me vaes ficando.

(A.)

4066 Quando de casa sahi
A meu pae pedi a *benção*
E agora para cantar
O's senhor's peço licença.

(A.)

4067 Adeus casa de meus paes,
Adeus meu real convento,
Já deixei a mocidade,
Acabou-se o meu bom tempo

(A.)

4068 Quem me dera dar um ai,
Que chegasse á minha terra.
Que dissesse á minha mãe
Que tal filha não tivera.

(A.)

4068 Quem tem paes é que tem terra.
Terrinha que lhe é natal,
Leva a vida sempre alegre;
Nem há alegria igual.

(E.)

4070 Não me *alembra* a minha terra,
Nem a hora que abalei,
Só me *alembra* pae e mãe;
Meu amor que lá deixei.

(A.)

4071 Casas altas, casas baixas,
São as casas de meu pae,
O tempo que eu morei n'ellas
Esse tempo já lá vae.

(A.)

4072 [illegible]

4073 Vae-te carta, vae-te carta,
A's mãos da minha mãe ter,
Pede-lhe por mim a benção,
Já que me não pode vêr.

(A.)

4074 Vae-te carta, vae-te carta,
Aonde a minha mãe mora,
Pede-lhe a *benção* por mim,
Adeus que me vou embora.

(A.)

4075 Que alegria póde ter
Uma mãe que me criou?
Andar á minha procura
Sem saber aonde eu estou!

(A.)

4076 Se soubera minha mãe
P'ra que sorte me criava,
Nem me trazia ao seu peito,
Nem no berço me deitava.

(A.)

4077 Se soubera minha mãe
P'ra que sorte me criava,
Não me punha aos seus peitos,
Nem ao berço me botava.

(D.)

4078 Minha mãe, minha mãesinha,
Não me chame sua filha,
Chame-me uma desgraçada,
Que nasceu p'r' á triste vida.

79 O' minha mãe, minha mãe,
O' minha mãe da minh'alma,
Quem tem sua mãe tem tudo,
Quem a perde não tem nada.

(A.)

80 Minha mãe é pobresinha,
Creou-me na boa vida,
Se vem a morte e me leva
Minha mãe fica perdida.

(D.)

81 O' morte, tyranna morte,
Que mataste a minha mãe!
Deixaste-me ao desamparo,
Sem abrigo de ninguem

(E.)

82 Tenho dentro do meu peito
Um laço de fita preta,
Já me morreu minha mãe,
O meu trajo é de baêta.

(B. B.)

83 Já me morreu minha mãe,
Minha doce companhia!
Caixinha dos meus segredos,
Espelho aonde eu me via.

(A.)

84 Minha mãe era uma santa
Por *quem sempre* chorarei.
Porque amor igual ao d'ella
Nunca mais encontrarei.

(A.)

4085 Coitado de quem perdeu
Pae e mãe seu natural;
Da mesma sorte fui eu,
Atraz do bem veio-me o mal.

(A.)

4086 Já morreu a minha mãe,
Que me *faze* tanta falta!
Se ella agora me vivesse
Sousava de andar á malta.

(A.)

4087 Já não tenho pae nem mãe,
Nem irmãos, nem amor,
Vivo só e abandonada
Por causa de um traidor.

(A.)

4088 Meu amor não te menti,
Já não tenho pae nem mãe,
Na desgraça em que cahi
Qualquer innocente cahe.

(A.)

4089 Quero cantar, mas não posso,
Minha fala não me ajuda,
Morreu-me meu pae ha pouco,
Sou filho d'uma viuva.

(A.)

4090 Já lá vae minha ventura!
Oh tempo que já lá vaes!
Só penso na sepultura
Aonde estão os meus paes.

(A.)

91 Já não tenho pae, nem mãe,
Já não tenho rei, nem roque.
Sou como as embarcações,
Quando andam a reboque.

(E.)

92 Quem me dera meu pae vivo
E m'nha mãe, que Deus lá tem
'Scusava d'agora andar
O's pontapés de ninguem.

(A.)

93 Se eu tivesse o meu pae vivo
Como tenho minha mãe,
'Scusava d'andar p'r aqui
O's pontapés de ninguem,

(E.)

94 Quem me dera ter por mãe
Inda que fosse uma silva,
Em que ella me picasse
Sempre eu era sua filha.

(A.)

respeito a esta secção veja tambem os *Cantos* n. 321, 817 e 1301.

c) A amisade

95 Uma simples amizade
Muitas vezes sem se q'rer,
Vae criando sympathias,
Chega a pontos de morrer.

(A.)

4096 Paixão d'amor não se pode
Co' a amizade confundir,
Que existir póde a amizade
Sem amor nunca existir.

(A.)

4097 Quem me dera uma amiga
Egual ao meu parecer,
Estas amigas d'agora
São de levar e trazer.

(T. M.)

4098 Quem me dera ter 'ma amiga
Que guardara o meu dizer.
Estas amigas d'agora
São de levar e trazer.

(A.)

4099 Não contes os teus segredos
A nenhuma amiga tua,
Que ainda os não tens contados
E já se sabem na rua.

(D.)

4100 Fita verde, fita verde,
Fita da côr da margaça;
De tres amigas que tinha
A mais real me foi falsa.

(A.)

4101 Não deites água no vinho,
Que se turva na garrafa;
De tres amigas que tinha
A mais firme foi-me falsa.

92 Já uma amiga das minhas
Me quiz tirar meu amor
Só se fôr na minha ausência,
A' minha vista está calor!

(A.)

93 Menina, você não conte
Seus segredos a ninguém,
Uma amiga tem amiga
Outra amiga amiga tem.

(D.)

94 Um amigo tem amigo,
Outro amigo amigo tem,
Anda amigo, vem commigo,
O amigo amigo vem.

(A.)

95 A quem podesse entendel-o,
Tudo eu quizera contar,
Mas as amigas são raras,
Não sei onde as encontrar.

(A.)

96 A amisade que eu te tenho,
E a que te podia ter
Cabe na casca d'um ovo,
E não a chega a encher.

(A.)

97 Quer'-te bem desde criança,
Coisa que hoje ninguem faz:
O interesse é quem manda,
A amizade fica atraz.

(A.)

4108 Eu sou muito tua amiga,
Deves tel-o conhecido,
Mas amor e amizade
Só o tenho a teu marido.

4109 O' amor paga a quem deves,
A mim não me deves nada,
Só me deves amizade
Amizade não é paga.

4110 Quero bem á minha sogra
Por ser mãe do meu amor
Que criou uma craveira
P'ra me dar a mim a flôr.

4111 Quero bem á minha sogra.
Por ser mãe do meu amor,
Porque me deu a 'scolher
Do jardim a melhor flôr.

4112 O meu vestido de droga
Tem a roda para traz;
Quero bem á minha sogra,
Que é a mãe do meu rapaz.

4113 Anda cá cunhada minha,
Anda cá, p'r'ó pé de mim,
Já que não vejo teu mano,
Alegro, vendo-te a ti.

1114 Se cunhadas são unhadas
Eu cunhada sou tambem;
Adoro minha cunhada
Conforme adoro o meu bem.

(A)

1115 No aro do meu pandeiro
Ninguem lhe ha de pôr a mão,
Só se fôr minha cunhada,
Se eu casar com seu irmão

(A.)

1116 De sete amigas que eu tinha
De nenhuma levo paixão,
Só a Carolina Augusta
Levo-a no meu coração.

(A.)

1117 Quatrocentos graus d'altura
Subiu a nossa amizade,
Desceu a maior baixura
Pela tua falsidade.

(A.)

1118 Tenho o meu peito aberto.
Para quem quizer entrar,
As pessoas a quem 'stimo
'Stão em primeiro lugar.

(A.)

1119 Com pena te escrevo esta,
Amado e querido irmão,
Pedindo me venhas ver
A's grades d'esta prisão.

(A.)

4120 Onde se arranjam amigos,
No centro d'uma prisão:
Foi 'ma onça de tabaco
E um aperto de mão.

(A.)

4121 Rapazes, contar-vos vou
Factos da m'nha mocidade,
Em tudo fui infeliz
Té na primeira amizade.

(A.)

4122 Vae-te carta, vae-te carta.
Entra pelo meu jardim,
Se lá está minha madrinha,
Dá-lhe um abraço por mim.

(D.)

4123 Ailé,
Em Villa Viçosa
A minha cunhada.
E' 'ma linda rosa

(A.)

4124 Não quero riquezas,
Não sou *entressê'ra*,
Quer' um' ámizade
Firme e *verdadêra*.

(A.)

4125 Ailé,
Comadre, comadre,
Ha de ser eterna
A nossa amizade

(A.)

126 Ailé,
Comadre querida,
A nossa amizade
E' por toda a vida.

(A.)

127 Ailé,
Rua dos Curraes
A nossa amizade
Cada vez é mais.

(A.)

b) Cantigas amorosas

Anhelos, requebros e lisonjas

128 Cara linda, linda, linda,
Para linda do jardim,
Tenho visto caras lindas,
Como a tua inda não vi;

(A.)

129 Como a tua inda não vi,
Como a tua isso não,
Cara linda, linda, linda,
Cara linda da estação.

(A.)

130 Nunca vi cara mais linda
Nem corpo mais delicado,
Nem andar com mais decencia,
Nem falar com mais agrado.

(A.)

4131 Tenho corrido mil terras,
Inda não fui a Pará
Tenho visto caras lindas,
Mas como esta não na ha.

(D)

4132 Tenho corrido mil terras,
Cidades mais de quarenta,
Tenho visto caras lindas
Só a tuo me contenta.

(A.)

4133 Tenho um casaco de chita
A' camponeza talhado;
Tenho visto caras lindas
Só tu és do meu agrado.

(A.)

4134 O teu rosto, encantador!
Os teus lábios, côr de rosa!
Cara mais linda que a tua
Decerto ninguem a gosa.

(A.)

4135 Tuas faces vertem sangue,
Os teus lábios, côr de rosa!
Cara mais linda que a tua
Por certo ninguem a gosa.

(A.)

4136 Chamaste ao meu cabello
Cannavial de Vianna,
Eu tambem chamei ao teu
Braços de prender quem ama.

4137 Chamaste ao meu cabello
Dobadoira de dobar.
Também eu chamei ao teu
Sarilhos de ensarrilhar.

(D.)

4138 O cabello da minha amada
E' composto p'la sua mão.
Toda a gente se admira
De tão grande perfeição.

(A.)

4139 Maria, muito te quero
Quando essas tranças penteias,
Tu bem sabes que me prendes
N'essas formosas cadeias.

(A.)

4140 Trazeis o cabello atado,
Pelas costas ao comprido
N'esse nó que vós lhe daes
Stá o meu amor mettido.

(D.)

4141 Trazeis o cabello atado
Pelas costas ao comprido
N'essa trancinha do meio
Anda o meu amor mettido.

(B. A.)

4142 Teus cabellos me prenderam,
Os teus olhos me mataram,
Os teus lindos pés fugiram
Quando morto me deixaram.

(A.)

4143 As tranças do meu cabello,
Dão quatro voltas no ar,
Com ellas prendo o amor,
P'ra me não poder deixar.

(A.)

4144 Esse cabello que tens,
Pela testa *enramado*,
Mette corações a pique,
Maginações em cuidados.

(A.)

4145 Tendes um lindo cabello
Pelas costas aos anneis,
Quando vos for's a deitar
Embrulhae-o em papeis.

(D.)

4146 Tendes os cabellos louros,
A roda co'os seus anneis,
Tendes uns olhos marotos,
Não sei se me enganareis.

(A.)

4147 Tendes o cabello louro,
Na cara lindos signaes,
Tu vaes ao domingo á missa
Tirar a direita ás mais.

(E.)

4148 O teu cabello dobado
Dá mais de trinta novellos,
Os teus olhos ramalhudos
Oh quem me dera vencel-os!

(A

4149 Os cabell's na tua testa
São anneis *ensôbrecidos;*
Os suspiros dos amantes
Ao longe são conhecidos.

(A.)

4150 O teu cabello entrançado
Serve de toda a maneira,
De dia serve de gala,
A' noite de travesseira.

(A.)

4151 Tens o cabello entrançado
Pelas costas *ó* comprido
Servirá de travesseiro
Quando dormires comigo.

(A.)

4152 Meu amor, em tu morrendo
Roubarei-te, com certeza,
A trança do teu cabello
E um beijinho á franceza.

(A.)

4153 Sobrancelhas de oiro fino
Penteadas *ó* deserto,
Orelhas crystallinas,
Olhos por quem eu me perco.

(A.)

4154 Sobrancelhas de velludo,
Olhos pretos como o vidro,
Palavras da tua bocca,
Trazem meu peito rendido.

(A.)

4155 Sobrancelhas mais galantes
Impossivel é havel-as,
São laços de fitas finas
Que encobrem duas estrellas.

(A.)

4156 Hei-de-te mandar dourar
Os arcos das sobrancelhas,
São laços de fitas finas
Que encobrem duas estrellas.

(A.)

4157 Oh meus olhos de pau preto,
Sobrancelhas de oiro fino,
Não me percas o affecto,
Que eu de ti não perco o tino!

(A.)

4158 Tu tens olhos de matar,
Sobrancelhas de ferir,
Tu tens a côr demudada,
Isso é de não dormir.

(A.)

4159 Os teus olhos são capellas,
Onde os meus vão ouvir missa,
As sobrancelhas são velas
Que estão pedindo justiça.

(A.)

4160 Tendes dois olhos na cara
Que parecem dois ladrões,
Quem com elles penetrar,
Que bonitas perfeições!

51 Tendes dois olhos na cara
Que parecem dois ladrões,
Elles postos nas estradas
Podem roubar corações.

(T. M.)

62 Abre os olhos, deixa ver
Debaixo d'essas pestanas,
Pois que quero conhecer
As luzes com que me enganas.

(A.)

63 Vem livrar-me com teus olhos,
Que eu por elles me perdi,
Dá me a vida com teus beijos,
Já que por elles morri.

(A.)

64 Eu hei de amar ao meu bem,
Hei de fazer o meu gosto,
Tem a cara redondinha
E os olhos á flor do rosto.

(A.)

165 Alegraram-se os meus olhos,
Meu amor, quando te vi,
Quanto mais comtigo falo
Menos posso estar sem ti.

(A.)

166 Não sei á côr dos teus olhos,
São lindos, o mais não sei,
Sejam pretos ou castanhos
Que importa, se os adorei ?

(A.)

4167 Defronte de mim 'stão olhos,
Eu a vel-os inda não,
Pelos raios que elles botam
Que dão ao meu coração.

(B. A.)

4168 Nos olhos do meu amor
Leio o seu pensamento,
N'elles vejo hade ser meu
D'aqui a bem pouco tempo.

(A.)

4169 Muito se engana quem cuida,
Que os olhos que querem bem,
Em tu 'stando á minha vista
Não me lembra mais ninguem.

(A.)

4170 Deante de mim 'stão olhos,
Quem m'os déra ver tirados,
São olhos que me perderam
E que amo por meus peccados.

(A.)

4171 Se nos meus olhos conheces,
Meu amor, o que te digo,
Olha p'ra mim, faço o mesmo,
'Scuso de falar comtigo.

(A.)

4172 Lindos olhos, lindos olhos,
Lindos olhos tenho eu,
A belleza dos meus olhos
Meu amor é que m'a deu.

(A

73 Tendes dois olhos na cara
Que parecem duas flôres.
Se eu assim tivera os meus
Já 'stava sem amores.

(D.)

74 Tendes dois olhos na cara
Da côr da baêta fina ;
Não sei que amor é o teu,
Que tanto me desatina.

(D.)

75 Esses teus olhos menina,
São dois vasos d'alegria,
Amal-os é meu intento
Beijal-os é que eu queria.

(A.)

76 Os teu olhos teem meninas
Essas meninas tem olhos,
Os olhos d'essas meninas
São as m'ninas dos meus olhos.

(A.)

77 Tens os olhoz marotinhos,
Cara todo abrejeirada,
Os pés acatitadinhos,
A cintura delicada.

(A.)

78 Quem me encanta n'este mundo ?
Quem *me dá prazer* a mim ?
Encantam-me esses teus olhos,
Que eu por êlles me perdi.

(D.)

4179 Fui a Coimbra aos estudos,
Aprendi lição d'amar,
Depois que vi os teus olhos
Nunca mais pude estudar.

(D.)

4180 P'los olhos que bolres
Sei o bem que me quereis,
Eu quero-vos outrotanto,
Commigo nada perdeis

(M.)

4181 Troquemos olhos por olhos,
Corações por corações,
Ema fala requere outra
Em certas occasiões.

(M.)

4182 Os meus olhos são gabados
Por fidalgos e doutores.
Dou-os por bem empregados
Nos meus primeiros amores,

(D.)

4183 Esses teus olhos amor,
Trazem-me a mim captivado,
Dentro do teu *entrior*
'Stá meu nome separado.

(A.)

4184 O' olhos, *abellesae*
A terra p'ra donde fores,
Eu também abellesei
Os meus primeiros amores.

85 Se os meus olhos te offendem,
Aqui estão, castiga-os bem,
Não quero na minha cara,
Olhos que offendam ninguem.

(M.)

86 Assim que teus olhos vi
Fiquei de todo pasmado,
Eu inda não encontrei
Figura tão do meu grado.

(A.)

87 Amar, e saber amar,
Amar, e saber a quem,
Amar os teus lindos olhos,
Não amar a mais ninguem.

(A.)

88 A' porta fiz um cigagarro,
A' porta o embrulhei,
A' porta vi os teus olhos,
A' porta os namorei.

(A.)

89 Estas mocinhas d'agora,
Estas que d'agora são,
Dão um geitinho aos olhos,
Que regala o coração.

(T. M.)

90 Não to digo quanto sinto,
Por causa dos que aí estão;
Mas com um certo geitinho
Os meus olhos t'o dirão.

(A.)

4191 Os teus olhos são encantos
Protegidos do amor,
Feliz de quem os gosar,
Triste de mim, se eu não fôr.

(A.)

4192 Se queres saber se te amo.
Olha p'r'ós meus olhos bem.
Elles mesmo 'stão dizendo.
A paixão que por ti teem.

(A.)

4193 Os olhos do meu amor
Não sei eu que encanto teem
Quando os vejo, esqueço tudo,
Não me lembra mais ninguem.

(A.)

4194 Vossê era o que dizia
Que era firme no amar,
Vossê tem bellos olhinhos,
Mas é para me enganar.

(D.)

4195 Olhos mais lindos que os teus
Não os vi, nem os conheço,
Depois que teus olhos vi
Todos os mais aborreço.

(A.)

4196 O' meu amor, meu amor,
O' meu amor, nada não,
C'o a agua d'estes meus olhos
Rego eu o teu coração.

197 Indo eu certo dia á caça,
Sem mesmo ser caçador.
Fui ferido no coração,
C'os olhos do meu amor.

(A.)

98 Em te não vêr, adoeço,
Vendo-te, logro saude,
Já quiz fazer uma ausencia
Aos teus olhos, mas não pude.

(A.)

99 O' meu amor, não vás hoje,
Que amanhã tambem é dia,
Deixa-me ficar teus olhos
Para a minha companhia.

(D.)

00 O meu amor quer deixar-me,
Depressa lhe digo adeus,
Mas não me leve os olhos,
Que esses são muito meus.

(A.)

01 As meninas dos meus olhos,
Dormem ás portas fechadas,
Acordam como sentidas!
Dormem como apaixonadas.

(A.)

02 Oh noites de primavera!
Quem as pudera gosar!
Juntinho da minh'amada
P'rós seus olhos adorar.

(A.)

4203 Não quer' ir á tua terra,
Nem tampouco lá passar,
Que os olhos das raparigas
Prendem, não sabem soltar.

(A.)

4204 Os teus olhos são capellas:
Oh! quem fôra capellão;
Que em vez de dizer a missa,
Roubava te o coração.

(A.)

4205 Tão delicado é o fumo
Que passa a telha dobrada;
Delicados são teus olhos,
Que namoram de pancada.

(A.)

4206 Os olhos do meu amor
São sanefas de velludo.
Quem me dera já lograr
Olhos, sanefas e tudo.

(A.)

4207 Eu não sei que sympathia
Meus olhos contigo têm,
Em não estando á minha vista
Nada me parece bem.

(A.)

4208 Os olhos do meu amor
São bonitos, benza-os Deus!
Não são pequenos, nem grandes,
São par'cidos com os meus.

V

09 Tu és clara como o leite,
E o leite também se come,
E tens dois olhos na cara
Que enganam a qualquer home'.

(A.)

10 Lindos olhos tem meu bem,
Inda agora reparei,
Se reparara ha mais tempo.
Não amara a quem amei.

(A.)

11 Quando eu era pequenina
Acabada de nascer,
Inda não abria os olhos,
Já gostava de te ver.

(A.)

12 Lindos olhos são os teus.
Tu és a minha doidice;
Teu modo é igual ao meu,
Quero-te bem, já t'o disse.

(A.)

13 Os teus olhos são meus olhos,
Teus olhos minha doidice,
Teus agrados me captivam,
Quero-te bem, já t'o disse.

(D.)

14 Os meus olhos são os teus,
Tu és a minha doidice,
Quero-te bem acabou-se,
Quero-te bem, já t'o disse.

(A.)

4215 Lindos olhos são os teus,
Olhos da minha doidice,
E's a minha sympathia,
Quero-te bem, já t'o disse

(T. M.)

4216 Os teus olhos são os meus,
Tu és a minha doidice,
Quero-te bem, na verdade,
Gosto de ti, já te disse.

(A.)

4217 Os seus olhos 'stão chamando
O meu coração p'ra lá,
Sirva-se d'elle, ó menina,
Depois mande-m'o p'ra cá.

(A.)

4218 Tendes olhos de pau preto,
Riscadinhos ao compasso,
Duas luzes que allumiam
As ruas por onde passo.

(D.)

4219 Os olhos do meu amor
Foram feitos a compasso,
Todos os veem e resistem;
E só eu cahi no laço.

(A.)

4220 Os olhos do meu amor
São os que nunca me esquecem,
Quantas mais vezes os vejo
Mais bonitos me parecem.

4221 Os teus olhos são dois livros
Com que amor lições me deu.
Com taes mestes e taes livros
Ninguem ama como eu.

(A.)

4222 Adeus Campo Maior das flôres,
Onde tenho a minha amada;
Se eu não logro esses teus olhos
Minha sorte é desgraçada.

(A.)

4223 Tenho os olhos tão affeitos
A mirarem-se nos teus,
Que de tanto confundil-os
Já não sei quaes são os meus.

(D.)

4224 Costumei tanto os meus olhos
A namorarem os teus,
Que de tanto confundil-os
Já não sei quais são os meus.

(A.)

4225 Lindos olhos te deu Deus
N'essa tua linda cara,
Se eu assim tivera os meus,
Outro gallo me cantara.

(A.)

4226 Quando te eu vi logo disse:
Lindos olhos para amar,
Linda bocca para beijos.
Ai quem t'os podera dar!

(A.)

4227 Assim que te vi, eu disse:
Lindos olhos para amar.
Linda bocca para beijos,
Lindos braços p'ra abraçar.

(A.)

4228 Os meus olhos estão presos,
Mas não choram na prisão,
Deixal-os andar, deixal-os,
Presos ao teu coração.

(E.)

4229 Se os meus olhos te incommodam,
Quando estão na tua frente,
Eu prometo de arrrancal-os,
Para te amar cegamente

(E.)

4230 Tendes dois olhos na cara,
Que merecem ter vidraça,
Muito gosto eu de vel-os
E a todos da sua raça.

(A.)

4231 Tendes os olhos pisqueiros
E a vista apegadiça,
Trazeis a prisão comvosco.
Não vos faz ninguem justiça.

(D.)

4232 Tens os olhos d'uma Santa,
Sobrancelhas de Princeza,
A boquinha é d'Infanta,
Cinturinha de Marqueza.

33 Os meus olhos são dois laços,
Que avistam villas e campos;
Só tu me podes dar passos
Domingos e dias santos

(A.)

34 Os teus olhos são dois laços
Os meus são um ramalhete,
Os passos que eu por ti dou,
Deus queira que te aproveitem.

(A.)

35 Esses teus olhos, amor,
Trazem-me a mim captivado,
Dentro do meu int'rior
'Stá teu nome retratado.

(A.)

36 Os meus olhos, mais os teus,
Dão ao mundo que entender,
Namoram-se devagarinho
P'ra ninguem os perceber.

(A.)

37 Os meus olhos mais os teus,
São quatro a quererem bem,
Os meus adoram os teus,
Mas os teus não sei a quem

(A.)

38 Teus olhos são dois botões,
Gerados na flôr do rôsto
Tuas faces são carmim,
E's uma dama de gosto

(A.)

4239 Se te fôres, hei de armar
Laços á tua partida,
Eu quero mais a teus olhos
Do que á minha própria vida.

(T.M.)

4240 Longe de mim estão olhos,
Olhos a quem eu venero,
Olhos a quem eu quiz muito,
Quiz muito e ainda quero.

(A.)

4241 Quem me dera ter-te á vista
Trinta dias cada mez,
Cada semana seis dias.
E cada instante uma vez.

(A.)

4242 Se chego ao longe a avistar-te,
De prazer eu enlouqueço,
Só a ti, meu bem, eu amo,
Tudo mais eu aborreço.

(A.)

4243 'Stou defronte de quem amo,
Quem eu vejo estou querendo,
Quem me dera em meus braços,
Quem meus olhos estão vendo.

(T. M.)

4244 Eu quero muito ao meu bem,
Mas nunca falei com elle,
Só c'o a vista me contento,
Penso que assim será elle.

4245 Já hoje vi meu amor
Logo pela manhãsinha,
Agora posso dizer:
Feliz sorte foi a minha.

(D.)

4146 Quem o teu sorriso gosa
Quem gosa o teu terno olhar,
E' feliz, é venturosa,
Não tem mais que desejar

(A.)

4247 Quando olhares para mim
Olha com certo geitinho,
Que eu não quero que se saiba
Tu és o meu amorzinho.

(A.)

4248 Eu suspiro e tu suspiras.
Sômos dois a suspirar,
Eu suspiro por te vêr
Tu suspiras por me amar.

(A.)

4249 P'a volta da meia noite.
Ouvi cantar o meu bem,
Acordei sobressaltado,
Olhei e não vi ninguem.

(A.)

4250 Defronte tenho quem quero,
Quero bem a quem 'stou q'rendo,
A' vista tenho quem amo,
Quero bem a quem 'stou vendo.

(A.)

4251 Tenho ao lado quem me ama
E defronte quem venero;
Se eu te chegar a lograr
Mais nada do mundo quero.

(A.)

4252 Semeei o roxo n'agua,
O encarnado na *area*,
A' vista d'esses teus olhos
Quem tem juizo *varêa*.

(A.)

4253 Os olhos pretos são vários,
Os azues são lisongeiros,
Os olhos acastanhados
São os leaes, verdadeiros

(A.)

4254 Olhos pretos são fidalgos
Os azues são cavalheiros,
Os olhos acastanhados
São falsos e lisongeiros.

(A.)

4255 Tens os olhos mais escuros
Do que a noite mais fechada,
Apesar de tanto escuro,
Sem elles não vejo nada

(D.)

4256 Tendes os olhinhos pretos
Como o retroz de cozer;
Nasceste para ser minha,
Que lhe havemos de fazer?

4257 Olhos pretos roubadores,
Porque vos não confessaes
Dos delictos que fazeis
Dos corações que roubaes?

(T. M.)

4258 Olhos pretos, amarellos,
Olhos de todas as cores,
Olhos de quem quer e gosta,
Olhos de quem tem amores.

(A.)

4259 Os olhos de Inez são negros,
Os de Julia côr do ceo,
Mas dizer quaes são mais bellos
Decerto não posso eu.

(E.)

4260 Os olhos pretos que eu vi
Na *felor* da minha edade,
Logo me namorei d'elles;
Quanto vale uma amizade!

(A.)

4261 Olhos pretos, olhos pretos,
São minhas Ave-Marias,
São as contas por onde en rezo
O rosar' todos os dias.

(A.)

4262 Olhos pretos olhos pretos,
Mais pretos que a noite escura,
São os olhos que ao vêl-os
Ardo em chammas de loucura.

(A.)

4263 O meu amor não é êste,
Foi alguem que m'o tirou,
Que o meu tinha olhos pretos,
Quando para mim olhou.

(A.)

4264 Olhos negros, olhos negros,
Olhos da minha paixão,
Os verdes dão mais 'speranças,
Mas fiar-me d'elles, não.

(A.)

4265 Os teus olhos pretos, pretos,
Os teus olhos pretos são,
A *jelor* do teu affecto
Captiva o meu coração.

(A.)

4266 Assim que teus olhos vi,
Logo me elles *cantivaram*,
Olhos pretos para mim,
Toda a vida me encataram.

(A.)

4267 Olhos pretos, bocca linda,
Gosto d'elles, mas, porém,
Tenho médo de os amar,
São crueis não pagam bem.

(A.)

4268 Olhos pretos são captivos.
Os azues não teem fé,
Os olhos acastanhados
'Stão dizendo o que não é.

4269 Os meus olhos são dois pretos,
Que me chegaram de fóra,
De lá me vieram livres,
Captivos os tenho agora.

(A.)

4270 Que lindos olhos tão pretos!
Que lindos olhos eu vi!
Eram negros, côr da noite,
Mataram-me e não morri.

(E.)

4271 Olhos pretos e azues
Trago eu n'este cabazinho,
Os azues posso eu vender,
Os pretos dou'os por vinho.

(A.)

4272 O meu amor não é este.
E se é este não o quero,
O meu tem os olhos pretos,
Este tem-n'os amarellos.

(M.)

4273 Não me lembra pae nem mãe,
Nem o leite que mamei,
Lembra-me d'uns olhos negros,
Que eu em rapaz namorei.

(A.)

4274 *Olhos* pretos são marotos,
Os azues enganadores,
Os castanhos não tem preço,
Esses são os matadores.

(M.)

4275 Os teus olhos, Manoel,
São negros como o carvão,
Penetram dentro em meu peito,
Vão até ao coração.

(A.)

4276 Olhos pretos são captivos,
Os azues são brejeiros,
Os olhos acastanhados
Para amar são os primeiros.

(A.)

4277 Olhos pretos não têm graça,
Olhos azues graça teem,
Os olhos do meu amor
São azues, querem-me bem.

(A.)

4278 Olhos pretos e travessos
São p'ra mim olhos d'amor,
Os azues matam a gente,
Requebradoa com langor.

(A.)

4279 Olhos pretos, olhos brancos,
Olhos da côr da perdiz,
Olhos de quem quer e gosta,
Olhos de quem quer e quiz;
Quem lograr os teus carinhos
Póde-se julgar feliz.

(A.)

4280 Olhos azues, olhos pretos,
Castanhos e amarellos;
A'quella dos olhos verdes
E' que eu faço mais desvelos.

11 Olhos pretos são falsetes,
Os azues enganadores,
Estes meus acastanhados
São leaes aos meus amores.

(A.)

12 Os olhos azues são varios,
E os verdes são traidores,
Estes meus acastanhados
São leaes aos teus amores.

(A.)

13 Quem tiver olhos azues
Bem os póde arrecadar,
Que os olhos azues são poucos,
Bem custosos d'alcançar.

(A.)

14 Tens o rosto côr de rosa,
Os olhos da côr do ceu,
Tens o cabello tão lindo,
Não precisas de chapeu.

(A.)

15 São azues, da côr do ceu,
Os formosos olhos teus,
Tão azues, que até parece
Que n'elles eu vejo os meus.

(A.)

16 *Anda cá*, olhos azues,
Carreira dos namorados,
Ensina-me estes caminhos,
Que errei por meus peccados.

(D.)

4287 Os olhos verdes dão esperança,
Os azues lembram o ceu,
Os negros lembram a morte,
Pelos castanhos morro eu.

(A)

4288 Lindos olhos tem meu bem,
Verdes, da côr de limão,
Os azues são lealdade,
Os negros dizem traição.

(A.)

4289 Olhos verdes são marótos.
Os azues são engraçados,
E os pretos são medonhos,
Castanhos desconfiados.

(A.)

4290 Os olhos do meu amor
São bonitos, que encandeiam,
E são riscados de verde,
Que a terra toda *alumeiam*.

(A.)

4291 Oh que olhinhos tão bonitos!
Tanto com elles engraço!
São luzes que m'*alumeiam*
Quando pela rua passo.

(A.)

4292 Amar, mas saber amar,
Amar, mas saber a quem,
Amar a luz dos teus olhos,
E não amar mais ninguem.

93 Quem me dera já lograr
D'esses teus olhos as luzes,
Mais de quatro hão de ficar
Na bocca fazendo cruzes.

(A.)

94 Esses teus olhos, menina,
São duas luzes de gaz,
Amar-te, lá isso sim.
Deixar-te não sou capaz.

(A.)

95 A tua cara de neve
Foi feita de pedraria,
Os teus olhos são candeias
Que accendem a luz do dia.

(A.)

96 Dava-te fitas aos molhos,
Que mais queres que eu te dei?
É deite a luz dos meus olhos,
Té cega por ti fiquei.

(A.)

97 Morena, Morena,
Dos olhos rasgados,
Teus olhos, morena,
São os meus pecados.

(T. M.)

98 Ailé.
O' amor, troquemos
Os teus olhos grandes
Pelos meus pequenos.

(A.)

4299 O'lhos azues,
Boquinha tão doce,
Eu não 'stava aqui
Se o meu bem não fosse

(A.)

4300 'Ailé,
Anda cá correndo.
Teus olhos são laços
Que me 'stão prendendo.

(A.)

4301 Ailé, Manuel,
E's um lindo cravo.
Tens olhos azues.
Acções de fidalgo.

(A.)

4302 Oh que lindos olhos
Tem o meu amor!
São mal empregados
Andar ao calor.

(A.)

3303 O' olhos azues,
Que já foram meus,
São agora d'ouro,
Paciencia, adeus.

(A.)

4304 O' olhos azues,
Boca pequenina,
Tudo quanto dizes
E' uma gracinha.

(A.)

4305 Ailé,
Anda cá p'r' áqui,
Que te quero ver,
Que inda te não vi!

(A.)

4306 Solteirinha engraçada,
Lindas faces côr de rosa,
Enganando por esp'rança,
Trigueirinha mais formosa

(A.)

4307 Tens o nariz bem composto,
Os dentes são de marfim,
Feliz será minha sorte
Se nascestes para mim.

(A.)

4308 A boca da minha amada
Tem uma grande virtude,
Pois que até os seus beijinhos
Aos doentes dão saude.

(A.)

4309 O' menina, diga, diga,
Por sua bocca o confesse
Se já teve n'este mundo
Amor que mais lhe quizesse.

(A.)

4310 Tens a boquinha pequena,
O queixo tão redondinho,
Que morrerei de paixão
Se me não dás um beijinho.

(A.)

4311 Tua bocca me parece
Um botãosinho de rosa;
Tenho visto boccas lindas,
Mas nenhuma tão airosa.

(A.)

4312 Linda boquinha p'ra beijos!
Oh quem t'os poderá dar!
Para matar os desejos
Que eu trago, amor, de te amar.

(A.)

4313 Inda bem que já achei
Amorinhos a meu gosto,
Com a bocca pequenina,
Olhos á *flor* do rosto.

(A.)

4314 Quem me dera ser cigarro
Na bocca dos fumadores,
Sempre andaria brilhando
Na bocca dos meus amores.

(A.)

4315 Quando o meu amor me beija,
Não sei explicar que sinto;
Fico parva, fico doida,
Falo a verdade, não minto.

(A.)

4316 As caricias do meu bem
Não as posso eu esquecer.
Os seus beijos e abraços
Hão lembrar-me até morrer.

(A.)

4317 Meu amor, dei-te meus beijos,
E com beijos me pagaste,
Deus te pague a alegria,
Todo o bem que me causaste

(D.)

4318 Quem me dera agora mesmo
Ter-te aqui ao pé de mim,
Com meus beijos vermelhava
Tuas faces de jasmim.

(E.)

4319 O beijo que tu me deste
Nunca me hade esquecer,
Inda tenho a bocca doce,
Inda me está a saber bem.

(D.)

4320 Os abraços e beijinhos,
Diz-me, amor, que gosto têm?
Beijinhos de quem namora,
Abraços de quem quer bem.

(A.)

4321 Um abraço não é nada,
Um beijo que gosto tem?
São affectos de quem ama,
Carinhos de quem quer bem.

(A.)

4322 Tenho fome, tenho sede,
Não é de pão, nem de vinho,
Tenho fome de um abraço,
Tenho sêde de um beijinho.

(A.)

4323 Se eu tivivera que dar, dera,
Sempre te estaria a dar,
Bêjinhos na tua cara,
Lindo amor, sem descançar.

(A.)

4324 Se eu tivera que dar, dera,
E sempre estaria a dar,
Bêjinhos até morrer,
Abraços sem descançar.

(A.)

4325 Quem me dara, dera, dera,
Estar sempre a dar, a dar,
Beijinhos a tres e tres,
Abraços a par e par.

(A.)

4326 Aile,
Cadê ós árquinhos,
Dá-me tu abraços,
Q'é te *dô bêjinhos*.

(A.)

4327 Tendes o dentinho raro
Mettei-lhe o cravo no meio,
Toda a gente se admira
Do teu bonito asseio.

(A.)

4328 O' hassarinho, abre o bico,
Que te quero ver os dentes,
Inda meus olhos não viram
Perolas tão excellentes.

(T. M.)

29 Tens os dentes miudinhos
Como as pedrinhas de sal,
D'aqui me estão parecendo
Bocadinhos de crystal

(A.)

30 Entre o dizer e o calár
Ha guerra viva em meu peito,
O amor manda que fále,
Que cale diz o respeito.

(A.)

31 O meu peito é um jazigo,
Para ti 'stá preparado,
Se me amas como é devido,
N'elle serás sepultado.

(A.)

32 Tenho dentro do meu peito
Uma cadeira de vidro,
Onde o meu amor se senta
Quando vem falar comigo.

(A.)

33 Tenho dentro do meu peito
O que eu não quero dizer
Um bocadinho d'amor
Que me faz endoidecer.

(B. B.)

34 Tenho dendro de meu peito
Mil vellas, mil castiçaes,
No altar onde te adoro
Estás tu e ninguem mais.

(A.)

4335 Tenho dentro do meu peito
Dois moinhos a moer,
Um anda, outro desanda,
E outro olha o bem querer.

(M.)

4336 Tenho dentro do meu peito
Duas sementinhas de flores,
Por uma descem suspiros,
Por outra sobem amores.

(T. M.)

4337 O' meu amor, meu amor,
O' meu amor, nada digo,
Nada em meu peito tenho,
Que não reparta contigo.

(A.)

4338 O' meu amor, meu amor,
O' meu amor, nada não,
Nada tenho no meu peito
Em que não tenhas quinhão.

(A.)

4339 Que queres, meu bem, que queres,
Que queres d'este meu peito?
Se queres meu coração,
Mette a mão, tira com geito.

(A.)

4340 Lá defronte do amor
Brincas tu e brinco eu,
Anda, amor, par' o meu peito,
Ninguem te quer mais do que eu.

(A.

4341 Cá dentro déste meu peito
Tenho um logar pra te dar,
Faze tu pelo merecer,
Que eu não t'o heide negar.

(M.)

4342 Para dommar meu peito
Só de ti fiz eleição,
Toma posse da minha alma,
Dominha o meu coração.

(A.)

4343 Altas torres tem teu peito,
Com alicerces de vidro,
Com chaves de diamantes
Para me fechar comtigo.

(A.)

4344 Altos muros tem teu peito,
Eu lá não poderei entrar.
Quem merecimentos não tem,
Glórias não pode alcançar.

(E.)

4345 Altas torres tem teu peito,
Oh! quem em ellas se vira,
Para descubrir a terra
Do meu bem, que é de Tavira.

(A.)

4346 *Altas* torres tem teu peito,
Eu a todas tenho ido,
Só me falta ir agora
A's torres do teu sentido.

(A

4347 Altas torres tem teu peito,
Mais altas são as muralhas,
Se tu prometes ser minha,
Eu te prometto saltal-as.

(A.)

4348 Quem embarca, quem embarca,
Quem vem p'r'ó mar, quem vem?
Quem embarca no meu peito?
Que linda maré que tem!

(A.)

4349 Se eu soubera que ja tinha
N'esse teu peito um logar,
Eu fazia um protesto
De p'ra outro não olhar.

(A.)

4350 Tenho dentro do meu peito
Um a b c bem bonito,
Quem o ler com piedade
Ha-de chorar infinito,

(A.)

4351 O teu coração é fita
Que no meu peito se enleia,
É's a cara mais bonita
Que passeia n'esta aldeia

(A.)

4352 Eu quero que tu escrevas
Com o sangue do teu peito:
Fui fôrro, fiquei captivo,
Fui livre, fiquei sujeito.

4353 Não se me dava morrer
Tendo a salvação segura,
Sabendo que havia ter
Em teu peito a sepultura.

(A.)

4354 Se eu morrer na minha sina,
No meu sentido perfeito,
Hei de pedir que me enterrem
No jardim d'esse teu peito.

(A.)

4355 O' meu amor, meu amor,
Só tu tivestes a dita
De entrar dentro do meu peito,
N'uma sala tão bonita.

(E.)

4356 Se entrei n'essa tua sala
Posso-me dar por feliz,
Já te quiz amar ha tempo,
Mas a tua mãe não quiz.

(M.)

4357 Esses ADSSOS lindos peitos
Ambos de dois são eguaes,
Não são altos não são baixos,
São como vós precisaes.

(D.)

4358 *Ailé,*
Onde vou, irei,
O teu peito é laço,
N'elle cahirei.

(A.)

4359 Ailé
Quero, mas não posso,
Unir o meu peito
Ao coração vosso.

(A.)

4360 Meu amor, se sabes ler,
Dentro do meu coração,
Vem abril-o, então verás,
Se te quero bem ou não.

(D.)

4361 Menina, que sabe ler,
Leia no meu coraçao,
E dentro d'elle ha de ver
Se lhe quero bem, ou não.

(T. M.)

4362 Menina se sabe ler,
Leia-me o meu coração.
Que dentro d'elle hade achar
Se eu lhe quero bem ou não,

(B. A.)

4363 O meu amor me pediu,
Meu coreção emprestado
Se estivessemos sósinhos,
Até l'ho teria dado

(A.)

4364 Dava-te o meu coração,
Coiza que dar não podia,
Já te dava a melhor prenda
Que no meu peito trazia

15 Sois alegre e andaes triste,
Dizei-me, porque razão?
Se é por falta de amores,
Aqui tens meu coração.

(D.)

16 Suspirei quando te vi,
Roubaste a minha affeição.
Tenho agora os teus carinhos,
Que mais quer meu coração?

(A.)

17 Apalpei meu lado esquerdo,
Não achei meu coração.
Logo me veio ao sentido;
Que fugiu p'r'á tua mão.

(A.)

18 Olhei p'r'ó meu lado esquerdo,
Não achei meu coração,
De repente me lembrou
Que 'stava na tua mão.

(A.)

19 Puz a mão da parte esquerda,
Não achei meu coração,
Não me lembrei que o tinha
De penhor na tua mão.

(T. M.)

20 Já não tenho coração,
Já m'o tiraram do peito,
Onde eu tenho o coração
Nasceu-me um amor perfeito.

(A.)

4371 Tenho um amor em balanças,
Não sei se o ame se não,
Se o deixo, que grande pena,
Meu amor do coração!

(A.)

4372 O' meu amor diz-me a quem
Empenhaste o coração,
Ainda que eu pague juros,
Quer' tel-o na minha mão.

(A.)

4373 Ha muita gentinha honrada
Que é peor do que um ladrão,
Pensa até não roubar nada
Quando rouba um coração.

(A.)

4374 Da aldeia de Santa Eulália
A Elvas tres leguas são,
Mais curtas do que a corrente.
Que nos prende o coração.

(A.)

4375 Aqui tens meu coração,
Se o quizeres matar, podes,
Olha que 'stás dentro d'elle.
E se o matas também morres.

(A.)

4376 Vivo triste, e essa tristeza
Vai-me toda ao coração,
Dá remédio a este mal,
Allivio a esta paixão.

ei-de sempre adorar-te,
tu me queiras ó não,
mesma já não podes
do meu coração.

(A.)

trago retratada
ração, lá no fundo.
do a Deus, eu não tenho
em ame mais no mundo.

(A.)

ão por coração,
leixes de amar o meu,
que o meu coração
re foi leal ao teu.

(A.)

lteiros não têm preço,
do meu coração,
ha nada que os pague,
mais do que um milhão.

(ALG.)

u coração é teu,
é de quem tu queres,
prompta para t'o dar
de tu o teu me deres.

(A.)

coração é teu,
em toda a parte,
egar que não ver-te
orrer que deixar-te.

(A.)

4383 O meu coração é teu,
Já o deves entender,
Se o queres amar, ama-o,
Não o deixes padecer.

(D.)

4384 Nossos corações nasceram
Um para do outro ser,
Quem intentar separál-os
Perde o seu tempo por q'rer.

(A.)

4385 Meu amor, meu bem querido,
Enleio do coração,
Doce objecto dos meus votos,
E da minha adoração.

(A.)

4386 O' meu amor, meu amor,
O' meu amor, nada não,
Só tu vieste a dar vida
A meu mbrtal coração.

(A.)

4387 Suspira, meu bem, suspira,
Suspira, não tenhas medo,
Aqui 'stá meu coração
P'ra te tirar do degredo.

(A.)

4388 O encarnado ao longe luz,
O branco de noite alveja;
O meu coração, amor,
Ao pé do téu se deseja.

89 Eu amo-te, sem mau fim,
E' nobre minha paixão.
Sigo as leis da natureza,
Oiço a voz do coração.

(A.)

90 Coração, arriba, arriba,
Não queiras estar doente,
Poe-te á janella p'ra veres
Teu amor, que está na frente.

(A.)

91 Aqui tens meu coração
E a chave para o abrires,
Não tenho mais que te dar,
Nem tu mais que me pedires.

(A.)

92 Amôr do meu coração,
Meus suspiros são fataes,
Vem dar fim á minha vida,
Dar sepultura a meus ais.

(A.)

93 O coração, alma e vida,
Tudo, tudo eu já te dei,
Se tens tudo que me anima,
Como sem ti viverei?

(A.)

94 A palpitar em segredo
O meu coração me diz,
Que comtigo, cedo ou tarde,
Heide vir a ser feliz.

(A.)

4395 O meu coração palpita,
O palpitar é segredo,
Hei-de vir a ser feliz
Comtigo ou tarde ou cedo.

(A.)

4396 Anda cá, se queres ver,
O que tenho no sentido,
Na memória retratado,
No coração applaudido.

(A.)

4397 Os nossos dois corações
Sempre unidos hão de estar,
E' um nó tão venturoso,
Que o não quero desatar.

(A.)

4398 Se tu suspiras, suspira
Cá dentro o meu coração,
Se tu choras também choro,
Vê lá se te amo, ou não.

(A.)

4399 Aldeia de Vaimonte,
Lá no fundo moro eu;
Já não é de ontem nem de hoje
Que o meu coração é teu.

(A.)

4400 Tenho-te muita amisade,
Amor do meu coração,
Se fôr da tua vontade,
Has-de vir p'r'á minha mão.

(A.)

01 Tenho-te muita amizade,
Amor do meu coração,
Se por Deus é apartada,
Vou a morrer de paixão.

(A.)

02 Amor do meu coração,
Tenho-te muita amizade
Se não logro os teus carinhos,
Não captivo a liberdade.

(A.)

03 Amor do meu coração,
Não me percas a amizade,
Se te quero bem ó não
O meu travesseiro o sabe.

(A.)

04 Anda cá, meu bago d'oiro,
E minha renda engommada,
No ventre da tua mãe
Já meu coração te amava.

(A.)

05 O meu coração
Dera de penhor
A quem me trouxera
Aqui meu amor.

(A.)

06 Ailé,
O meu coração
Vae de boamente
Lá p'r'á tua mão.

(A.)

4407 Ailé,
O meu coração,
Se não logra o teu,
Morre de paixão.

(A.)

4408 Aile,
Hei de te dar
O meu coração,
Has de o estimar.

(A.)

4409 Anda cá, meu bem,
Que te quero dar
O meu coração,
Que é prenda leal.

(A.)

4410 Meu bem, meu bem,
Segura, tem mão,
Vem devagarinho
P'r'ó meu coração.

(A.)

4411 Ailé,
Coração, patente,
Cheio, d'alegria,
Para toda a gente.

(A.)

4412 Ailé,
Meu ceração
Vae brinca, brinca,
Para a tua mão.

(A.)

4413 Tens cintura delicada,
Não sei como não quebraes,
E's a rainha das flores,
Não desfazendo nas mais.

(A.)

4414 Delicada da cintura,
Como tu ninguem a tem,
Com um pé bem pequenino,
Que te fica mesmo bem.

(A.)

4415 Fui fazer uma caçada
Ao largo de Areinho,
Só para ver se caçava
O ladrão do teu corpinho.

(D.)

4416 Amanhã, por esta hora,
Onde estará o meu corpo?
Estará n'esses teus braços,
Ou na sepultura morto.

(D.)

4417 Meu amor não *atreceis*
De me dar a tua mão,
Dá me os teus braços, que em troca
Te off'rec'rei meu coração.

(A.)

4418 Saudades te persigam
Que te não possas valer,
De tão alto cáias tu
Que aos meus braços venhas ter

(A.)

4419 Não posso viver sem ti,
Nem tu, meu amor, sem mim,
Anda, amor, para os meus braços,
Vira-te cá para mim.

(A.)

4420 Anda cá para os meus braços,
Se tu vida queres ter,
Os meus braços dão saude
A quem 'stá para morrer.

(A.)

4421 Anda cá para os meus braços,
V'rás a vida que te eu dou,
Não queiras viver captiva
D'essa mãe que te criou.

(A.)

4422 Fui um dia a passear,
Com o cestinho no braço,
Encontrei o meu amor,
Ai Jesus não sei que faço!

(A.)

4423 Eu queria e inda quero,
Eu q'ria, tornava a q'rer,
Nos braços do meu amor
Eu sempre poder viver.

(A.)

4424 Os braços do meu amor
Apertam-me com paixão,
Sobe-me a côr ao rosto,
Palpita-me o coração.

4425 A rua direita é estreita
E toda feita a compassos;
Qual será o venturoso
Que te irá cair nos braços!

(A)

4426 Qual será o dito dia,
Para nós tam desejado,
Que me veja nos teus braços
Com laços de amor fechado?

(A.)

4427 Se eu tivera um bom marido,
Um rapaz bem comportado,
Haviam gostar de ver-me
Com elle de braço dado.

(A.)

4428 Desejas morra na forca
Meu crime não é de morte,
Se teus braços forem forca,
Não se me dá que me enforquem.

(D.)

4429 Os braços do meu amor
São mesmo uma perfeição,
São duas grossas cadeias
Que prendem meu coração.

(A.)

4430 O sangue das tuas veias
Gira no meu coração,
Se os teus braços são cadeias,
Eu já me entrego á prisão.

(A.)

4431 Bastas vezes tenho escripto
Que te quer' do coração,
Na cadeia dos teus braços
Eu quero ter a prisão.

(A.)

4432 Quando meus olhos te viram,
Meu coração te adorou,
Na cadeia dos teus braços
Minh'alma presa ficou.

(A.)

4433 As cadeias dos meus braços
São as que te hão de prender;
Vou á serra armar um laço,
Alguem hade cahir n'elle.

(A.)

4434 Recostei-me nos teus braços,
Oh que encosto tão galante!
Fiquei presa nos teus laços,
Na cadeia dos amantes.

(A.)

4435 Ai, Jesus, valha-me o céo!
Não sei que céo hade ser,
Valha-me o céo de teus braços,
Que n'elles hei de morrer.

(A.)

4436 Vae-te já d'aqui embora,
Nam me venhas a tentar,
Que me 'stás dando enganações,
De comtigo me abraçar

(A.)

4437 Se eu soubera, amor,
Que me eras leal,
Ó sangue do braço
Te havia de dar.

(A.)

4438 Aperta-me, amor, aperta-me,
Aperta-me a minha mão,
Que estes apertos me dizem:
Quer' te bem do coração.

(A.)

4439 Aperta-me a minha mão
'Té que me estalem os dedos;
Como queres que eu te ame,
Se eu não sei os teus segredos?!

(A.)

4440 Aperta-me a minha mão,
Que é um sinal encoberto,
Antes que o mundo murmure,
Ninguem o sabe de certo.

(A.)

4441 Aperta-me a minha mão,
'Té que diga—deixa já;
Quem mais aperta, mais quer,
Quem mais quer, mais firme está.

(A.)

4442 Aqui t-ns a minha mão,
Ajunta-a palma com palma,
Domina o meu coração,
Toma posse da minh'alma.

(A.)

4443 Quando a minha mão apertas
Sem que os outros possam ver,
Toda me ponho vermelha,
Não 'stejam a conhecer.

(A.)

4444 O' minha bella menina,
Ponha aqui a sua mão,
Ouvirá as pancadinhas
Que dá o meu coração.

(A.)

4445 Hei de retratar meu bem,
Na palma da mão direita,
Pára sempre ter á vista
Esta açucena bem feita.

(A.)

4446 Trago-te na mão pintado,
No coração *escrevido*,
Na memória retratado,
No centro d'alma mettido.

(A.)

4447 Minha palavra está dada
Para te amar com primor,
Minha mão 'está preparada
Para dar ao meu amor.

(A.)

4448 Lindo pé, linda pégada,
Lindo passear de brio,
Linda trança de cabello
Tral-o amor a cotio.

4449 Que lindo pé que tu tens,
E deixa ver, impostora!
Não me enganas, esses pés.
São de fada, sim senhora.

(A.)

4450 Puz o pé na veia ardente,
E puz-me a amar com fervor,
Ai Jesus, que eu já não posso,
Estou captiva do amor!

(A.)

4451 Quem me dera que dissessem:
Além vae o seu amor;
Eu não andava, voava,
Corria como o vapor.

(A.)

4452 Minha saia de paninho
Tem pospontos nas bainhas;
Inda espero de ajuntar
As tuas mãos com as minhas.

(A.)

4453 Tenho uma saia de chita
Toda cheia de *felores*,
Para domingo vestir
Quando vieres, amor.

(A.)

4454 Que linda chambra encarnada
Que eu trago no meu corpinho;
Estou louca de contente
De lograr os teus carinhos.

(A.)

4455 Minha amada é camponez,
Eu tambem camponez sou,
E' como a chita franceza,
Da primeira que se usou.

(A.)

4456 Toda a vida trouxe e trago
Fita verde no colete;
Agora trago-te a ti,
Servindo de ramalhete.

(A.)

4457 Quem me dera ser tabaco,
De papel o ramalhete,
Para andar arrecadada
No bolso do teu collete.

(A.)

4458 Que bella cinta encarnada
Que traz aquelle pimpão!
Quem me dera a fôrma d'ella,
E a cinta viera ou não.

(A.)

4459 O' José aperta a cinta,
Manoel alarga a manta;
Em quanto não fores minha,
A minh' alma não descança.

(A.)

4460 Trazes gorro á Borda d'agua;
Bordado de linhas pretas,
A menina que o bordou
Fazia as cozas bem feitas

61 Meu amor, nas tuas costas
Todo o fato assenta bem,
Todas gostam de te ver,
Eu então mais que ninguem.

(A.)

62 Não me namora o teu trajo,
Nem a tua formosura,
Namora-me o teu socego,
Que é o que um homem procura.

(A.)

63 Não me namora o teu fato,
Nem o teu palavriado.
Namoro um homem pacato,
Que é o que á mulher 'stá dado.

(A.)

64 Manoel é panno fino,
Trago-o na minha algibeira,
Atado á minha cintura
Com uma fita estrangeira.

(A.)

65 Eu trago um laço de fita
Fechado na minha mão;
O mundo não acredita
Que é meu o teu coração.

(A.)

66 Muito bonita é a chita,
Amor, do teu avental;
E's a cara mais bonita,
Que passeia em Portugal.

(A.)

4467 Trazes sais sôbre sais,
Unidinhas á cintura;
Pareces filha dum rei,
Deus te dê boa ventura..

(A.)

4468 Menina de saia branca,
Do avental encarnado,
Bem parece uma santinha
Que está no altar sagrado.

(A.)

4469 Bella toalha de medina,
Estendidinha a *córar*,
A mocinha que a levou
Quem m'a dera para amar!

(A.)

1470 Lá de longe me mandaram
Uma camisa bem feita,
O nome do meu amor
Vinha na manga direita.

(A.)

4471 Quem me dera ser retroz,
Ou linha de toda a côr,
Para andar junto ao teu peito
Servindo de atacador.

(A.)

4472 Se eu tivesse a liberdade,
Amor, quem tem o paninho,
Andaria ao teu pescoço
Servindo de collarinho.

73 Quem tivera a liberdade
Que tem o panno de linho,
Que 'stava n'esse teu peito
Servindo de collarinho.

(D.)

74 Trazeis collete de linho,
Todo feito á peralta,
Quem me dera a fôrma d'elle
Pano de linho não falta.

(D.)

75 Andaes vestido d'azul,
Andaes á minha vontade,
Bem haja quem nos criou
Para tanta honestidade.

(B. B)

76 Andas vestida d'azul
Andas á honestidade,
E' a côr que dá ao mundo
O signal da virgindade.

(E.)

77 Andas vestido d'azul
Trajo de toda a semana,
Lá virá êsse domingo,
Que vistas á castelhana.

(A.)

78 Um vestido azul ferrete
Dei eu já ao meu amôr,
Porque ás moças trigueirinhas
Fica bem aquella côr.

(A.)

4479 Hei-de me vestir de branco,
De côr de rosa é ternura;
Já fui amada d'um anjo,
Sempre Deus me deu ventura.

(A.)

4480 Andas vestida de luto,
E' côr da honestidade,
Andas ao gosto do mundo,
Tambem á minha vontade.

(A.)

4481 Andas vestida de luto,
Pareces hospitaleira;
Se um dia cahir doente,
Has-de ser minha enfermeira.

(A.)

4482 Dizem que o preto que é luto,
Eu acho que é gravidade,
Deixa-te andar, meu amor
Que andas á minha vontade.

(A.)

4483 Dizem que o preto que é luto
Gala lhe chamarei eu,
Que de preto anda vestido
Um amor que Deus me deu.

(A.)

4484 Dizeis que o preto que é feio,
O preto é 'ma linda côr,
O preto é com que eu escrevo
Cartas ao meu lindo amor.

(B.)

85 Muito bem que diz o preto
Ao pé do branco lavado;
Muito brilha uma menina
Ao pé do seu namorado.

(A.)

86 Menina do lenço preto,
Diga-me quem lhe morreu,
Se lhe morreu pae, ou mãe,
Pela filha, morro eu.

(B. B.)

87 Menina do amarello,
E do encarnado ao peito,
Desejava que houvesse guerra,
P'ra p'lejar por seu respeito.

(A.)

88 Menina do amarello,
Diga-me quanto custou,
Que me quero vestir d'elle,
Já que tanto me agradou.

(D.)

89 Tu trazes laço encarnado,
Trazes a guerra em teu peito,
Não se me dá de ir á guerra,
Sendo ella por teu respeito.

(A.)

90 O encarnado *escreluz*,
O branco de noite alveja;
Tambem o meu coração
Ao pé do teu se deseja.

(A.)

4491 Trazeis collete *burmêlho.*
Dórredór do coração,
Quando te vi o collete
Desejava ser cordão.

(M.)

4492 O' colletinho encarnado,
Forradinho de nobreza,
No meio do caseado
Tenho eu minh' alma prêsa.

(A.)

4493 Meu amor é um pimpão,
Usa botões no barrete,
Traz uma cinta encarnada,
E traz gôrro azul ferrête.

(A.)

4494 Encarnado, encarnado,
Quem o usa faz figura,
Quem me dera já chegar
A sêr d'essa altura

(A.)

4495 Ainda vestido de verde
Dos pés *inté* á cintura.
Oh quem fôra jardineiro,
Que regara essa verdura!

(A.)

4496 O verde dizem que é esperança
Vingativo o amarello,
Eu não te amo por vingança,
Mas sim pelo que te quero.

(A.)

497 Mal-o haja quem te deu
Fita verde p'r'ó chapeu,
Que te queria eu dar
Uma azul, da côr do ceu

(A.)

498 Semeei o verde n'agua,
O encarnado na areia,
O rôxo n'esse teu peito,
Na mais delicada veia.

(A.)

499 O' meu lencinho encarnado,
Que me deu o meu amor,
Quero tanto ao meu lencinho
Por causa daquela côr.

(A.)

500 O' meu lencinho encarnado,
Não percas a linda côr,
Que eu tambem não quer' perder
Amizade ao meu amôr.

(A.)

501 Muito gosto do teu lenço,
Com cercadura no meio!
Se muito me agrad'*ó* lenço,
Muito mais o *tê* paleio.

(A.)

502 O meu amor deu-me um lenço
Feito em dois corações;
Ainda hoje me não 'squecem,
Amor, as tuas razões.

(A.)

4503 As letrinhas do meu lenço
São feitas do teu cabello
Por mais que o veja e reveja,
Nunca me farto de vel-o.

(A.)

4504 Nas pontinhas do meu lenço
Tocaram mãos do meu bem
Gosas, feliz, essa dita,
Já que meu peito a não tem.

(ALG.)

4505 Defronte da tua porta
Fiz signal com um lenço,
Não te vi não te falei,
Falar-te hei no S. Lourenço.

(T. M.)

7506 Quem no peito o amor sente
Não o pode disfarçar,
N'este lenço te confesso
Quanto sab'rei te eu amar.

(A.)

4507 Eu q'ria ás horas da séstа
Ser o teu lenço d'amor,
Para enxugar o teu rosto
Nas horas de mais calor.

(A.)

4508 Se algum dia a cruel sorte,
Me apartar dos olhos teus,
Com o teu lenço, de longe,
Dá-me, amor, eterno adeus.

(A.)

4509 Assim como n'este lenço
Os fios unidos 'stão,
Assim 'stivera a tu'alma
Unida ao meu coração.

(A·)

4510 O teu lenço mais o meu
Ambos são da mesma peça;
Eu conheço o meu amor
Ó longe pela conversa.

(A)

4511 O meu lenço e o teu lenço
Ambos são da mesma côr;
Eu ao longe bem conheço
As falas do meu amor.

(A,)

4512 O lenço que tu me deste
Trago o eu sempre no seio,
Com medo que me perguntem
D'onde este lenço me veio.

(A.)

4513 O' meu lencinho de seda,
Bordadinho d'algodão;
De tantos amor's que eu tive,
Só me mereces paixão.

(A.)

4514 A' sua porta, menina,
'Stá um lenço d'algodão,
Todos passam, não se prendem,
Só eu fiquei na prisão.

(A.)

4515 Tenho um lencinho de seda,
D'aquella mais sup'rior,
Que me deu o meu rapaz,
Só pára mim tem valor.

(A.)

4516 Eu tenho um lenço de seda
Bordado no bastidor,
Ninguçm o põe na cabeça
Senão eu, mais meu amor.

(A.)

4517 Ailé,
O' amor immenso,
Para te assoares
Aqui tens meu lenço.

(A.)

4518 Ailé,
Eu quero, eu quero,
Amar a menida
Do lenço amarello.

(A)

4519 Trazeis chapeu á vareira,
Por baixo lenço riscado,
Ainda mais por baixo andam
Olhinhos do meu agrado.

(M.)

4520 Antonio merece tudo,
Fita verde no chapeu.
Quem toma amor's com Antonio
Tom' amor's com Deus do ceu.

(A

4521 O meu amor não é este,
E' outro mais *chabantão*,
Fita branca no chapeu
Chegam-lhe as fitas no chão.

(T M.)

4522 Adeus, que me vou embora,
Para o monte do Barranco;
Muito gosto eu de vêr
Meu amor de chapeu branco.

(A.)

4523 O' minha pombinha branca,
Que é da fita do chapeu?
—Tenho-a na minha gaveta,
O' meu seraphim do ceu.

(A.)

4524 Lá vem o meu bem abaixo,
En pelo andar o conheço,
Traz o chapeusinho á banda,
E o capote do avesso.

(A.)

4525 Meu amor não é aquelle,
Era outro mais galante,
Fita preta no chapeu,
De luto pela amante.

(A.)

4526 Meu amor não é aquele,
Era outro mais *chiquinho*,
Fita branca no chapeu,
De luto no colarinho.

(A.)

4527 Chapeu de meia moeda
Traz o meu bem na cabeça;
Não há nada neste mundo
Que o meu bem não mereça.

(A

4528 O' rapaz do chapeu alto
Bem o podes redondar,
Debaixo d'esse chapeu
Tens olhinhos de enganar.

(A.)

4529 Chapeu novo, redondinho,
Diz bem n'um homem casado,
Melhor diz n'um solteirinho
Com acções de namorado.

(A.)

4530 O annel que tu me deste,
Nem o dei, nem o vendi,
Tenho-o dento do meu peito,
Assim te eu tivera a ti,

(A.)

4531 O annel que tu me deste,
O' Manoel, lavrador,
E'-me largo no meu dedo.
E apertado no amor.

(D.)

4532 O annel que tu me deste,
No domingo do Senhor,
Fica-me largo no dedo,
E justinho no amor.

(A.)

4533 O annel que tu me deste
Trago-o no dedo mendinho,
Cada vez que tu me lembras
No annel dou um beijinho.

(D.)

4534 Ahi vem meu bem
Feito *bul bul*,
Chapézinho ó lado,
Casacão azul.

(A.)

4535 Ailé,
Debaixo do céo,
Conheço o meu bem
No pôr do chapéo.

(A.)

4536 Muito bem te diz.
Saia e roupinha,
Melhor te dissera
Se tu foras minha.

(A.)

4537 Ailé, ailé,
O' meu bem amado,
Na tua cintura
Brilha o encarnado.

(A.)

4538 Ailé,
No monte da quinta,
Conheço o meu bem
Pelo pôr da cinta.

(A.)

4539 Ailé,
António, meu mano,
Muito bem te diz
Collete de panno.

(A.)

4540 A minha rua é jardim,
As visinhas são as rosas.
E eu por ser jardineiro,
Escolhi a melhor rosa.

(A.)

4541 Quando na rua te encontro,
Ao rôsto me sobe a côr,
Inda que eu queira, não posso
Negar que te tenho amor,

(A.)

4542 Aqui nesta rua mora,
Aqui n'esta rua está,
Quem me a mim tira o descanço
Co'as palavras que me dá.

(A.)

4543 Aqui n'esta mesma rua,
Aqui n'este canto, canto,
Mora a mãe do meu amor,
A quem eu venero tanto.

(A.)

4544 Quando passas pela rua,
Os meus olhos em ti vão,
Quando olhas com ternura
Choro sem consolação.

15 A rua do meu amor,
E' bonita na verdade,
Por lá passeiam dois olhos,
A que guardo lealdade.

(A.)

16 O' rua das Caldeirinhas,
P'ra baixo, p'ra cima não.
Para baixo vão os meus olhos,
P'ra cima meu coração.

(A.)

17 Ai que rua tão comprida
Para mim que sou rapaz!
Os olhos vão adeante,
O sentido fica atraz.

(A.)

18 Pela rua vae passando
Quem me a mim tira o dormir,
Se elle é casado ou solteiro,
Não o quero eu descobrir.

(A.)

19 Esta rua não tem nome,
Hei de lh'o agora pôr,
E' a rua das esquinas
Onde mora o meu amor.

(A.)

20 Esta rua não tem nome,
Hei de lh'o mandar a pôr,
E' a rua da inveja.
Onde passa o meu amor.

(A.)

4551 Pela minha rua acima
Lindas palmas vão batendo,
E' o meu galante amor
Que a casa vae recolhendo.

(A.)

4552 A guitarra vae na rua,
Perto vae o tocador,
Menina chegue á janella,
Se quer ver o seu amor.

(E.)

4553 A viola vae na rua,
O tocador a pé vae,
Menina venha á janella,
Que o seu amor aqui vae.

(B. B.)

4554 Adeus rua das Parreiras,
Mais abaixo moro eu,
Já não é de hontem nem de hoje
Que meu coração é teu.

(A.)

4555 Passei pela tua rua,
Meu coração se assustou,
Prantei os olhos em terra,
Toda a gente reparou,

(A.)

4556 O' bella rua dos P'reiras,
Convento dos Agostinhos,
Quem me dera ter maneiras
P'ra lograr os teus carinhos.

4557 Fui um dia passear
Até á 'squina da praça,
Vi uma janella aberta
Que até aos cegos dá graça,

(A.)

4558 As telhas do teu telhado,
E os ladrilhos do meu chão,
E' que te podem dizer
Se eu te quero bem oú não.

(A.)

4559 Esta noite, á meia noite,
A' meia noite seria,
Ouvi cantar meu amor
Aos cantos da Mouraria.

(A.)

4560 O meu amor é da villa
Mora por trás da cadeia,
Mais val' um amor da villa
Que vinte cinco da aldeia.

(E.)

4561 As telhas do teu telhado,
As mais d'ellas têm virtude
Passei por ellas doente,
Logo me deram saude.

(A.)

4562 Ailé,
Rua d'Abebreira,
Aonde eu tenho
A minha cegueira

(A.)

4563 Ailé,
Rua da Cadeia,
Todo o meu sentido
Para lá *vareia*.

(A.

4564 Ailé,
Rua da Rainha,
Rua do meu bem,
E' egual á minha.

(A.

4565 Da minha janella á tua
E' uma légua medida,
Do meu coração ao teu
E' uma estrada seguida.

(T. M.

4566 Da minha janella á tua,
E' 'ma vara bem medida;
Do teu coração ao meu
E' uma estrada seguida.

(A.

4567 Da minha janella á tua,
Do meu coração ao teu,
E' uma estrada seguida,
O passeador sou só eu.

(A.)

4568 Da minha janella á tua,
Do meu coração ao teu,
Devia andar um navio,
O navegante ser eu.

569 Da minha janela á tua,
Do meu coração ao teu.
Terá de andar um barquinho,
O barqueiro serei eu.

(T. M.)

570 M'nina que está á janella,
Quizera ser o seu leito,
Só para a ver debruçada
No peitoril do meu peito.

(M.)

571 Janellas avarandadas
Só o meu amor as tem,
Tenh'as êlle, o meu amor,
Não as tenha mais ninguem.

(T. M.)

572 Janellas avarandadas
Só o meu amôr as tem,
Hei-de mandar fazer uma
Avarandadas tambem.

(A.)

573 Janellas para o deserto
Só o meu amor as tem,
Hei-de mandá-las fazer
Para o deserto também.

(A.)

574 Janellas avarandadas!
Mora ali algum morgado!
Mora ali o meu amor,
Que p'r'áqui veio degredado.

(A.)

4575 Janellas sobre janellas,
Janellas sobre um balcão,
Sobre o balcão uma rosa,
E sobre a rosa um botão.

(A.)

4576 Tira-te dessa janella,
Cara linda bexigosa,
Cada bexiga é um cravo,
Cada signal uma rosa

(ALG.)

4577 Janella de pau de pinho,
E' bonita e é bom traste,
Lindos olhos encobriste
Quando agora te fechaste.

(A.)

4578 Oh que janellas tão altas!
Mais alto vae meu intento;
Quem me dera pôr os olhos
Onde tenho o pensamento.

(A.)

4579 Oh que janella tão alta!
Oh quem lá há de subir!
Quem lá tem os seus amores.
Que há de fazer, se não ir!

(D.)

4580 Das janellas do meu pae
Vejo eu as do meu sogro,
Quem bem me ouvir, bem me ou
Não é pelo pae que eu morro.

(A

31 Das janellas de meu pae
Vejo eu as do meu sogro,
Não é pelo pae que eu choro
Pelo filho é que eu me morro.

(A.)

32 Oh menina da janella,
Deita p'ra cá um sorriso,
Dás-me, assim, se tu quizeres,
A chave do paraizo.

(A.)

33 Assoma a essa janella.
Em que te venhas vestindo;
As maçãns desse teu rosto
São rosas que vão abrindo.

(A.)

34 Acorda se estás dormindo,
E vem a pôr-te á janella
Para veres a quem te ama,
Minha adorada donzella.

(A.)

35 Os vidros d'essa saçada
São uns vidros d'encantar,
Bem de longe és conhecido
Quando andas a jogar.

(A.)

36 Quando passo á tua porta
Os meus olhos a ti vão,
E se me olhas com ternura
Chóro sem consolação.

(A.)

4587 Passei pela tua porta,
Acenaste-me, eu entrei,
Em troca dos teus afagos
Mil abraços eu te dei.

(A.)

4588 Quando me passar's á porta
Co' o capote do avesso,
Se me não vir's á janella,
'Scarra, que eu bem te conheço.

(A.)

4589 A's tres portas ao cantinho
Mora a minha namorada,
Cara linda, n'esta terra,
Não há outra comparada.

(A.)

4590 Não passes á minha porta,
Não olhes p'r'ó meu telhado;
Se fôras vinho do Porto,
Já te tinha engarrafado.

(A.)

4591 Aqui estou á tua porta
Como um feixinho de lenha,
Esperando p'la resposta
Que da tua mão me venha.

(A.)

4592 Passei pela tua porta,
Puz o pé, achei firmeza,
Acorda se estás dormindo,
Coração de uma princeza.

(A.

93 Amores ao pé da porta
Tomara eu sempre ter,
Antes que a bocca não fale,
Os olhos gostam de ver.

(A.)

94 Passas pela minha porta
A toda a hora do dia,
Eu em te amar faço gosto,
Em te ver tenho alegria.

(A.)

95 Esta noite sonhei eu
Que te estava dando beijos.
Acordei, achei-me só,
Tive dobrados desejos!

(A.)

96 Esta noite sonhei eu
Que te estava dando beijos,
Acordei, achei-me aó,
Mal o hajam taes desejos!

(A.)

97 Toda esta noite sonhei
Cuidando que te beijava,
Acordei beijando o chão,
Apalpei, não achei nada.

(A.)

98 Esta noite sonhei eu
Que te estava dando abraços,
Acordei, achei-me só,
Mal o hajam sonhos falsos!

(B.)

4599 Esta noite sonhei eu
Que tu 'stavas a meu lado,
Acordei achei-me só,
Tive cuidados dobrados.

(A.)

4600 Esta noite, e em dois sonhos,
Nos meus braços te apertei,
Mas era sonho e fugiu
De manhã, quando acordei.

(A.)

4601 Esta noite sonhei eu,
Contigo minha lindeza,
Acordei, achei-me só . . .
Em sonhos não há firmeza.

(D.)

4602 Esta noite sonhei eu
A outra sonhado tinha,
Que estava na tua cama,
Acordei, 'stava na minha.

(D.)

4603 Esta noite sonhei eu,
A outra sonhado tinha,
Que tu 'stavas nos meus braços
Muito bem apertadinha.

(A.)

4604 Esta noite sonhei eu,
Sonhei, oh, que não t'o digo!
Sonhei que na tua cama
'Stava dormindo comtigo.

(A.)

4605 Esta noite sonhei eu
Um sonho bem atrevido:
Que tinha na minha cama
A fôrma do teu vestido.

(A.)

4606 Esta noite sonhei eu
Mil coisas que te não digo,
Não se pode dizer tudo,
Em dizel-o há seu p'rigo.

(E.)

4607 Esta noite toda a noite,
Comtigo estive a sonhar,
Acordei, achei-me só,
Oh que triste despertar!

(A.)

4608 Esta noite sonhei eu
Comtigo, meu lindo amor,
Acordei, achei-me só,
Oh que sonho enganador!

(A.)

4609 Tendes dois olhos, menina,
Postos na fórma da lei,
E eu que tanto vos quero,
Até com elles sonhei.

(M.)

4610 Lindos sonhos, lindos sonhos,
A' noite quando me deito!
Lindo cravo, lindo rosa,
Oh meu lindo amor perfeito;

(D.)

4611 Esta noite, á meia noite,
Comtigo sonhando estava,
Que te unia ao meu peitinho
E mil abraços te dava.

(A.)

4612 O teu peito é um altar
Aonde eu vou ouvir missa,
Teus olhos são duas velas
Que 'stão req'rendo justiça.

(A.)

4613 No domingo fui á missa,
E com grande devoção,
Mas logo dei á entrada,
Com os olhos em ti, João.

(A.)

4614 Vestido d'azul e branco,
Vae o meu amor á missa.
Joêlha á porta travessa,
Fica-me ao correr da vista.

(B. B.)

4615 O' trigueirinha engraçada,
Todo o mundo te cobiça!
No domingo na igreja,
Quem te vê não ouve missa.

(A.)

4616 Para domingo que vem
Hei-de ir á missa do dia,
Quero ver o meu amor
A' porta da sacristia.

17 Cada vez que vou á missa,
No adro faço reparo,
Olho para toda a gente.
Só tu és do meu agrado.

(B A.)

18 Cada vez que vou á missa,
No adro faço parada,
Vejo tanta cara linda,
Só a tua é que me agrada.

(A.)

19 Cada vez que vou á missa,
E no adro te não vejo,
Enchem-se-me os olhos d'água,
Fico cega, nada vejo.

(B. A.)

20 Cada vez que vou á missa,
Eu ajoelho entre os bancos,
Co' os olhos no meu amor,
Não faço caso dos santos.

(A.)

21 Cada vez que vou á missa,
Faço reparo cá fóra,
Vejo muita cara linda,
Só a tua me namora.

(A.)

22 Se fô-es domingo á missa,
Não olhes para o telhado,
Olha para o meu collete
Se anda bem apparelhado.

(D.)

4623 Da minha alma fiz egreja,
Do teu coração altar,
Do meu peito fiz columna,
Meu amor, p'ra te adorar.

(A.)

4624 Do meu peito fiz tribuna,
Do teu coração altar,
Da minha alma fiz egreja,
Meu amor p'ra te adorar.

(A.)

4625 Quando vou á missa
Olho para os bancos,
Se vejo o meu bem
Não venero os santos.

(A.)

4626 O' Rosa, parte comigo,
Pede licença a teu pae,
Que teu pae é meu amigo,
Logo te diz: Rosa vae.

(A.)

4627 O' Rosa, parte comigo,
Pede licença a teu pae,
Se elle te disser que não,
A' janella dá um ai.

(A.)

4628 O' Rosa, parte comigo,
Deixa ficar a roseira,
Olha que esta noite chove,
Rosa molhada não cheira.

(A.

4629 O' Rosa, tu és ditosa
Se vieres p'r'à minha mão,
Se tu fôres p'r'á mão d'outrem
Ou serás ditosa, ou não.

(A.)

4630 O' Rosa de Jericó,
Vai-te deitar a dormir,
Que eu não quero vêr penar
A quem hei de possuir.

(D.)

4631 Que lindo botão de rosa
Que aquella roseira tem!
Debaixo não se lhe chega,
Acima não vae ninguem.

(T. M.)

4632 Não posso viver sem ti,
Nem tu, meu amor, sem mim!
Anda cá m'nha rosa branca,
Queravo do meu jardim.

(A.)

4633 Tendes dois olhos na cara,
Que parecem dois foguetes,
Por dentro são duas rosas.
Por fora dois ramalhetes.

(D.)

4634 Minha cunhada é 'ma rosa,
Minha sogra é uma flor,
O meu sogro é um *queravo*,
Que fará o meu amor!

(A.)

4635 Eu tenho um amor em Borba.
E outro em Villa Viçosa,
E tenho outro em Portalegre,
Que é como a folha do rosa.

(A.)

4636 Não quero que me dês nada,
O' minha rosa em botão!
Quero só que tu me roubes
Do peito o meu coração.

(A.)

4637 O' minha rosinha branca!
Toda a gente te quer bem!
Nunca tens 'ma má razão
Para dares a ninguem

(A.)

4638 O' bella rosa encarnada!
Como tu nenhuma cheira!
Por ti se salvam as almas,
E a minha seja a primeira.

(A.)

4639 M'nha rosa d'Alexandria!
Meu cravo d'estimação!
Eu prometo de ser tua,
Ó tu me queiras ó não.

(A.)

4640 O' rosa d'Alexandria,
Que primeiro fôste botão,
Foste nascida e criada
Dentro do meu coração.

(A.)

4641 Já fui roseira cahida,
Três annos 'stive no chão,
De todas fui esquecida,
Só do meu amor não.

(A.)

4642 Abaixa-te cá, roseira,
Quero colher uma rosa,
Das tres a mais pequenina,
E das quatro a mais formosa.

(B. B.)

4643 Ailé, ailé,
O' rosa, rosinha,
A poder de tempo
Inda has de ser minha.

(A.)

4644 Antoninho, cravo roxo,
Tu não vás ao meu quintal,
Que te querem dar um tiro,
Não te posso vêr matar.

(B. A.)

4645 Antoninho, pé de goivo,
Dizes que te não mereço,
Quantas folhas tem o goivo
Tantas penas eu padeço.

(A.)

4646 Antoninho, pé de cravo,
Manoel, pé de cereja,
Antoninho sempre, sempre,
Manoel nunca te veja.

(D.)

53 Francisco, cravo vermelho,
Serpão da minha varanda,
Caixinha de meus segredos,
Onde o meu coração anda.

(T M.)

54 Eu não gosto de Francisco,
Que amarga com'ó trovisco,
Gosto mais de Manuel,
Que é nome de Jesus-Cristo.

(A.)

55 Francisquinho, pé de goivo,
Se te colhem morrer i,
Peço-te que não descubras
O que comtigo passei.

(A.)

56 Francisco, cacho d'uvas,
Oh! quem te depenicára!
De baguinho em baguinho,
Nem um bago te deixara.

(D.)

57 Joaquim, mólho de *querápos*,
Ao longe vae rescendendo,
Da palavra que te dei
'Stou firme, não me arrependo.

(A.)

58 O' Joaquim, ó Joaquimsinho,
Corpinho de ramalhete,
Muito bem me estão par'cendo
Os botões do teu collete.

(A.)

4647 O' Antonio, maçã verde,
Filho da mãe *maçaneira*,
Não te cases tu, António,
Emquanto eu estiver solteira.

(A.)

4648 António, pinheiro verde,
Arvore de todo o v'rão,
Cadeado do meu peito,
Chave do meu coração.

(D.)

4649 Antonio é almofariz,
Onde se pisam as flores,
Digam lá o que disserem,
Antonio são os meus amores.

(A.)

4650 Antonio, ó lindo Antonio,
O' lindo Antonio, decerto,
Tu és o mais lindo cravo
Que o craveiro tem aberto.

(D.)

4651 Cravo vermelho—Antonio,
Da janella da botica,
Vós que não falaes commigo
E' porque alguem vos quita.

(T. M.)

4662 Carlos, meu lindo Carlos,
Ramiinho de amor perfeito,
Linda joia preciosa
Que eu trago dentro do peito.

(A.)

53 Francisco, cravo vermelho,
Serpão da minha varanda,
Caixinha de meus segredos,
Onde o meu coração anda.

(T M.)

54 Eu não gosto de Francisco,
Que amarga com'ó trovisco,
Gosto mais de Manuel,
Que é nome de Jesus-Cristo.

(A.)

55 Francisquinho, pé de goivo,
Se te colhem morrer i,
Peço-te que não descubras
O que comtigo passei.

(A.)

56 Francisco, cacho d'uvas,
Oh! quem te depenicára!
De baguinho em baguinho,
Nem um bago te deixara.

(D.)

57 Joaquim, mólho de *querápos*,
Ao longe vae rescendendo,
Da palavra que te dei
'Stou firme, não me arrependo.

(A.)

58 O' Joaquim, ó Joaquimsinho,
Corpinho de ramalhete,
Muito bem me estão par'cendo
Os botões do teu collete.

(A.)

4659 O' José, cabello loiro,
Penteado ó deserto,
Tu és o mais lindo cravo
Que a craveira tem aberto.

(A)

4660 O' José, ó Joséssinho,
Todos te chamam moreno,
Só te eu chamo cravo branco,
Pela paixão que te tenho.

(D.)

4661 O' José, craveiro fino,
Vaso da minha varanda,
Caixinha dos meus segredos,
Onde o meu sentido anda

(A.)

4662 José é almofariz
Onde se pizam os cravos,
Ande lá por onde andar,
José são os meus cuidados.

(A.)

4663 O' José, folha de cravo,
Ao longe vae rescendendo,
Já disse e ainda te digo:
Sou firme, não me arrependo.

(A.)

4664 Todos os Josés são varios,
Franciscos extravagantes,
Manoeis folhas de rosa,
Antónios fieis amantes.

65 Manoel, ó Manoel.
Boca de cravo, falae-me,
Se me não falas verdade
Manuel, desamparae-me.

(D.)

66 Manoel é cacho d'uvas,
Vamo-l'o *depinicar*,
Que é amigo das cachopas,
Sua mãe *quê-l'o* matar.

(D.)

67 O meu amor é um cravo,
A' craveira o fui colher,
Para a craveira dar outro
Ha de tornar a nascer.

(D.)

68 O meu amor é um cravo,
Eu bem o soube escolher,
No jardim não 'stava outro,
Só se elle agora nascer.

(D.)

69 O meu amor é um cravo,
No craveiro fui 'scolhido,
Hei-de pôl-o á janella
N'uma garrafa de *vrido*.

(D.)

70 O meu amor é um cravo,
De tres que o craveiro deu,
Toda a gente tem inveja
De o melhor cravo ser meu.

(A.)

4671 O meu amor é um cravo,
Ninguem me diga mal d'elle,
Elle é do meu coração,
Eu sou do coração d'elle.

(D.)

4672 O meu amor é um cravo,
Eu sou uma rosa d'elle,
E dou por bem empregada
Minha mocidade n'elle.

(A.)

4673 O' meu *queravo* d'encanto,
Que assim me tens encantado,
Sou uma rosa brilhante,
Aqui me tens a teu lado.

(A.)

4674 O' meu cravo avelludado,
Desvelo do meu sentido,
No peito foste creado,
Em meu coração nascido.

(A.)

4675 O' meu *queravo* encarnado,
Hei de te mandar compôr,
Se d'antes não me eras nada,
Agora és o meu amor.

(A.)

4676 O' meu queravo em botão,
Tenho-te muita amizade,
Has-de vir p'r'á minha mão,
Se fôr da tua vontade.

4677 O' meu *gueravo* em botão,
Toda a gente te cobiça,
Se chegas á vir-me á mão,
Têm as almas uma missa.

(A.)

4678 O' cravo, vae-te deitar,
Não queiras passar má noite,
Vae dormir, vai descançar,
Que eu sou tua, não sou d'outre'.

(A.)

4679 O' cravo dãixa-te estar
Fechadinho no botão,
Se te levam p'r'á cidade,
Desfolham-te pelo chão.

(A.)

4680 Todo o mundo tem inveja
Que tu sejas meu amor,
Deixa lá falar quem fala,
Tu és cravo, e eu sou flôr.

(A.)

4681 Vejo-te tanto moroso,
Tão repêso no falar,
Só tu, ó meu lindo cravo,
Me poderás captivar

(A.)

4682 Erga o chapéu para cima,
Não o traga sempre ao lado,
Que quéro vêr á meu gosto
Essa boquinha de cravo.

(B. A.)

4683 O' meu rapaz, não me deixes,
Que eu não tenho quem me queira
Sou bonita e boa moça,
Nascida d'uma craveira.

(D.)

4684 Eu não pensei, não pensei.
Nem por sombra eu cuidava,
Que o craveiro do meu sogro
Tão lindos cravos deitava.

(A.)

4685 O meu amor é um cravo,
Rescende mais que o jasmim,
E dá por bem empregada
A sua mocidade em mim.

(A.)

4686 Já fui cravo, já fui rosa,
Já 'stive n'um alegrete,
Agora estou no teu peito,
Servindo de ramalhete.

(A.)

4687 Ailé,
Lá na do Mouro,
Meu bem amado
E' um cravo d'ouro.

(A.)

4688 O meu bem amado
E' um cravo branco,
E' o melhor moço
Que passei ao campo.

4689 Puz-me a amar quem nunca amára,
Nem tal sentido tivera,
Puz-me a amar o rei das flôres
No pino da primavera.

(A.)

4690 Eu amei quem nunca amara
Nem tal intento tivéra,
Eu amei o rei das flôres
No tempo da primavera

(T. M.)

4691 O' meu amor, meu amor,
Amor do meu coração,
O teu peito é um palmito
Chegam-te as *felores* ao chão.

(A.)

4692 A' roda da estrada nova
Vae um palmito d'enleio,
Em casa da minha sogra
E' onde está meu recreio.

(A.)

4693 Deus te dê 'ma boa tarde
Minha *felor* d'alecrim,
Nunca 'sp'rei de vir a ter
'Ma fortuna ao pé de mim.

(A.)

4694 O' minha assucena branca,
O' rosa do meu jardim,
Deus te dê uma saudade,
Te compadeças de mim.

(D.)

4695 O' minha assucena branca,
Pena de mangericão,
Tira-me d'esta ternura,
E dá-me o teu coração.

(D.)

4696 Anda cá, meu goivo rôxo,
Creado na goivaria;
Quem quer bem trata por tu,
Amor não tem senhoria.

(A.)

4697 Junquilho, flor sem alento,
De que sorte é que tu amas?
Aqui tens este meu peito,
Abraza-te n'estas chammas.

(A.)

4698 Adeus, raminho de murta,
Raminho de perfeição,
Se ha de pôr os pés na rua,
Ponha-os no meu coração.

(B. A

4699 Silva verde não me prendas,
Olha que me não seguras,
Olha que tenho quebrado
Outras algemas mais duras.

(T. I

4700 Silva verde não me prendas,
Que eu não tenho quem me so
Olha que eu tenho quebrado
Outras cadeias mais fortes.

4701 Uma silva me prendeu,
Outra me deu á prisão,
Outra me deu o dinheiro
Para a minha *livração*.

(A.)

4702 Uma silva me prendeu,
Outra me deu á prisão;
Não ha coisa que mais prenda
Do que a silva com razão.

(A.)

4703 Uma silva me prendeu,
Outra me foi a soltar;
Não ha silva que mais prenda
Que os olhos d'um militar.

(A.)

5704 Uma silva me prendeu,
Uma silva pequenina;
Não ha coisa que mais prenda
Que os olhos d'uma menina.

(A.)

4705 Das silvas que ha n'este mundo,
Só uma silva me prende,
Eu amo do coração
A silva que me pretende.

(A.)

4706 Ailé,
Meu bem, meu recreio,
Minha silva d'oiro
Aonde eu me enleio.

(A.)

4707 Ailé.
Lindo mangerico,
Já te vaes embora,
Eu inda aqui fico.

(A.)

4708 O' olhos de preta amora,
Carinha d'amendoa branca
Quero-me afastar de ti,
Mas o teu olhar me encanta.

(A.)

4709 Os olhos do meu meu amor
São duas azeitoninhas,
Fechados são dois botões,
Abertos duas rosinhas.

(A.)

4710 E's *quelaria* como o leite,
Corada como a cereja,
E's o melhor ramalhete
Dos que entram na minha egreja.

(A.)

1711 Minha cereja bical,
De biquinho amarello,
Se te chegar p' a lograr,
Mais nada do mundo quero.

(M.)

4712 Minha laranja da China,
Meu limoeiro galante,
Se vens qui p'a-me ver,
Já me tens amor bastante.

4713 Maria, tu és a lima,
Teu pae é que é o limão,
Tua mãe é a laranja,
Oh! que linda geração!

(A.)

4714 O teu coração é lima,
O teu corpo é limoeiro,
Os teus braços são cadeias
Onde eu vivo prisioneiro.

(A.)

4715 O' limão, ó limãosinho,
E's neto do limoeiro,
Não negues tu, ó limão,
Que és o meu amor primeiro.

(A.)

4716 Oh que bellos limões doces
Que tem aquella menina!
Cá de longe mais parecem
Duas laranjas da China.

(A.)

4717 Tens no seio dois limões,
Inda não foram 'spremidos,
Quando olho para ti,
Varío dos meus sentidos.

(A.)

4718 Teu peito são dois limões,
O teu corpo um limoeiro,
Os teus braços são prisões
Onde eu 'stive prisioneiro.

(A.)

4719 Minha maçã vermelhinha,
Picada do gaio novo;
Inda hoje hei de passar
Pela porta de meu sogro.

(D.)

4720 O' minha pombinha branca,
O' minha branca pombinha,
Quando ha de chegar a hora
Em que te hei de chamar minha!

(D.)

4721 O' minha pombinha branca,
O' minha pomba sem fel,
Mal empregada pombinha
Morrer de morte cruel.

(A.)

4722 Anda cá, pombinha branca,
Anda cá p'r'ó meu pombal,
Has de ser uma infanta
Chegada á casa real.

(A.)

4723 O' minha pombinha branca,
Quando ha de ser a hora,
Que tu has de dar um salto
D'esse pombal para fóra!

(D.)

4724 Adeus, ó largo da praça,
Calçadinho á macadam,
Dentro d'elle está 'ma pomba,
Arrecada os meus rédumes.

(A.)

4725 Eu quero bem a um nome,
Que tem um *A* no começo
Quem souber ler, que me leia,
Sabe por quem eu padeço.

(A.)

4726 O *A* quer dizer amor,
Não há palavra mais doce,
Antes que de mim não gostes,
Gosto eu de ti, acabou-se.

(A.)

4727 A paixão que me domina
P'r um *A* é que principia,
Amizade, não é não,
E' amor, quem tal diria?

(A.)

4728 Quando aprendi a 'screver
Logo foi com tinta preta,
Engracei na letra *A*,
Por ser a primeira letra.

(A.)

4729 O meu nome mais o teu
N'um *A* ligados estão,
O teu lado diz: amor,
O meu lado diz: paixão.

(A.)

4730 *O A* quer dizer amor,
Pela primeira dicção,
O S quer dizer Senhor,
Dono do meu coração.

(A.)

4731 O H é uma letra
Que não entra nas vogaes;
Quero-te bem por vingança,
Quero-te cada vez mais.

(A.)

4732 O L quer dizer Luiza,
O F quer dizer *felor*,
O M quer dizer Maria,
O A quer dizer amor.

(A.)

4733 Que linda letra é o Q.
Cá p'rá o meu entendimento!
O que quer dizer que tenho
Amores ao meu contento.

(A.)

4734 Eu quero bem a um nome,
Mas a letra não a digo,
Não quero que ninguem saiba
Por quem morro, ou por quem vivo

(A.)

4735 Meu nome será amar-te,
O sobrenome querer-te,
O alcunha é lograr-te,
O appellido mer'cer-te.

(A.)

4736 Dizem que Antónia que é minha;
Provera a Deus que assim fôra!
Então era eu de Antónia,
Antónia, minha senhora.

4737 O' Anna, tres vezes Anna,
E Maria só uma vez,
Vale mais uma vez Anna,
Que Maria todas tres.

(A.)

4738 Todas as Annicas são
Doces como o caramello,
E eu como sou guloso,
Pelas Annicas me pello.

(A.)

4739 O' Anna, tres vezes Anna,
O' Anna feita de cera!
Quem fora braza de lume
Anna, que te derretera!

(A.)

4740 Inda hoje não vi Anna,
Nem ao jantar, nem á ceia;
Que é da minha rica Anna?
Que é da minha casa cheia?

(D.)

4742 Ainda hoje não vi Anna,
Nem Anna me viu a mim,
Cada vez que vejo a Anna
Vejo as flor's do meu jardim.

(B. A.)

4743 O' Anninhas, ó Anninhas,
O' Anninhas da varanda!
E's uma carta fechada
Onde o meu coração anda.

(A.)

4743 Ailé,
Maria mais Anna,
Para o meu agrado
Quero Mariana.

(A)

4744 Cath'rina linda e formosa,
Que dás par'cenças á lua,
Inda os meus olhos não viram
Uma cara egual á tua.

(A.)

4745 Deus te salve Magdalena,
Deus te dê a salvação,
Não ha outra como ella
Cá p'r'á minha estimação.

(A.)

4746 Margarida, corpo lindo,
Salva da minha varanda,
Caixinha dos meus segredos,
Onde meu coração anda.

(A.)

4747 Não há nome que me agrade
Como é o de Margarida,
Foi o primeiro amor
Que tive na minha vida.

(B. A.)

4748 Eu, dos nomes que mais gosto
E' do nome de Maria;
Quem te poz tão lindo nome
Meu segredo já sabia.

(A.)

4749 Maria, minha Maria,
Rosario sem mançaneta,
Trago-te no coração,
Na derradeira gaveta.

(D.)

4750 Maria, minha Maria,
Minha 'strella relusente,
Quem tem amor's com Maria
Gosa de gloria p'ra sempre.

(A.)

4751 Maaia, minha Maria,
Meu rosario, meu botão,
Meu oratorio de vidro
Aonde eu faço oração.

(D.)

4752 Maria, minha Maria,
Meu pucarinho d'Aveiro,
Todos andam á porfia
Quem te ha de lograr primeiro.

(D.)

4753 Maria, minha Maria,
Meu pucarinho de tenda,
Se alguem te quizer comprar,
Diz-lhe que estás de encommenda.

(E.)

4754 Maria, minha Maria,
Maria, *mê* doce bem,
Nos dias que te *naa* vejo,
Naa me importa a mim ninguem.

(A.)

4755 Maria, minha Maria,
Tu és o meu ai Jesus!
Nos dias que te não vejo
Nem a candeia dá luz.

(A.)

4756 Maria, minha Maria,
Quem me dera já ser teu,
Para outra não votar
Num coração que é só meu.

(A.)

4757 Maria, dá-me o teu nome,
Que também quer ser Maria,
As Marias são alegres,
Eu quero ter alegria.

(A.)

4758 Maria sei que te chamas,
Por sobrenome luzeiro,
Vale mais teu sobrenome
Que o imperio do mundo inteiro.

(A.)

4759 Eu quero bem ás Marias,
A's Marias quero bem,
Marias são lindas caras;
Lindos olhos têm também.

(A.)

4760 O coração de Maria
Dizem que o tenho eu;
O coração sem o corpo,
Para que o quero eu?

(A.)

4761 O coração de Maria
Quem o podera apanhar
Pois eu tambem tenho um
Para na troca lhe dar.

(A.)

4762 Por Maria é que eu me morro,
E por Anna é que eu padeço,
Se não lograr uma d'ellas
Estou certo que endoidéço.

(A.)

4763 Lá vem a manhã na serra,
Lá vem o *quaiuro* dia,
Lá vem a Maria Rosa,
Lá vem a Rosa Maria,

(A.)

4764 Com oito letras se escreve
O nome de Marianna,
Com quatro tambem se escrevem
Os de Rosa, Iria e Anna.

(A.)

4765 S'ora D. Marianna,
E' d'assucar e canella,
Aqui nestes arredores
Não ha outra como ella.

(A.)

4766 Eu entreguei a Antonio
A chave do pensamento,
Antonio é moço firme,
Já o amo ha muito tempo.

(A.)

4767 Se o meu amor fôra Antonio,
Assim como é João,
Mandav'ó engasgraíar
Dentro do meu coração.

(A.)

4768 António, vem a meus braços,
Unir-m'os peito com peito,
Ao depois d'esta nuião,
Ter-te amor não é defeito.

(A.)

4769 Antonio, meu oratorio,
Caixinha dos meus segredos,
Quem te disse a ti, Antonio
Que eras a flor dos mancebos?

(A.)

4770 Antonio, por mais que eu queira
Teu lindo nome esquecer,
Está gravado em meu peito,
Ha de lembrar-me até morrer.

(A.)

4771 Dizem meu bem é Antonio,
Na bocca das trapaceiras,
Pois hei-de amar um Antonio,
Para as fazer verdadeiras.

(A

4772 Antonio me deu um beijo,
Cheio de flor'a, lá na praça,
Se eu nasci para João,
Que quer Antonio que eu faç

4773 O meu amor é Antonio,
Antonio da Conceição,
Hei-de mudar-lhe o seu nome
De Antonio para João.

(A.)

4774 Deus te salve Antonio Dias,
Usas marrafinha ao lado,
Trazes gorro na cabeça,
E tens acções de fidalgo.

(A.)

4775 Quatro nomes ha no mundo
Que a mim me devem paixão,
E' Antonio, é José,
E' Manoel, é João.

(A.)

4776 Meu amor não é Antônio,
Nem Francisco, nem João,
E' um lindo Josésinho,
Muito da minha feição.

(E.)

4777 O meu amor é Domingos,
Eu Domingos hei de amar:
Domingos são dias santos,
Eu todos hei de guardar.

(A.)

4778 Eu quero bem *ós* Domingos.
O's Domingos quero bem,
Domingos são dias santos,
De oito em oito dias vem.

(A.)

4779 Eu quero bem a Domingos,
A Domingos quero bem,
Domingos Dias dos Santos
E o mais eu no meu bem.

(A.)

4780 O meu amor é Francisco,
Que lhe puseram na pia,
O sobrenome da Graça,
Para mais minha alegria.

(A.)

4781 Franciscazinho, meu tinteiro
Da tinta com que se escreve,
Se os meus olhos te não logram,
Deus d'este mundo te leve.

(A.)

4782 Francisco, por ti me arrisco,
Por ti perco o meu valor,
Se foras frade, Francisco,
Serias meu confessor.

(A.)

4783 O chico caiu no poço
Vestidinho de licor,
Vós ide buscar o Chico,
Que o Chico é meu amor.

(D.)

4784 Ailé,
Francisco, Francisco,
Amar-te, querer-te,
A tudo me arrisco.

4785 O meu amor não é este,
O meu amor é João,
E' coradinho do rosto,
Alegre no coração.

(D.)

4786 O meu amor é João,
E João é que ha de ser,
E se eu não casar com elle
Solteira hei de morrer.

(A.)

4787 Não ha nome que me agrade
Como é o de João,
Cá o tenho já gravado
Em roda do coração.

(T. M.)

4788 O meu amor é João,
Antes o q'ria Joaquim,
Paciencia, não importa,
João nasceu para mim.

(E.)

4789 Ailé, ailé,
O' João, João,
Eu hei de te dar
A m'nha d'reita mão.

(A.)

4790 Ailé,
João, ó João,
'Stás um bello moço,
Dá-te á estimação.

(A.)

4791 O retrato de Joaquim,
Defrençado de João,
O retrato do meu bem,
Trago-o eu no coração.

(A)

4792 Joaquim é pano fino,
Que se vai vender á praça;
Digam lá o que quizerem,
Joaquim caiu-me em graça.

(A.)

4793 Joaquim, ó Joaquimsinho,
A minh'alma a tua adora,
Não posso estar sem te ver
Nem ao menos uma hora.

(A.)

4894 Não quero Pedro, que é pedra,
Nem José, que é crueldade,
Quero o amor de Joaquim,
Que é muito á minha vontade.

(A.)

4795 O' José, teu nome é joia,
O teu nome joia é,
Cada vez que falo em joia
Logo me lembra José.

(A.)

4796 José é nome de joia,
Quem lh'o pôz não lh'o errou,
A joia é para o peito,
José no meu peito anda.

4797 O' José, ó Josésinho,
Tudo te diz a matar!
Até o lencinho branco,
Quando te vaes a assoar.

(A.)

4798 O' José, ó Josésinho,
Teu nome me vae matar,
De dia no pensamento,
A' noite no *maginar*.

(A.)

4799 Dá-me o retrato, José,
Passa-o para a minha mão,
Que o teu retrato, meu bem,
Hei de tel-o em 'stimação.

(E.)

4800 José quero, José amo,
José trago no sentido;
Por amor de ti, José,
Trago o juizo varrido.

(A.)

4801 José amo, José quero,
José trago nos sentidos,
Por causa de ti, José,
Trago os meus somnos perdidos.

(T. M.)

4802 *O meu* amor é polaco,
Elle ahi vem de boné,
Não trocava o meu polaco
Pelo nome de José.

4803 O meu amor é José,
Quem o ha de duvidar?
O padrinho pôz-lhe o nome
Quando se foi baptisar.

(A.)

4804 O meu amor é José,
O sobrenome, não sei,
Como são amores novos,
Inda não lh'o perguntei.

(A.)

4805 Não ha nome mais bonito
Do que é José para amar,
Se eu chegar a ter amor,
José se ha-de elle chamar.

(A.)

4806 Lindo nome o de José!
Com quatro letras se escreve,
Cá para o meu coração
Não ha outro mais alegre.

(A.)

4807 Olhe lá, senhor José,
Ouça o que lhe vou contar:
Se eu tivesse os quinze annos
Não me havia de escapar.

(A.)

4808 Ai, ai,
O' lindo José,
'Stou escaldada
No teu *cachimé*.

(A.)

4809 Manoel, ó Manoel,
O' Manoel do Senhor,
O Senhor te faça padre,
Para ser's meu confesaor.

(D.)

4810 Manoel, dei-te meu peito,
Vira-te cá para mim,
Ama-me com lealdade,
Assim como te amo a ti.

(A.)

4811 Manoel é um perdido,
Que perde quanto lhe dão;
Eu inda não perdi nada,
Menina, da tua mão.

(D.)

4812 O nome de Manoel
Trago eu na minha algibeira,
Atado á minha cintura
Com uma fita estrangeira.

(A.)

4813 Manuel é pano fino,
Salpicadinho da traça;
Digam lá o que disserem
Manoel cahiu-me em graça.

(A.)

4814 Manoel é pano fino,
Que se vai vender á feira,
Comprem moças, comprem moças,
Que é pano que veio da Beira.

(A.)

4803 O meu amor é José,
Quem o ha de duvidar?
O padrinho pôs-lhe o nome
Quando se foi baptisar.

(A.)

4804 O meu amor é José,
O sobrenome não sei,
Como são amores novos
Inda não lh'o perguntei.

(A.)

4805 Não ha nome mais bonito
Do que é José para amar,
Se eu chegar a ter amor,
José se ha de elle chamar.

(A.)

4806 Lindo nome o de José!
Com quatro letras se escreve,
Cá para o meu coração
Não há outro mais alegre.

(A.)

4807 Olhe lá, senhor José,
Ouça o que lhe vou contar:
Se eu tivesse os quinze annos
Não me havia de escapar.

(A.)

4808 Ai, ai,
O' lindo José,
'Stou encantada
No teu *cachimé*.

09 Manoel, ó Manoel,
O' Manoel do Senhor,
O Senhor te faça padre,
Para ser's meu confessor.

(D.)

10 Manoel, dei-te meu peito,
Vira-te cá para mim,
Ama-me com lealdade,
Assim como te amo a ti.

(A.)

11 Monoel é um perdido,
Que perde quanto lhe dão;
Eu inda não perdi nada,
Menina, da tua mão.

(D.)

12 O nome de Manoel
Trago eu na minha algibeira,
Atado á minha cintura
Com uma fita estrangeira.

(A.)

13 Manuel é pano fino,
Salpicadinho da traça;
Digam lá o que disserem
Manoel cahiu-me em graça.

(A.)

14 Manoel é pano fino,
Que se vai vender á feira.
Comprem moças, comprem moças,
Que é pano que veio da Beira.

(A.)

4827 Pediram-me que te deixasse
Por alma da minha avó,
E eu *lê dil* por resposta:
Não sou eu quem amo só.

(A.)

4828 O meu amor quer'-me muito,
Sempre m'o está a dizer,
Eu muito lhe quero a elle,
Nada lhe fico a dever.

(A.)

4829 Quero bem *ó* meu amor,
Por cima de um bem querer,
Quem disser que lhe quer mais,
Minte, que não pode ser.

(A.)

4830 Como te eu amei não sei,
E nem te o posso dizer,
Foi um dormir acordada,
Foi um sonhar a morrer.

(B. A.)

4831 O' meu amor, meu amor,
O' meu amor, sim *ó* não,
Quem me quizer namorar,
Tem agora occasião.

(A.)

4732 O meu amor é um dengue,
E' todo dado á denguice,
Ainda não vi um dengue
Mais dado á gaiatice.

4833 O meu amor é um «dangue»
E' mais «danguinho» do que eu,
Amor tão «adangadinho»
Ninguem «no» tem senão eu.

(A.)

4834 O meu amor é um dengue,
Ainda mais dengue que eu,
Amor tão adengadinho
Não ha outro como o meu.

(T. M.)

4835 Como tive occasião,
Ao meu bemsinho falei.
Certas coisinhas me disse
Que nunca me esquecerei,

(A.)

4836 Eu te vi, e tu me viste,
Suspirastes, suspirei,
Qual de nós amou primeiro,
Tu o sabes, eu não sei.

(A.)

4837 Seja dia, ou seja noite.
Eu não durmo, não socêgo,
Todo o tempo que me sobra
Em te amar eu o emprego.

(A.)

4838 Ha quatro dias com hoje
Que ando para lhe falar,
A vergonha me desvia,
O amor me faz chegar.

(A.)

4839 O meu amor me disse hontem:
P'ra domingo falaremos;
A semana tem seis dias,
Eu ainda q'ria menos.

(D.)

4840 Eu hei de te amar *ós* mezes,
Que ás semanas acho pouco,
Quero que a tua mãe diga
Que este nosso amor é louco.

(A.)

4841 Quando te não conhecia
Nada de ti se me dava,
Sem pensamentos dormia,
Sem cuidados acordava.

(A.)

4842 Ao deserto fui chamada
P'ra servir de testemunha;
Dizer mal do meu amor
Não me faz conta nenhuma.

(A.)

4843 O' sério, meu bem ó sério,
O' sério, devagarinho,
Quanto mais ó sério, ó sério,
Mais eu quero ao meu bemsinho.

(A.)

4844 Bem aja quem te creou,
No mundo tanto á vontade!
Só em ti é que se achou
Juizo e capacidade.

(A.)

4845 Quero-te bem, quer'-te, quer'-te
Não nego a minha cegueira,
Na era em que nós *estemos*
Eu não tenho a quem mais queira.

(A.)

4846 Bem haja quem te criou,
Quem te deu a creação,
Só em ti é que se achou
Juizo, e consideração.

(A.)

4847 Foi a rir e a brincar,
Que de ti me namorei,
Agora quero estar séria,
Meu amor, e já não sei.

(A.)

4847 Anda cá que inda o não és,
E inda o podes vir a ser,
Casares, enviuvares,
E vir's para o meu poder.

(A.)

4849 O' meu amor, meu amor,
Quem te amava já morreu,
Trata-me com lealdade,
Quem te ama agora sou eu.

(A.)

4850 Quero-te mais que ao sabor,
Que *me* serve de sustento,
Se te não lograr, amor,
De paixão eu arrebento.

(A.)

4851 O' meu amor, meu amor,
Minha primeira affeição,
Has de ser o oratorio
Onde eu faça a oração.

(D.)

4852 Quanto mais eu 'stou comtigo
Menos posso estar sem ti,
Que a paixão que nasce d'alma
Tem principio e não tem fim.

(A.)

4853 Se o *amore* fôra crime,
Criminoso fôra eu,
Quanto maior o castigo,
Maior fôra o amor meu.

(A

4854 Se eu tivera, não pedia,
Só p'ra não importunar,
Mas como não tenho, peço
A quem tenha que me dar.

4855 Quem me dera ser tão leve
Bem como é o pensamento,
Que falava ao meu amor,
E inda me sobrava tempo.

4856 Se q'rer-te bem é delicto,
Venha o juiz que me prend
Abra as portas da prisão,
Que eu não quero ter e

57 Escusado é eu querer
Deixar-te por outro amor,
Para ti não posso ter
Ouvidos de mercador.

(A.)

58 O meu bem diz que me ama,
Elle afirma, elle jura,
Não é para mim tanto bem,
Não tenho tanta ventura.

(A.)

59 Ninguem no mundo haveria
Tão feliz que me egualasse,
Se a par do meu caro bem
Os meus dias eu passasse!

(A.)

60 Adeus ó minha saudade,
Espelho do meu sentido,
Por vêr vossa magestade
Eu venho cego e perdido.

(A.)

61 O que é feito de vontade,
Inda não cançou ninguem,
Por isso não 'stou cançada
De falar com o meu bem.

(A.)

62 Tu é que és aquelle, aquelle,
Aquelle a quem eu venero,
Tu é que és o meu amor,
E's aquelle a quem eu quero.

(A.)

4863 Tu é que és aquella, aquella,
Aquella a quem eu venero,
Tu é que és aquella, aquella
A quem eu queria e quero.

(A.)

4864 Anda cá linda, tão linda,
Anda cá bella, tão bella,
Tu é que és aquella ainda,
Tu é que és ainda aquella.

(A.)

4865 Anda cá bella, tão bella,
Anda cá linda, tão linda,
Tu é que és aquella, aquella,
Tu é que és aquella ainda.

(A.)

4866 Não quero nada do ôvo,
Nem da clara, nem da gemma,
Anda cá meu amor novo,
Que te quero amar por teima.

(A.)

4867 Não quero nada do ôvo,
Nem da gemma nem da clara,
Anda cá, meu amor novo,
Que te quero amar por gala.

(A.)

4868 Eu *nan* quer' nada do ôvo,
Nem da gemma nem da clara,
Anda cá, meu amor novo,
Quem ama em nada repara.

(A.)

4869 Atrevimento é o vêr-te,
Diligência procurar-te,
O sentimento perder-te,
Pouco saber o deixar-te.

(A.)

4870 Já fiz votos de querer-te,
Mil empenhos de adorar-te,
Fortuna foi conhecer-te,
Desgraça será deixar-te.

(A.)

4871 Eu quero-te bem sem nada.
Sem nada te quero bem,
Quero-te mais a ti, sem nada,
Que áquelle que muito tem.

(A.)

4872 O meu amor não stá 'qui,
Ha de vir para o Entrudo,
Venhá quando elle quizer,
Que eu por elle deixo tudo.

(A.)

4873 Cada um por si vasa
Meu amor, quero-te muito,
Em lá indo á tua casa
Saberás por quem pergunto.

(A.)

4874 Não me namoram os teus teres,
Nem teus teres me namoram,
Namoram-me os teus agrados,
Para que os prantes cá fóra.

(D.)

4875 Não me namora o teu ter,
Nem a tua formosura.
Namoram-me êsses agrados
Com que te prantas na rua.

(D.)

4876 De correr venho cançado,
De cançado me sentei,
Já achei o que buscava,
Agora descançarei.

(A.)

4877 Liberdade, liberdade,
Foi coisa que nunca vi.
Se eu tivera liberdade,
Sempre estava ao pé de tí.

(A.)

4878 Andas a baixo e acima
Como o retroz na balança,
E emquanto eu não fôr tua,
Teu coração não descança.

(A.)

4879 Andas abaixo e a riba
Como o retroz na balança,
Emquanto não fores minha,
Meu coração não descança.

(E.)

4880 O meu amor é do campo,
E' do campo, é camponez,
Mais vale um homem do campo,
Que da villa dois ou trez.

4881 O meu amor é do campo,
E' do campo e é pimpão,
No domingo na cidade,
Parece-me um cidadão.

(A.)

4882 O meu amor é da serra,
E' da serra, é serrano,
Mais vale um homem da serra,
Que da villa algum magano.

(A.)

4883 Dá-me um ar da tua graça,
Faz-me ao menos a vontade,
Não procures que não achas,
Quem te dei mais amisade.

(A.)

4884 Eu não sei como pagar-te,
O teu amor e amizade,
Mas como não sei 'scolher
Fica isso á tua vontade,

(A.)

4885 Eu vi-te, gostei de ti,
A ponto de endoidecer,
Eu puz-te a amizade toda,
Meu amor, que hei de fazer?

(T. M.)

4886 Comtigo, em triste cabana,
Mais alegre eu viveria,
Do que em soberbos palácios
Sem a tua companhia.

(A.)

4887 E's o meu só pensamento,
E's a minha sympathia.
Serei feliz se gosar
Tua amável companhia

(A.)

4888 Eu não sei que sympathia
Minh'alma comtigo tem,
Sem a tua companhia,
Nada me parece bem.

(A.)

4889 De que me servem, sem ti,
Os bens que a fortuna dá?
Sem elles vivemos pobres,
Mas sem ti quem viverá?

(A.)

4890 Dizem que o meu bem é feio
Se é feio ninguem o queira.
Seja elle como for,
Não o quer' p'r'á cantareira.

(A.)

4891 Eu quero bem, e não quero
Dizer a quem quero bem,
Quero bem seja a quem for
Dizel-o não me convem.

(A.)

4892 Meu amor, se Deus quiser,
Inda nos hemos de vêr,
O mundo dá muita volta
Tua posso vir a ser.

4893 Quem me dera e noite escura
Ser por ti agasalhado,
No teu cesto de costura
Eu dormia enroscado.

(A.)

4894 Nem meu pae, nem minha mãe,
Nem meu próprio confessor
Me dizem as palavrinhas,
Que me diz o meu amor.

(A.)

4895 Se eu soubera que me amavas
Lá na tua freguezia,
E' longe, não me importava,
A diligência eu faria.

(A.)

4896 Quem me dera dar um ai
E chegar aonde eu quero,
Que dissera ao meu amor:
Este é o ai que eu venero.

(A.)

4897 Toda a vida me morri,
Por ter uma saudade:
Desde a hora que nasci
Que eu te tenho amisade.

(A.)

4898 Toda a vida me morri
Por ter amor's na cidade,
Agora já lá os tenho,
Já Deus me fez a vontade.

(A.)

4899 Toda a vida desejei
Ter amores n'uma horta,
Agora já lá os tenho,
Da cidade não me importa.

(A.)

4900 Confesso que nunca tive
Amor leal a ninguem,
Só para ti se me abriram
As azas do querer bem.

(A.)

4901 Protesto que nunca tive
Amor firme a ninguem,
Só para ti se me abriram
As portas do querer bem.

(D.)

4902 Anda cá meu todo bem,
Meu asseiado branquinho,
Tu és o meu bem amado
Eu sou o teu *belindrinho*.

(M.)

4903 Entre a branca e a trigueira,
Não sei qual hei de escolher,
Antes bem quisera ambas,
Mas isso não pode ser.

(A.)

4904 Se o teu retrato falasse!
Se o teu retrato sentisse!
Elle mesmo te diria
O que fiz e o que lhe disse.

4905 Hei de te mandar pintar
No sobrecéo do meu leito,
Para vêr o teu retrato,
A' noite quando me deito.

(E.)

4906 Já te mandei retratar
Nas ombreiras do meu quarto,
Cada vez que tu me lembras
Olho para o teu retrato.

(A.)

4907 Quando eu era pequenino
Acabado de nascer,
Inda mal abria os olhos
Já gostava de te vêr.

(A.)

4908 Quando eu era pequenino,
Era muito *brejeirête*,
Mas que havia de ser tua,
Meu amor, então jurei-te,

(E.)

4909 Quando eu era pequenina.
Que a minha mãe me embalava,
Já uma voz me dizia.
Que para ti me criava.

(A.)

4910 Meu lindo baguinho d'oiro,
Minha rendinha engommada,
Muito antes de tu nasceres
Já meu coração te amava.

(A.)

4911 Meu amor é pequenino,
Já lhe não chamam pequeno,
Já vae sendo maiorsinho
Pelo amor que lhe tenho.

(A.)

4912 Meu amor é pequenino,
No meio de mil o conheço,
Todos m'o querem comprar,
O meu amor não tem preço.

(A.)

4913 O' meu amor pequenino,
Põe-te da banda do sol,
Abaixo de Deus não tenho
A quem eu queira melhor.

(M.)

4914 O meu amor é baixinho,
E' assim da minha altura,
E' trigueirinho no rôsto
Delicado da cintura.

(A.)

4915 O meu amor é rapaz,
Eu também rapariga.
Namora-me de pequena,
Entre nós nunca hav'rá briga.

(A.)

4916 Ai que dita tenho eu,
Em ter o amor creança!
Nem de noite, nem de dia,
Se me tira da lembrança.

(A.)

4917 Por amar e querer bem
Me querem tirar a vida;
Quero amar-te quer'-te bem,
Que o amor é que me obriga.

(A.)

4918 Por amar e querer bem
Querem tirar-me a vida,
Hei-de amar e querer bem.
Dar a vida por perdida.

(T. M.)

4919 Se te eu lograr e morrer,
Da morte já se não me dá,
Se Deus me der esse gosto,
Logre-te eu e morra já.

(D.)

4920 Eu quizera que ao morrer,
Minh'alma ficasse aqui,
Sómente para saber
O que dirias de mim.

(A.)

4921 Se eu morrer á tua porta
Enterra-me ao *lumiar*,
Fazei-me a cova baixinho,
Quero-te ver passear.

(D.)

4922 Se eu morrer na tua casa
Enterrae-me ao *lumiar*,
Que eu inda depois de morto
Quero comtigo brincar.

(D.)

4923 Quando eu estiver morrendo,
Não tendo quem me socorra,
Fixa o teu olhar no meu,
Que pode ser que não morra.

(A.)

4924 Se eu morresse *a mal* comtigo,
Muitas vezes tenho dito,
Nunca havia de esquecer
O teu rosto tão bonito.

(A.)

4925 Quem me dera já morrer,
Depois de morta ter vida,
Só p'ra ver quem te gosava,
Prenda d'alma tão querida.

(A.)

4926 Eu se te não amo morro,
Se te adoro há quem me mate,
Se de toda a sorte morro,
Quero morrer e adorar-te.

(A.)

4927 O' amor, fala-me á noite,
Succeda o que succeder,
Eu tenho só uma vida,
Por ti a quero perder.

(A.)

4928 Tendes falas que dão vida,
Dae-me uma que estou á morte,
Uma fala não é nada
Para quem 'stá d'esta sorte.

(M.)

4929 Tendes falas que dão vida,
Dae-me uma, que estou morrendo,
Uma fala não é nada
Para quem 'sta padecendo.

(M.)

4930 Amar-te firme, com fé,
Isso farei, creatura,
Eu hei de te amar *inté*
Dar meu corpo á sepultura.

(A.)

4931 Amar-te na sepultura,
O' meu amor, quem podera!
Seria a última coisa
Que eu p'lo meu amor fizera.

(A.)

4932 Eu mandei fazer a cova,
P'ra o dia que hei de morrer,
A' porta do meu amor,
Mesmo ali é que ha-de ser.

(A.)

4933 Se eu soubera que tu davas
Um só passo por me vêr,
Eu te promettia ao certo
Outros amores não ter.

(A.)

4934 Se eu soubera, meu amor,
Que tu me querias bem,
Rendia-te uma fineza
Como não rendo a ninguem.

(A.)

4935 Não me importa que eu por ti
Tenha a sorte desgraçada,
E' sacrificio mais forte
'Star minha alma apaixonada.

(A.)

4936 Homens altos, delgadinhos,
E' a minha enlevação,
Aquelles que são baixinhos
Inda mais graça me dão.

(A.)

4937 O' vida da minha vida,
O' vida do meu viver,
Viver sem ti não é vida,
Viver sem ti é morrer.

(D.)

4938 Na conversa mais sincera
Me prendeu tua amizade,
Agora vejo-me prêsa,
Já não tenho liberdade.

(A.)

4939 Estou presa e bem presa,
Meu amor é o malsim,
Se as paixões do amor são doces,
Ninguem tenha dó de mim.

(A.)

4940 O encarnado é vingança,
Que se vinga do amarello,
Eu não te amo por vingança,
Mas pelo bem que te quero.

4941 Se me amas com firmeza,
Faz p'ra comigo falares,
Que minhas letras são certas,
Eu te as quero declarar.

(A.)

4942 Eu sei ler e sei 'screver,
Faço letras derretida,
Se tu me não captivares,
Outro amor me não captiva.

(A.)

4943 Com sete letras se escreve
O nome de quem adoro,
Quem souber ler, que soletre,
Saberá por quem eu choro.

(A.)

4944 O' meu amor, meu amor,
Escreve, que eu vou notando,
Assenta que eu por ti morro,
Sem saber hora, nem quando.

(A.)

4945 Escrevera-te uma carta
Nas costas da mão direita,
Se a tua a souberas ler,
Minha rolinha perfeita.

(B. A.)

4946 *Aceitai-me* esta cartinha,
Escrita em letras azues,
'Stou presa da tua mão
Não posso ir p'ra nenhures.

(B.)

4947 Vou-te escrever uma carta,
Cada vez me lembras mais,
Em cada ponta um suspiro,
No meio vão os meus ais.

(D.)

4948 O' meu bem, meu bem,
Lá vae o *reguebro*,
Os dias alegres
São os que eu celebro.

(A.)

4949 Se o meu bem agora
Viesse aqui ter,
Uma missa ás almas
Mandava dizer.

(A.)

4950 Meu amor não era,
Tem-se agora feito
Um tal figurão,
Que mette respeito

(A.)

4951 Eu tenho corrido,
Eu tenho andado,
A' tua pergunta,
Não te tenho achado.

(A.)

4952 Quando eu não tinha,
Desejava ter
Amores comtigo
Sem ninguem saber.

4953 Eu hei de te amar,
Eu hei de te q'rer,
Ainda que saiba
A vida perder.

(A.)

4954. Anda cá, amor,
Senta te aqui,
N'esta cadeirinha
De pau d'alecrim ;
N'esta cadeirinha
De pau encarnado,
Anda cá, amor,
Senta-te a meu lado.

(A.)

4955 Anda cá, amor,
Para mim correndo,
Vem dar-me um allivio
A quem 'stá morrendo.

(A.)

4956 Anda cá, paixão,
Leal conselheira,
Vem viver comigo
Até que Deus queira.

(A.)

4957 Anda cá, meu bem,
Para mim correndo,
Dá-me a tua mão.
Que é o que eu pretendo.

4958 Anda cá, meu bem,
Anda cá p'r'áqui,
Que te quero ver,
Que inda não te vi.

(A.)

4959 Anda cá, meu bem,
Não te vás embora,
Que eu não posso estar
Sem ti uma hora.

(A.)

4960 Ailé,
Não te vás ainda,
Que eu não posso estar
Sem ti, cara linda.

(A.)

4961 Anda cá, meu bem,
Não vás p'r'ó deserto,
Entra p'r'ó meu peito,
Que é um ceo aberto.

(A.)

4962 Anda cá, amor,
Para mim agora,
Vem dar um allivio
A quem por ti chora.

(A.)

4965 Meu bem,
Lá tóra, no campo,
Mora o meu amor,
A quem quero tanto.

4964 O' minha tricana,
Minha tricaninha,
Não fujas tricana,
Não fujas pombinha.

(D.)

4965 Minha rica aurora,
P'r'á esquerda é logar,
Ao pé do meu bem
Não posso parar.

(A.)

4966 Minha rica aurora,
P'r'á esquerda, p'r'á esquerda,
Ao pé do meu bem
Não posso estar quêda.

(A.)

4967 Amor,
Allivia o lucto,
Que esse pouco tempo
Me parece muito.

(A.)

4968 Ailê,
O' *mê* bem, *mê* bem,
O que tu quizeres,
Quero eu tambem.

(A.)

4969 Ailê,
Meu bem, todo, todo,
Ainda não te amo
Já o sabe o povo.

(A.)

4970 Ailé,
E' um regalinho
Falar ao amor
Quando está sósinho..

(A.)

4971 Ailé,
Rua do Grivão,
Quem lá tem amores
Ganha a salvação.

(A.)

4972 Ailé,
Ai flores, ai fitas,
Morrer, acabar,
P'las moças bonitas

(A.)

4973 Ailé,
Que eu digo, e eu digo,
Deus me não mate
Sem viver comtigo.

(A.)

4974 Ailé,
Eu quero-te muito,
Responde-me, amor,
Ao que te pergunto.

(A.)

4975 Ailé,
O' amor, amor,
Hei de te levar
Para onde fôr.

(A.)

4976 Ailé,
Anda cá correndo,
Vem a dar remedios
A quem 'stá morrendo:

(A.)

4977 Ailé,
Viva a contenda
Do meu amor,
Que é o *Zé* da tenda.

(A.)

4978 Ailé,
Maria, Maria.
Essa tua cara
E' a luz do dia.

(A.)

4979 Ailé,
O' amor, só tu
Tem a liberdade
Que não tem ninguem.

(A.

4980 Ailé,
O' meu bem amado,
A' tua procura
E' que tenho andado.

(A.)

4981 Ailé,
O' amor, amor,
E' pena e pecado
Andar's ao calor.

(A.)

4982 Ailé,
Cadeias só uma,
Para o meu amor
Não quero nenhuma.

(A.)

4983 Ailé,
Eu quer', eu queria,
Nesse teu peitinho
Armar cantoria.

(A.)

4984 Ailé,
Eu quer', eu queria,
Entrar em teu peito,
Armar bateria.

(A.)

4985 Ailé, Ailé,
Eu quero, eu quero,
Nesse teu peito
Armar um castello.

(A.)

4986 Ailé,
Eu quero-te bem,
Bem o sabes tu
Melhor que ninguem.

(A.)

4987 Ailé,
Suspiros e ais,
Por ti, meu amor,
Cada vez dou mais.

(A.)

4988 Ailé,
D'aqui para alem
Vae o meu sentido
Num minuto e vem.

(A.)

4989 Ailé, ailé,
O' meu rico bem,
Quem te dá a vida
Dará quanto tem.

(A.)

4990 Ailé,
Deixa vir o v'rão,
Que eu te apanharei
Cá p'r'á minha mão.

(A.)

4991 Ailé,
Tão doce, tão doce,
Eu não estava aqui,
Se o meu bem não fosse!

(A.)

4992 Ailé,
Monte da Moreira,
Não vejo mais nada
Que o que o meu bem queira,

(A.)

4993 Ailé,
Lá na do Brito,
O meu bem amado
E' um palmito.

(A.)

4994 Ailé,
O' amór sincero,
Vae para a cidade,
Que eu ali te espero.

(A.)

4995 Ailé,
Monte do Moiro,
O meu bem amado
E' um cravo d'oiro.

(A.)

4996 Ailé.
Lá em Sant' Olaia,
O meu lindo amor
E' o que faz raia.

(A.)

4997 Ailé,
Lá na Casa Branca,
O meu lindo amor
E' o que desbanca.

(A.)

4998 Ailé,
P'ra lá do Torrão,
E' aonde eu tenho
Minha adoração.

(A.)

4999 Essa tua perna
E' muito catita,
Não é como algumas
Que é mesmo uma guita.

(M.)

5000 Ailé,
Carinha dum anjo,
Se vaes e me deixas,
E' um desarranjo.

(A.)

Em respeito a esta secção, veja tambem os Cantos n.os 24 a 26, 31, 33, 39, 40, 49, 50 53 a 56, 65, 246, 253, 258, 279, 298, 299, 330, 349, 350, 367, 371, 372, 392, 404, 438, 461, 487, 499, a 501, 503, 506, 508, 510, 517, 519, 520, 733, 786, 798, 799, 803, 809, 810, 915. 916, 938, 942, 946, 947, 951, 968, a 972, 977, 979, 983, 988, 990 a 993, 1000, e 11 e 15, e 18, e 21, e 26, e 28 a 32, e 37, e 38. e 40, e 45, e 46, e 48. e 79, e 80, e 99, 1101, e 13, e 14, e 18, e 20 a 22, e 24 a 29, e 36, e 37, e 41, e 43, e 45 e 53, e 54, e 58, e 61, e 64, e 65, e 67, e 89 a 91, e 94, e 1206, e 07, e 09, e 14, e 15, e 17, a 19, e 23, e 25, e 29, e 30, e 37, e 38, e 44, e 46, e 51, e 58, e 62, e 98, 1307, e 24, e 32, e 33, e 55, e 56, e 62, e 93, 1422, e 35, 91, e 1502, e 03, e 08, e 36, e 38, e 58, e 90, e 96, 1608, e 09, e 12, e 34, e 36, e 39, e 46, e 59, e 61 a 65, e 67, e 69, e 71, e 80, e 94, 1709, e 27, e 40 e 64, e 71, e 84, e 1810 a 13, e 34, e 37, e 77, e 93, e 94. 1913, e 28, e 54 a 57, e 60, e 63, e 73, e 77, e 82, e 85, e 86, e 89, e 91, 2061, e 69 e 98, e 2102 a 05, e 11, e 50, e 91, e 89 a 2201, e 04, e 16, e 33, e 42, e 57, e 59, e 74, e 98, e 99, 2303 a 06, e 07, e 10, e 11, e 20, e 45, e 48 a 50, e 57, e 84, e 93, e 95, 2414. e 15, e 26, e 34, e 36, e 41, e 45 a 48, e 55, e 56, e 57, e 65, e 72, e 76, e 77, e 82, e 85, e 95, e 97 2503 a